

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA  
FÁTIMA APARECIDA CAMPOS DE OLIVEIRA**

**PROJETOS DE VIDA E REVELAÇÕES LITERÁRIAS:  
MURILO MENDES ESCREVE A ALCEU AMOROSO LIMA**

Juiz de Fora

2017

FÁTIMA APARECIDA CAMPOS DE OLIVEIRA

**PROJETOS DE VIDA E REVELAÇÕES LITERÁRIAS:  
MURILO MENDES ESCREVE A ALCEU AMOROSO LIMA:**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Moema Rodrigues B. Mendes

Juiz de Fora

2017

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca CES/JF – CES/JF**

O48

Oliveira, Fátima Aparecida Campos de,

Projetos de vida e revelações literárias: Murilo Mendes escreve a Alceu Amoroso Lima; orientadora Moema Rodrigues B. Mendes. – Juiz de Fora : 2017.

123 p., il.


Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2017.

1. Murilo Mendes. 2. Alceu Amoroso Lima. 3. Arquivo pessoal. 4. Crítica genética. 5. Epistolografia. I. Mendes, Moema Rodrigues B., orient. II. Título.

CDD: 869.8

OLIVEIRA, Fátima Aparecida Campos de.  
**Projetos de vida e revelações literárias:**  
Murilo Mendes escreve a Alceu Amoroso  
Lima. Dissertação apresentada como  
requisito parcial para a obtenção do título  
de Mestre em Letras do Centro de Ensino  
Superior de Juiz de Fora, CES/JF, área de  
concentração: Literatura Brasileira. Linha  
de pesquisa: Literatura de Minas: o  
regional e o universal, realizada no 2º  
semestre de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Moema Rodrigues Brandão Mendes (CES/JF)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Valéria Cristina Ribeiro Pereira (CES/JF)

  
\_\_\_\_\_

Prof. Dr. Marcelo dos Santos (UNIRIO)

Examinado(a) em: 25/08/2017.

Dedico este trabalho

Ao Jorge Luiz, companheiro perfeito, meu amor e minha gratidão.

À Thatiana Karla e Thainara Maria minhas filhas queridas.

À Kamilla Picoli, por ser a melhor parte do meu fluxo de consciência.

Ao Renatho Henrique, com o amor que posso, tenho e conheço.

## AGRADECIMENTOS

Nesses dois anos e meio em que me propus a desenvolver esta pesquisa foram anos difíceis, os desafios foram muitos, a caminhada cheia de tudo que compõe o amadurecimento.

Agradeço ao Nosso Senhor Jesus Cristo, divino e amado Mestre, meu irmão maior, meu companheiro de todas as horas, pela fé despertada em mim, traduzida em perseverança nos momentos mais difíceis de minha vida.

Agradeço ao meu pai Jorge Baptista Campos (BAP), que sempre me incentivou a “Vencer os obstáculos que surgissem com dignidade e sem medo”.

Agradeço ao meu esposo Jorge Luiz Araújo de Oliveira, por me dar tanto e ainda considerar que esse tudo é nada! E que, sem seu apoio eu jamais poderia desfrutar deste momento.

Orientadora querida, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Moema Rodrigues Brandão Mendes, eu te agradeço pelas orientações, estudos e carinho. Sem dúvidas este sonho só se realizou porque você aceitou sonhá-lo comigo e porque tive o privilégio de contar com o seu incentivo e atenção de sempre. Sentirei saudades...

À minha querida parceira de pesquisa e estudos Maria Elizabete Fernandes Affonso, pela amizade, encorajando-me sempre no meu trabalho.

A Bárbara Nolasco e Mara Francisquini minhas companheiras de Mestrado pela cooperação e colaboração na pesquisa, sem vocês esse trajeto seria, mais confuso e solitário.

Ao Centro Cultural Alceu Amoroso Lima para A Liberdade/CAALL, em Petrópolis, RJ, pelo acervo de ótima qualidade, e à Arquivista Maria de Fátima Moraes Argon responsável pelo Arquivo Tristão de Athayde (ATA), pelo tratamento cordial.

Ao Museu de Arte Murilo Mendes, MAMM, em Juiz de Fora, MG, pela dedicação à memória literária do poeta Murilo Mendes e a Lucilha Magalhães pelo atendimento, sempre pronta e eficiente.

Aos amigos que ficaram na “torcida”, acreditando que esta etapa seria concluída com êxito, e aos que foram além da torcida colaborando efetivamente, de modo muito especial à amiga Sandra Elizabeth Silva de Paula.

Em especial, aos professores participantes da banca de Qualificação e Defesa, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Cristina Ribeiro Pereira (CES/JF) e ao Prof. Dr. Marcelo dos Santos (UNIRIO), pela gentileza e colaboração.

Meus sinceros agradecimentos ao Programa de Pós-graduação *stricto-sensu* do Centro de Ensino superior de Juiz de Fora/CES/JF, por me proporcionar um Mestrado em Letras de qualidade.

Estar vivo significa suportar o movimento  
e a contradição  
Alceu Amoroso Lima.



## RESUMO

Oliveira, Fátima Aparecida Campos de. **Projetos de vida e revelações literárias: Murilo Mendes escreve a Alceu Amoroso Lima**. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

Esta pesquisa investigou a correspondência enviada pelo poeta Murilo Mendes juiz-forano (1901-1975) ao crítico literário e escritor, Alceu Amoroso Lima, carioca (1893-1983), objetivando a elaboração de uma edição anotada de parte desta correspondência. Foi localizado um lote de 45 peças, datadas de 27 de dezembro de 1930 a 19 de fevereiro de 1974, entretanto foi estabelecido como critério para esta investigação dissertativa um recorte temático: a conversão ao catolicismo, a problemática religiosa, a prática da fé e a crise existencial dos missivistas. O lote documental, objeto deste estudo epistolográfico, tem início em 27 de dezembro de 1930, e finaliza em 10 de setembro de 1941, acrescido de duas importantes cartas que reforçam sistematicamente a proposta investigativa: uma datada de 20 de janeiro de 1952 e outra de 14 de março de 1960. O lote trabalhado compreende 12 cartas, 1 poema, 2 telegramas e 4 bilhetes, compondo 19 peças, que resultaram em 39 documentos, sendo 37 manuscritos e 2 datiloscritos. Quanto à localidade, há correspondência enviada por Murilo Mendes a Alceu Amoroso Lima, remetida de Juiz de Fora (MG), Pitangui (MG), Rio de Janeiro (RJ) e Roma. Uma parte desta pesquisa foi desenvolvida no Centro Cultural Alceu Amoroso Lima para A Liberdade/CAALL, em Petrópolis/RJ, administrado pela Universidade Cândido Mendes/UCAM, RJ, cujos originais estão depositados no Arquivo Tristão de Athayde (ATA), local em que ocorreram consultas presenciais durante o desenvolvimento desta dissertação. Não foram, entretanto, encontradas nesta instituição as cartas ativas de Alceu Amoroso Lima enviadas ao poeta mineiro. As mesmas também, não foram localizadas no Museu de Arte Murilo Mendes, MAMM, administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora em MG que detém as cópias da correspondência amorosiana e a custódia de inúmeras peças do acervo muriliano, onde outra parte desta pesquisa foi desenvolvida. A investigação fundamentou-se nos pressupostos que envolveram as teorias de Arquivos pessoais e Crítica genética, abordando a importância da Epistolografia como fonte de pesquisa literária, apoiados, ainda, por aspectos da teoria da literatura que se fizerem necessários ao entendimento da proposta. Pretendeu-se ainda, aprofundar a análise

da correspondência mantida entre os referidos escritores, observando o espaço de compartilhamento de opiniões, projetos políticos e, essencialmente, projetos de vida e de fé. Cabe relatar que os registros epistolares consultados são de grande relevância à pesquisa literária futura, geradas pelo seu conteúdo o que nos permite compreendê-los como um espaço das relações de memória e de amizade intelectual entre Alceu Amoroso Lima e Murilo Mendes ampliando o conhecimento sobre o estudo da fé, dedicação às causas da Igreja e da política.

Palavras-chave: Murilo Mendes. Alceu Amoroso Lima. Arquivo Pessoal. Crítica Genética. Epistolografia.

## RESUMEN

Oliveira, Fátima Aparecida Campos de. **Proyectos de vida y de revelaciones literárias:** Murilo Mendes escribe a Alceu Amoroso Lima. 123 f. Disertación (Maestría em Letras). Centro de Enseñanza Superior De Juiz de Fora, Juiz de Fora 2017.

Esta investigación ha investigado la correspondencia enviada por el poeta Murilo Mendes, juiz-forano (1901-1975) al crítico literario y escritor, Alceu Amoroso Lima, carioca (1893-1983), objetivando la elaboración de una edición anotada de parte de esta correspondencia. Ha sido encontrado un total de 45 piezas, con la fecha de 27 de diciembre de 1930 hasta 19 de febrero de 1974, todavía ha sido establecido como criterio para esta investigación disertativa un recorte temático: la conversión al catolicismo, la problemática religiosa, la práctica de la fe y la crisis existencial de los misivistas. El conjunto documental, objeto de este estudio epistolográfico, empieza en 27 de diciembre de 1930. E finaliza en 10 de septiembre de 1941, añadido de dos importantes cartas que fortalecen sistemáticamente la propuesta investigativa: una con la fecha de 20 de enero de 1952 y otra de 14 de marzo de 1960. El conjunto trabajado tiene 12 cartas, 1 poema, 2 telegramas y 4 notas, compondo 19 piezas, que resultaran en 39 documentos, siendo 37 manuscritos y 2 datiloscritos. Cuanto al sítio, hay correspondencia enviada por Murilo Mendes a Alceu Amoroso Lima, expedida de Juiz de Fora (MG), Pitangui (MG), Rio de Janeiro (RJ) y Roma. Una parte de esta investigación ha sido desarrollada en el Centro Cultural Alceu Amoroso Lima para la Libertad/CAALL, em Petrópolis-RJ, administrado por la Universidad Cândido Mendes/UCAM, RJ, cuyos originales estan depositados en el archivo Tristão de Athayde (ATA), sítio en que sucederan consultas presenciales durante el desarrollo de esta disertación. No han sido, sin embargo, encontradas en esta institución las cartas ativas de Alceu Amoroso Lima expedidas al poeta "mineiro". Las mismas también, no han sido encontradas en el Museo de Arte Murilo Mendes, MAMM, administrado por la Universidad Federal de Juiz de Fora en MG que tiene las copias de la correspondencia amorosiana y la custodia de muchas piezas del acervo muriliano, donde otra parte de la investigación ha sido desarrollada. La investigación ha sido fundamentada en los presupuestos envueltos en las teorías de los archivos personales y crítica genética, abordando la importância de la

epistolografía como fuente de investigación literaria, apoyados, todavía, por aspectos de la teoría de la literatura, que se han hecho necesarios al entendimiento de la propuesta. Se ha pretendido también, profundizar el análisis de la correspondencia mantenida entre los referidos escritores, observando el espacio de cambio de opiniones, proyectos políticos y esencialmente, proyectos de vida y de fe. Se debe relatar que los registros epistolares consultados son de grande relevancia a la investigación literaria futura, generadas por su contenido que nos permite comprenderlos como un espacio de las relaciones de memoria de y de amistad intelectual entre Alceu Amoroso Lima e Murilo Mendes ampliando el conocimiento sobre el estudio de la fe, dedicación a las causas de la Iglesia y de la política.

Palabras-Llave: Murilo Mendes. Alceu Amoroso Lima. Archivo Personal. Crítica Genética. Epistolografía.

## LISTA DE SIGLAS

ATA	Arquivo Tristão de Athayde
CAAL	Centro Cultural Alceu Amoroso Lima para A Liberdade
CES/JF	Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
MAMM	Museu de Arte Murilo Mendes
UCAM	Universidade Cândido Mendes
UDF	Universidade do Distrito Federal
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 MEMÓRIAS ECLESIASTICAS DE AMIZADE INTELECTUAL</b> .....	17
2.1 MURILO MENDES:SEM ILUSÕES .....	22
2.2 ALCEU AMOROSO LIMA: (ENTRE) FACES .....	39
<b>3 A CORRESPONDÊNCIA E OS ESTUDOS LITERÁRIOS</b> .....	51
3.1 ACERVO, A CORRESPONDÊNCIA E A AMIZADE EPISTOLAR.....	56
3.2 EDIÇÃO DE FONTES E SEUS CRITÉRIOS .....	59
<b>4 AS CARTAS E AS NOTAS</b> .....	61
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	106
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	109
<b>ANEXOS</b> .....	118

## 1 INTRODUÇÃO

Penetrar na intimidade de cartas alheias é  
esbarrar permanentemente no inesperado

Maltides Demétrio dos Santos

A obra epistolográfica produzida entre escritores é uma fonte especial para análise das formas de produção intelectual, pois envolve relações conjuntas e inúmeras vezes, uma terceira pessoa da qual se fala, portanto, nesta investigação, a carta é um documento que vai além de representar a função de interlocução entre o remetente e o destinatário.

Murilo Mendes e Alceu Amoroso Lima, dois nomes de relevância no meio intelectual, no período de 1930 a 1974, mantiveram uma longa e duradoura amizade e complexa correspondência, que pode ser contemplada no decorrer de quatro décadas de troca de missiva, exatamente 44 anos de uma incessante permuta epistolar, testemunhando e revelando o instigante diálogo. A troca de correspondência entre eles foi intensa, inclusive após a ida de Murilo Mendes para a Itália.

A referida investigação fundamenta-se nos pressupostos que envolvem as teorias de Arquivos pessoais e crítica genética, abordando o viés da Epistolografia como fonte de pesquisa literária, apoiados por aspectos da teoria da literatura que se fizerem necessários para elaborar as fontes sugeridas pelo conteúdo das missivas selecionadas e respaldados por pressupostos teóricos da literatura.

Fundamentada nestes argumentos esta pesquisa investigou a correspondência enviada pelo poeta Murilo Mendes, juiz-forano, (1901-1975) ao crítico literário e escritor Alceu Amoroso Lima, carioca, (1893-1983). Importa informar que os originais desta correspondência estão sob a custódia do Centro Cultural Alceu Amoroso Lima para A Liberdade/ CAALL, em Petrópolis/RJ, administrado pela Universidade Cândido Mendes/UCAM, RJ, depositados no Arquivo Tristão de Athayde (ATA), onde aconteceram consultas presenciais, durante o desenvolvimento desta dissertação, guiadas pela Arquivista da referida instituição, Maria de Fátima Moraes Argon, a fim de coletar dados para elaboração deste projeto.

Foi localizado um lote de 45 peças, datadas de 27 de dezembro de 1930 a 19 de fevereiro de 1974, entretanto foi estabelecido como critério para esta

investigação dissertativa um recorte temporal a partir dos seguintes eixos temáticos: (re) conversão ao cristianismo, a problemática religiosa, a prática da fé e a crise existencial dos missivistas. O lote documental data de 27 de dezembro de 1930 a 10 de setembro de 1941, acrescido de duas importantes cartas que reforçam de modo sistemático a proposta investigativa: uma datada de 20 de janeiro de 1952 e outra de 14 de março de 1960 e compreende 12 cartas, 1 poema, 2 telegramas e 4 bilhetes, totalizando 19 peças, que resultaram em 39 documentos, sendo 37 manuscritos e 2 datiloscritos. Há correspondência enviada por Murilo Mendes a Alceu Amoroso Lima, remetida de Juiz de Fora (MG), Pitangui (MG), Rio de Janeiro (RJ) e Roma.

Parte do lote dos documentos originais, objeto de investigação desta dissertação, compõe o *site* da instituição (CAALL), no endereço [www.alceuamorosolima.com.br](http://www.alceuamorosolima.com.br), digitalizado e disponível para consultas, outra parte encontra-se em fase de organização, catalogação e há documentos que necessitam de pesquisa para datação.

Não foram localizadas nesta instituição as cartas (ativas) de Alceu Amoroso Lima enviadas ao poeta mineiro. As mesmas, também, não foram localizadas no Museu de Arte Murilo Mendes, MAMM, em Juiz de Fora, administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, (UFJF) ambos em Minas Gerais, que detém as cópias da correspondência amorosiana e de inúmeras peças do acervo muriliano.

A elaboração desta dissertação é uma ação do Projeto **O resgate das escrituras**: da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para a composição de um dossiê genético-crítico, devidamente registrado no (CNPq) liderado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Moema Rodrigues Brandão Mendes, pesquisadora do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) e orientadora desta dissertação.

Para elaboração desta dissertação, uma edição de fontes resultante deste estudo será apresentada com notas explicativas sobre o texto e o contexto das missivas, esclarecendo sobre, fatos, pessoas, lugares, obras de arte, criações e dados culturais mencionadas nas cartas.

Foram desenvolvidas ações, como aprofundar a análise das epístolas identificando o espaço de compartilhamento de opiniões, projetos políticos, projetos de vida e de fé vivenciados por ambos signatários e terceiros citados nas cartas, já que a correspondência tem importante espaço de sociabilidade para qualquer indivíduo.



As informações e os dados coletados que embasaram a construção desta dissertação foram obtidos por meio de ampla pesquisa bibliográfica, exploratória e documental em fontes primárias e secundárias, tais como documentos pessoais depositados em arquivos públicos ou privados, livros, periódicos especializados, publicações científicas, base de dados entre outros com registro, análise, classificação e interpretação de dados pertinentes ao objeto desta investigação.

A importância desta pesquisa, de elaborar uma edição anotada da correspondência dos referidos signatários, justifica-se pelo fato de as missivas, enquanto gênero de fronteira, possibilitarem o desenvolvimento de pesquisas literárias, permitindo a coleta de valiosas informações localizadas nos arquivos pessoais, no caso, de Murilo Mendes e de Alceu Amoroso Lima. Neste dossiê epistolográfico foram identificados registros que envolvem as relações intelectuais e de amizade entre os referidos escritores, e também o pensamento muriliano e amorosiano sobre assuntos diversos, tais como cultura, religião, catolicismo e vida literária. As cartas permitem, ainda extrair informações inéditas sobre o pensar do poeta convertido ampliando o conhecimento sobre o tema em questão e são também um exemplo de diálogo entre um poeta e um crítico literário afinados por uma posição comum.

Em algumas cartas deste lote, o poeta Murilo Mendes legitima a autoridade de Alceu Amoroso Lima como crítico literário e se posiciona como **discípulo** do grande **mestre** católico.

Alceu Amoroso Lima é um grande mestre quando revela a possibilidade de transformação em diversos momentos conseguindo arrancar da realidade o que ela tem de mais sensato que é a sua fé, segundo ele.

O material selecionado para esta investigação apontou que, no diálogo epistolar entre o poeta e o crítico, há registros interessantes a citar: aspectos da vida pessoal, desabafo íntimo, assuntos diversos e discussões literárias. As formas de tratamento evidenciadas nas cartas confirmam o grau de amizade entre os missivistas.

Para este estudo se tornar efetivo, a dissertação, encontra-se assim estruturada: após a **INTRODUÇÃO**, segue-se a seção 2, intitulada, **MEMÓRIAS ECLESIASTICAS DE AMIZADE INTELECTUAL**, e na sequência as subseções, MURILO MENDES: sem ilusões e ALCEU AMOROSO LIMA: (Entre) faces, foram elencados dados biobibliográficos e o caminho percorrido pelo fazer literário e da

literatura nacional, no que diz respeito a variações e a formações de gênero textual, publicações, edições e processo de criação. Foram estudadas as relações de amizade entre Murilo Mendes e Alceu Amoroso Lima na perspectiva do catolicismo brasileiro: uma convicção para Alceu e uma desmedida procura para Murilo Mendes. Para a elaboração da seção 3, denominada **IMPORTÂNCIA DA EPISTOLOGRAFIA COMO FONTE DE PESQUISA LITERÁRIA**, segue-se as subseções 3.1 ACERVO, A CORRESPONDÊNCIA E A AMIZADE EPISTOLAR, 3.2 EDIÇÃO DE FONTES E SEUS CRITÉRIOS, objetivou-se analisar as produções literárias sobre o tema proposto, revisando e defendendo a opinião de estudiosos das diferentes correntes literárias, que indicam o gênero epistolar como fonte de pesquisa e conjunto de criação literária. Na seção 4, com o título **AS CARTAS E AS NOTAS** registraram-se os critérios construídos para o estabelecimento do texto. Efetivou-se a transcrição das 19 peças documentais e as inserções das respectivas notas explicativas, elucidando fatos relevantes para entendimento do percurso histórico desses dois missivistas Finalizando este estudo aprofundado segue-se a **CONCLUSÃO**, as **REFERÊNCIAS** e os **ANEXOS**.

## 2 MEMÓRIAS ECLESIAÍSTICAS DE AMIZADE INTELECTUAL

A carta é “um pensar alto” com, o que torna o nível de veracidade maior que as memórias recolhidas e guardadas em segredo para só serem escritas ou divulgadas futuramente.

Matildes Demétrio dos Santos

As reflexões iniciais se atêm a pensar sobre o que é **ser um intelectual** e suas implicações em relação ao seu papel e comprometimento sociais a fim de alcançar um pouco mais os assuntos tratados no carteadado de amizade entre Murilo Mendes e Alceu Amoroso Lima. Para isso foram trazidos para esta consideração, o diálogo entre dicionaristas, a etimologia da palavra e teorias que ponderam sobre os intelectuais e sua vida social.

Informa-nos o Dicionário Houaiss (2004, p. 422) que o intelectual é alguém que: “domina um campo de conhecimento [...] considerável ou tem muita cultura geral, [trata-se de um] erudito”.

Francisco Silveira Bueno, na obra, **Dicionário da Língua Portuguesa** (2007, p. 441) afirma que o intelectual é “a pessoa dada a estudos literários ou científicos”, ou seja, aquele que muito pesquisa e muito lê.

Etimologicamente a palavra intelectual deriva do latim *intellectualis*, e na sua conversão para a Língua Portuguesa conservou-se o sentido de “relativo à inteligência e ao acúmulo de conhecimentos” (HOUAISS, 2004, p. 422).

De acordo com a autora Maria Zilda Cury e Ivete Lara Camargo Walty (2008), na decomposição da palavra, a raiz latina *intellectualis* apresenta: *intus*, para dentro e *lectus*, particípio passado de *legere* (*ler*). Ler para dentro das coisas, para o seu interior. Contudo, o sentido etimológico do verbo *legere* “postula certa intensificação do fato social” (CURY; WALTY, 2008, p. 12-13) ao direcionar o fato social para o exterior. Consta-se, assim, que neste léxico está inserida a relação do homem com a vida social que o rodeia.

Intelectualizar, portanto, significa um movimento para exteriorizar e comunicar-se com os demais membros da sociedade, gerando uma leitura de

mundo, que atribui dois movimentos: um para dentro e outro para fora de si, ampliando, assim, o sentido da palavra e evidenciando a condição intermediária do intelectual e sua função mediadora (CURY; WALTY, 2008).

Como atesta, ainda, Cury e Walty (2008), a palavra intelectual é empregada para atribuir o indivíduo que se propõe a fazer uma leitura crítica do mundo social ao qual pertence por meio de uma tensão entre interioridade e exterioridade.

No conceito de intelectual, sob a ótica do pensador francês Jean Paul Sartre, o que mais se destaca é a atuação, a interferência na cena pública por meio da manutenção de uma crença no poder da palavra. Ocorre que na percepção de Sartre o intelectual é um representante, um intermediário, é “aquele que fala no lugar daqueles cuja voz não tem ressonância na sociedade” (SARTRE, 1994, apud CURY; WALTY, 2008, p. 21).

Para Cury e Walty (2008), o filósofo Jean Paul Sartre é a imagem marcante do intelectual que, com a força de sua atuação e por representar um agente cultural, interfere diretamente na cena pública, ao empunhar um megafone, em frente à universidade para discutir com os estudantes; posicionava-se, ainda, contra as guerras coloniais e do Vietnã (CURY; WALT, 2008, p. 21).

Michel Foucault (1979) apud Cury e Walty (2008) também discute o conceito de intelectual evidenciando como os próprios intelectuais são apreendidos pelo obscuro sistema do poder que consideram estar denunciando.

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. [...] Os próprios intelectuais fazem parte desse sistema de poder, a “ideia” de que eles são agentes da “consciência” e do discurso também faz parte desse sistema (FOUCAULT, 1979, p. 71, apud CURY; WALTY, 2008, p. 22).

As diferentes correntes teóricas que refletiram acerca do conceito e da importância da figura do intelectual esclarecem que os mesmos são sujeitos excessivamente selecionados, indivíduos raros e talentosos, com vocação para representar o homem e sua relação com a vida social que o rodeia.

A partir desta breve reflexão, ressalta-se que o intelectual Alceu Amoroso Lima gozou de uma longa e abundante trajetória de vida literária, política e religiosa. Sofreu transformações pessoais, das quais todas são consequências de sua vida ativa, marcada por possibilidades e momentos decisivos em sua longa existência.

Sua biografia foi, também, estigmatizada por mudanças e permanências. Travou uma luta decisiva contra medos e angústias, em favor da liberdade e contra seu temor mais íntimo, antes e durante todo o seu processo de transição para o catolicismo, sofrido imensamente, e também pelas incertezas e oportunidades. Sobre esta questão religiosa, o autor Sérgio Miceli (2009), em sua obra **A elite eclesiástica brasileira** afirma que,

O ressurgimento institucional católico viria a ocorrer apenas ao longo das décadas de 1930 e 1940, pela convergência de duas frentes: de um lado, ancorado no entusiasmo de uma inteligência militante, sob comando do triunvirato Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e o padre Leonel Franca; de outro a reboque da ofensiva institucional e programática da Igreja na gestão do Cardeal Leme (MICELI, 2009, p.10).

Portanto, importa ressaltar que Dom Sebastião Leme ou o Cardeal Leme, foi o responsável pela base da transformação católica brasileira do início do século XX, e o Padre Leonel Franca sacerdote representante da intelectualidade brasileira foi mentor da evolução espiritual e da conversão de Alceu Amoroso Lima ao catolicismo (MICELI, 2009).

Em carta datada de 28 de fevereiro de 1927, Jackson de Figueiredo escrevera a Alceu: “Vá conversar com o Franca. Só a presença dele já é uma grande Luz” (VILAÇA, 1975, p. 132, apud LEITE, 2014, p. 11) o que vem reforçar estas reflexões.

A aproximação de amizade entre o poeta Murilo Mendes e o crítico Alceu Amoroso Lima em seus momentos iniciais foi historicamente registrada na correspondência de Alceu Amoroso Lima com a escritora Laís Corrêa de Araújo, em uma carta datada de 6 de abril de 1970, na qual o crítico literário recorda que o primeiro encontro com o poeta foi “anônimo”, e depõe:

Recebi certo dia, lá pelos idos de 1920, um rolo de papel escrito no verso de folhas impressas do Banco Boa Vista, contendo poesias escritas à mão ou à máquina, não me lembro bem. Fiquei encantado com elas e escrevi, não sei mais em que dia, um rodapé no **O Jornal** sobre esse desconhecido, que me parecia revelar uma força poética nova e profunda, com extraordinário senso de humor. Era o tempo, para ele da famosa poesia piada com que Murilo Mendes ingressou no rol dos nossos *big shots* do modernismo e entre eles passou a ocupar lugar à parte (ARAÚJO, 2000, p. 68).

Esta carta que Alceu Amoroso Lima escreveu, endereçada a escritora e pesquisadora da obra de Murilo Mendes, Laís Corrêa de Araújo, no ano de 1970, é na realidade uma resposta às incertezas da referida escritora sobre a conversão do poeta mineiro ao catolicismo.

Outro documento que atesta o início dessa longa amizade epistolar, também está registrado em carta de Murilo Mendes datada de 27 de fevereiro de 1931 e remetida de Pitangui a Alceu:

Li o seu artigo que me confortou sobremodo- não tanto pelos elogios que contém - justeza de certas observações. Você disse o essencial sobre meu livro. [...] Vejo que você me toma a sério o que para mim é muito importante: não vê no sujeito dos **"Poemas"** um jogral, nem um mistificador- mas sim um indivíduo dissociado, mas que se esforça por atingir uma ordem" (MENDES, [carta] 27 de fev.1931).

O poeta Murilo Mendes considera que Alceu Amoroso Lima foi o crítico literário que primeiro soube reconhecer o seu valor como poeta, considerando-o como um dos melhores da época.

A correspondência de escritores, portanto, é uma documentação de caráter privado que vem suscitando grande interesse enquanto elemento construtor da memória (MORAES, 2007). O teórico alemão Michel Pollack (1992), pactua com esta assertiva ao afirmar que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Portanto, as memórias, os dados biográficos e os relatos sobre a vida religiosa do pensador Alceu Amoroso Lima se fundamentam em sua vida literária que é o suporte de sua vida intelectual.

Ainda segundo o estudioso Michel Pollack (1992), pode-se dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, e, quando se trata da memória herdada, permite-se afirmar também que "há uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade" (POLLACK, 1992, p. 204).

Desta forma, sobre a estreita ligação entre memória e identidade, interessa observar que no carteadado entre estes missivistas, assim como Alceu Amoroso Lima o poeta Murilo Mendes utiliza-se de certa familiaridade com o mundo, empregando

amplamente suas constituições intelectual, moral e religiosa as quais estão significativamente presentes em ambas obras.

Murilo Mendes sempre foi um amante da liberdade assim como Alceu, procurando conhecer outras culturas e alargando fronteiras. Essa afirmativa se faz verdadeira quando o poeta se refere a lugares como Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, Europa, Ásia e outros citados em suas obras.

Em carta datada de 23 de março de 1931, enviada de Pitangui (MG) e, endereçada ao intelectual Alceu amoroso Lima, o poeta Murilo Mendes comenta sua reflexão sobre os intelectuais brasileiros.

O Brazil inicia-se. Basta abrir um jornal para se ficar arrepiado. Neste socego mineiro tenho refletido sobre a atitude dos intelectuais em face do caso brasileiro. Pensei mesmo em me enfiar em algum movimento sério. Fiquei esperando os programas e manifestos. [...] Ficarão os intelectuais do Brasil reduzidos a situação de “clérigos” que traíram? (MENDES, [carta] 23 mar. 1931).

Em seu livro **A idade do serrote** (2014), Murilo Mendes utiliza-se de suas memórias de infância e adolescência como um motivo para fazer compreender suas ideias e percepções futuras. Essas memórias são (re) construídas textualmente, permitindo que o poeta reelabore a imagem de si mesmo e revise sua própria história em sua fase adulta.

As diferentes correntes teóricas que refletiram acerca do conceito e da importância da figura do intelectual esclarecem que os mesmos são sujeitos excessivamente selecionados, indivíduos raros e talentosos, com vocação para representar o homem e sua relação com a vida social que o rodeia.

Para isso, utilizam como paradigma a defesa da verdade e da justiça presentes ou ausentes na esfera pública, questionando, contestando, resistindo a todas as formas de desigualdade e de injustiças, outorgando, também, um sentido político à ação intelectual. São seres que estão introduzidos no interior de uma sociedade que enaltece o armazenamento de conhecimentos e cultura e faz diariamente o exercício do pensar e do refletir.

As memórias intelectuais de Alceu Amoroso Lima e Murilo Mendes registradas na correspondência pesquisada, sem dúvida, irão contribuir para o estudo da fé e dedicação às causas da Igreja e da política. MURILO MENDES: sem

ilusões, próxima subseção, revela uma breve apresentação do poeta a fim de compreender o contexto histórico-cultural que o envolvia.

## 2.1 MURILO MENDES: SEM ILUSÕES

Não se trata de ilusões, queixa ou lamento. Trata-se de substituir o lado pelo centro. O que é de pedra também pode ser do autor. O que é da caveira pertence ao corpo. Não se trata de ser ou não ser. Trata-se de ser e não ser.

Murilo Mendes

Murilo Monteiro Mendes, (GUIMARÃES, 1986) ou apenas Murilo Mendes, mineiro de Juiz de Fora, nasceu em 13 de maio de 1901 e morreu em Lisboa, Portugal no dia 13 de agosto de 1975. Era filho de Onofre Mendes e Elisa Valentina Monteiro de Barros Mendes. Iniciou o estudo secundário em Juiz de Fora, dando continuidade em Niterói-RJ, no colégio Salesiano, que funcionava como internato. Depois ingressou no curso de Direito, o qual não concluiu. Leitor compulsivo e autodidata, desde cedo, dedicou-se ao estudo da cultura francesa, italiana e espanhola. Foi profundo admirador e conhecedor de música clássica, de artes plásticas, do cinema e de literatura. Dois acontecimentos marcaram a juventude de Murilo Mendes: a passagem do cometa Halley, em 1910, e sua fuga do colégio interno em Niterói para ver, no Rio de Janeiro, as apresentações do dançarino russo Nijinski, em 1917. Ambos, cometa e bailarino, foram considerados por ele, verdadeiras revelações poéticas. Manteve intensa correspondência com grandes nomes da literatura nacional, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Antonio Candido, entre outros. Foi amigo do pintor, poeta e pensador católico Ismael Nery, que influenciou sua produção e sua conversão ao catolicismo, justificando, assim pesquisar mais estreitamente a relação de amizade entre eles.

Para isso, ressalta-se que em 1920, Murilo Mendes transferiu-se para o Rio de Janeiro, então capital federal e decididamente deixara a provinciana Juiz de Fora, sua cidade natal. No ano seguinte, 1921, na cidade do Rio de Janeiro, Murilo trabalhou na Diretoria do Patrimônio Nacional no Ministério da Fazenda local em que



conheceu o pintor Ismael Nery (1900-1934), que fora nomeado desenhista da seção de arquitetura e topografia (PICCHIO, 1994).

Ismael Nery era também arquiteto, poeta, dançarino, filósofo e estava sempre muito bem informado sobre as novidades europeias de arte. O arquiteto desenvolveu um sistema filosófico denominado Essencialismo que muito sensibilizou o poeta juiz-forano. Teve início então, uma grande amizade, religiosa e ímpar que se prolongou até a morte de Ismael, em 6 de abril de 1934. (GUIMARÃES, 1986).

As características pessoais de Ismael Nery muito impressionaram Murilo Mendes e deixaram marcas significativas em sua obra que perduraram por toda sua existência. A singularidade das personalidades de um e de outro aproximava o poeta e o pintor: Ismael Nery era católico acreditava no Cristo e no Evangelho. Tinha uma fé e um valor absolutos, definitivos e eternos e expunha sua crença ao amigo. Murilo Mendes, de inclinação marxista, um “esquerdista dos mais exaltados, porém sem ser um militante, pois não chegou a filiar-se ao partido comunista”. (GUIMARÃES, 1996, p. 30). A admiração pelo poeta moderníssimo e as longas conversas sobre arte, poesia e filosofia, o trabalho de Ismael e de sua teoria *do “essencialismo”*, (ARAÚJO, 2000, p. 15) determinaram um novo rumo à estética muriliana. Recordando o amigo Ismael Nery, o poeta, Murilo Mendes, resume sua atitude filosófica:

Ismael Nery tinha 25 ou 26 anos de idade, e já seus próximos sabiam que havia construído um sistema filosófico muito original, apesar de o não escrever era o essencialismo, baseado na abstração do tempo e do espaço, na seleção e cultivo dos elementos essenciais à existência, na redução do tempo à unidade, na evolução sobre si mesmo para descoberta do próprio essencial na representação das noções permanentes que darão à arte a universalidade (MENDES, 1996, p. 65).

Manuel Bandeira (1994) em **Apresentação de Murilo Mendes**, faz a seguinte, consideração sobre o **Essencialismo** de Ismael Nery:

Segundo Ismael Nery o homem deve sempre procurar eliminar os supérfluos que prejudicam a essência a conhecer: a essência do homem e das coisas só pode ser atingida mediante a abstração do espaço e do tempo, pois a localização num momento contraria uma das condições da vida, que é movimento. Um essencialista deve colocar-se na vida como se fosse o centro dela para que possa ter a perfeita relação das ideias e dos fatos. A essa doutrina, escreveu Murilo Mendes, “Ismael Nery imprimiu o caráter de sua fortíssima personalidade, sujeitando-a porém aos eternos princípios do catolicismo” (BANDEIRA, 1994, p. 35).

Murilo Mendes na obra **Poemas**, (1925-1930), na parte intitulada, **A Cabeça Decotada**, revela e reverencia literariamente o amigo e pintor com o texto: **Saudação a Ismael Nery**, poetizando o sistema criativo e a atitude metafísica do artista plástico (BARCHIESI, 2014).

A Cabeça Decotada  
 Saudação a Ismael Nery  
 Acima dos cubos verdes e das esferas azuis  
 um ente magnético sopra o espírito da vida.  
 Depois de fixar os contornos dos corpos  
 transpõe a região que nasceu sob o signo do amor  
 e reúne num abraço as partes desconhecidas do mundo.  
 Apelo dos ritmos movendo as figuras humanas,  
 solicitação das matérias do sonho, espírito que nunca descansa.  
 Ele pensa desligado do tempo,  
 as formas futuras dormem nos seus olhos.  
 Recebe diretamente do Espírito  
 a visão instantânea das coisas, ó vertigem!  
 penetra os sentidos das ideias, das cores, a totalidade da Criação,  
 olho do mundo,  
 zona livre de corrupção, música que não para nunca, forma e transparência  
 (PICCHIO, 1994, p. 115).

Sobre este assunto, Maria Lúcia G. Poggi de Aragão (1976), autora da obra, **Murilo Mendes**, na seção, O poeta sem Tempo, comenta:

Em **Poemas** (“A cabeça Decotada”). O poeta está preocupado com a busca da essencialidade do homem, apresenta, delirantemente toda a problemática desencadeada pelo abismo existente entre o sentir, o imaginar e o pensar. Ora lúcido, ora arrebatado, apresenta-se como um ser angustiado, desarticulado, que não consegue definir-se, senão por meio de antíteses e paradoxos. Mito e realidade se misturam na tentativa de configuração de um estado anímico oscilante, pelo conflito existente entre o ser e o estar, entre o querer e o ter, entre o crer e o saber. O presente, o passado e o futuro se alternam na tentativa de apreensão simultânea da totalidade do real, em que a temporalidade se anula na ânsia de se atingir o Absoluto (ARAGÃO, 1976, p. 40).

Em **Tempo e eternidade** (1934), o poeta mineiro Murilo Mendes dedica um poema ao amigo Ismael Nery e considera: “Ismael era um espírito verdadeiramente original, profundo e elevado, do qual os escritores e artistas, via de regra, se afastavam por não poder tolerar a sua força” (ARAGÃO, 1976, p. 23).

ISMAEL NERY  
 1  
 Não é do homem que recebes a glória.  
 O verbo te criou desde o princípio  
 para transmitires palavra de vida

E para que o mostrasses a outros homens.  
 em poucos anos percorrestes os séculos  
 Que medeiam entre o Gênese e o Apocalipse.  
 O germe da poesia, essencial ao teu ser,  
 Se prolongará através das gerações.  
 Eras sábio, vidente, harmonioso e forte:  
 Mas atrás de ti, que visavas o eterno,  
 Se erguiam o tempo e as muralhas da China.  
 Morres lúcido aos trinta e três anos,  
 Quando se fecha uma idade e se abre outra.  
 Morres porque nada mais tens que aprender.

É amanhã. Teu corpo jaz na urna.  
 Mas erguendo os olhos para o céu diviso  
 um poderoso Ente que gira sobre si mesmo  
 Se levantar com o nascimento do sol.

## 2

Também eu vi aquele  
 Que vem precedendo a nova era.  
 Também eu vi aquele  
 Que foi criado para glória de Deus.  
 Também eu passei com ele  
 Sob as arcadas do templo e à beira do mar,  
 A sabedoria se manifestava pelos seus lábios  
 E a plenitude da arte pelas suas mãos.  
 O homem não recebendo sua mensagem,  
 A eternidade impaciente o reclamou.  
 Também eu vi os céus se abrirem súbito  
 E o julgador lhe atribuir à estrela (PICCHIO, 1994, p. 258).

Murilo Mendes, o marxista, e Ismael Nery, o católico, seguem como amigos inseparáveis, até 1934, quando Ismael morre. Abalado com o doloroso acontecimento, a perda do amigo, Murilo Mendes se converte ao catolicismo (PICCHIO, 1994) “Ismael Nery foi o encontro decisivo na vida do poeta, o acontecimento culminante, que resultou na conversão de Murilo Mendes ao catolicismo” (BANDEIRA, 1994, p. 35). Sua conversão é narrada sob outras duas perspectivas: a de Alceu Amoroso Lima e de Pedro Nava. Júlio Castañon Guimarães (1986) resume as duas sínteses que importa destacar:

Quando Ismael morre tuberculoso, Murilo se converte. Alceu Amoroso Lima, que conheceu Murilo por meio de Ismael, confirma a influência do pintor na conversão do poeta. Mas diz não pensar que tenha sido uma conversão súbita, por iluminação; ao contrário, teria sido meditada e resultado, ainda, das conferências do Padre Leonel Franca no Colégio Santo Inácio, dos padres jesuítas. Pedro Nava, em *O círio perfeito*, apresenta, porém, uma versão bastante diferente e bem mais verossímil, bem mais coerente com o espírito muriliano.

O memorialista é muito claro: “Esta conversão não resultou de nenhuma catequese, de nenhuma reflexão desse homem inteligente, mas de um estado emocional que funcionou a fogo, como um pentecostes, na noite do velório de Ismael Nery” (GUIMARÃES, 1986, p. 30-32).

Em **O Círio perfeito**, (1983) Pedro Nava relata com detalhes essa experiência.

O terceiro fato ocorrido no velório de Ismael Nery e que ficou para sempre gravado na memória do Egon foi a conversão instantânea de Murilo Mendes (...). Eram seu tanto numerosos e tinham como figura central o Murilo Mendes. Mas não se ouviam nele, também, agudos de vozes. Todos como que cochichavam – abafados pela solenidade do momento. De repente uma fala começou a ser percebida. Parecia no momento uma lamentação, depois um encadeado de frases tumultuando na excitação de uma palestra, que depois se elevou como uma discussão, subiu, cresceu, tomou conta do pátio feito um atroado de alteração e disputa, clamores como num discurso e gritos. Era o Murilo bradando no escuro. Era uma espécie de arenga, com fluxos de onda – ora recuando e baixando, ora avançando, subindo e enchendo a noite com seus reboos graves e seus ecos mais pontudos. Os do portão foram se aproximando numa curiosidade da roda estupefacta e calada em cujo centro um Murilo, pálido de espanto ou como de um alumbramento, gesticulava e se debatia como se estivesse atracado por sombras invisíveis. Só ele as via e aos anjos e arcanjos que anunciava pelos nomes indesvendáveis que têm no Peito do Eterno ocultos para todos os demais. E soltava um encadeado de frases que no princípio fora só um cicio, que tomara corpo e dera naquele berreiro alucinado. [...] Seus olhos agora cintilavam e dele todo desprendia-se a luminosidade do raio que o tocara. E não parava a catadupa de suas palavras todas altas e augustas como se ele estivesse envultado pelos profetas e pelas sibilas que estão misturados nos firmamentos da capela Sistina. [...] Falava dos anjos que estavam ali com ele – já não mais como as imagens poéticas que habitavam seus versos, mas dos que se incorporavam nele que recebia também na dele a alma do amigo morto. Finalmente clamou mais alto – DEUS! – e com a mão direita fechada castigou o próprio peito e mais duramente o coração. Não – pensava Egon – não é o caso para Gardenal. O José Martinho está errado. O Murilo não está nervoso. O negócio é mais complexo... O que ele está é sendo arrebatado num êxtase e o que estou vendo é o que viram os acompanhantes da estrada de Damasco quando Saulo rolou do cavalo e foi fulminado pela luz suprema. É isto. Existia ou não essa luz e esse fogo – neles ou na sua impressão que o Murilo acabou de encadear-se. Está se queimando todo nas chamas que descem como lavas do Coração paramonte de Jesus Cristo Nosso Senhor. Quando subitamente calou-se, o poeta retomou o velório do amigo – sério como Moisés descendo do Sinai, e foi assim e sem dizer palavra mais que ele acompanhou o corpo ao cemitério. Deste saiu sozinho e foi direto procurar os monges nas catacumbas do Mosteiro de São Bento. Quando três dias depois ressurgiu para os homens, tinha deixado de ser o antigo iconoclasta, o homem desvairado, o poeta do poema piada e o sectário de Marx e Lenine. Estava transformado no ser ponderoso, cheio de uma serenidade de pedra e no católico apostólico romano que seria até o fim de sua vida. Descrevera volta de cento e oitenta graus (NAVA, 1983, p. 276- 283).

Guimarães (1986) afirma que a conversão radical de Murilo Mendes ao cristianismo e a postura religiosa do poeta teve consequência nas concepções estéticas do autor, refletidas, então, na obra muriliana o que não era bem visto pelos críticos que o alcunharam de **poeta católico**. A poesia de Murilo Mendes respondeu

a esse rótulo com uma reflexão profunda sobre a existência e rompeu com paradigmas religiosos.

Ainda informa Guimarães (1986) que, Alceu Amoroso Lima, em uma entrevista, quando perguntado sobre qual o motivo do silêncio dos críticos católicos em relação aos versos convertidos de Murilo e Ismael Nery, esclareceu, então, o impasse:

Suspeita para os não – católicos, suspeita para os católicos. Segundo Alceu Amoroso Lima, Murilo Mendes e Ismael Nery foram precursores da cisão entre conservadores e renovadores, Os dois “trouxeram o sentido de liberdade, dentro da Fé e da Igreja, para o moderno catolicismo brasileiro”. Antecipavam, de várias décadas, os ventos progressistas do concílio Vaticano II realizado nos anos 60. Para Alceu Amoroso Lima os dois teriam merecido o silêncio da crítica católica justamente por sua condição de precursores (GUIMARÃES, 1986, p. 51).

Guimarães (1986), dialogando, então, com Alceu Amoroso Lima, também esclarece que: “sua poesia é suspeita para os não-católicos pelo simples fato de ser religiosa; é também suspeita para os próprios católicos porque espicaça o conservadorismo religioso; quando não-católico. Murilo proferia blasfêmias; quando católico cometia heresias” (GUIMARÃES, 1986, p. 54).

Em outra resposta na mesma entrevista, Alceu Amoroso Lima, relata que a seu convite Murilo Mendes fez parte da Ação Católica logo após a sua conversão. Seis meses depois, no entanto, Murilo comunicou a Alceu que estava deixando a Ação católica: “Só me sinto católico entre os não- católicos” (GUIMARÃES, 1986, p. 51-52). A clausura ideológica não lhe servia. Entretanto, Murilo Mendes continuou a participar da Conferência Vicentina, Instituição em que podia realizar trabalhos sociais auxiliando diretamente os pobres, além de frequentar o Mosteiro de São Bento, que na época era considerado um centro inovador.

Constituída de versos católicos e não-católicos, a obra poética de Murilo Mendes se desenvolveu à margem da Semana de Arte Moderna (1922), e depois aproximou-se da chamada Geração de 45, integrando parte da segunda fase do Modernismo (GUIMARÃES, 1986).

Literariamente, Mendes era membro de um grupo que, na década de 1930, encontrou no cristianismo o refúgio para as crises política e ideológica pelas quais o mundo passava. Dessa forma, esse conjunto de escritores da segunda geração moderna foi chamado de espiritualista. Além de Murilo Mendes, fizeram parte dele:

Vinícius de Moraes e Cecília Meireles com quem Murilo também se correspondeu. Essa fase religiosa continuava agregada à realidade social e era um pressuposto para desenvolver um catolicismo mais voltado aos problemas sociais.

Quanto às suas obras, Mendes publicou seu primeiro livro em 1930, **Poemas**, com o qual recebeu o **Prêmio de Poesia da Fundação Graça Aranha**. Em 1935, publicou, **Tempo e eternidade**, em parceria com Jorge de Lima (1893-1953), que tornou-se o seu amigo mais dileto depois da perda Ismael Nery. Aos dois deve ele a sua **conversão** ou a sua volta às raízes de católico, bem como aos monges de São Bento, com os quais manteve longa convivência (ARAÚJO, 2000).

Publicou, também, a obra **Poesia em pânico** em 1938 sobre a qual Mário de Andrade, em texto crítico, observou que: “O que fixou Murilo Mendes, a meu ver, foi a religião, que ele herdou desse amigo tirânico que foi Ismael Nery” (ANDRADE, 1994, p. 33).

As características irreverentes das expressões religiosas na poesia de Murilo Mendes é que descontentaram Mário de Andrade (ANDRADE, 1994), levando-o a classificar a postura poética de Murilo como “de um raro mau gosto” (ANDRADE, 1994, p. 34), haja vista que “desmoraliza as imagens permanentes, veste de modas temporárias as verdades que se querem eternas, fixa anacronicamente numa região do tempo e do espaço do Catolicismo que se quer universal por definição” (ANDRADE, 1994, p. 34). Essa ausência de universalidade no catolicismo de Murilo Mendes, para Mário de Andrade (ANDRADE, 1994), é uma característica do poeta mineiro, possibilitando transformar-se em ameaçadora por possuir “A seiva de perigosas heresias” (ANDRADE, 1994, p. 34). Porém, no final do texto, Mário de Andrade reconhece que tantos desequilíbrios vivenciados pelo poeta mineiro foram fundamentais para a produção de uma poesia que dispusesse “a arte em fuga e a poesia em pânico” criando “um dos momentos mais belos da poesia contemporânea e, por certo, o seu mais doloroso canto de amor” (ANDRADE, 1994, p. 34).

Para que ressurgisse um Murilo Mendes católico, o também católico Willy Lewin argumenta que foi necessário que a Providência Divina suprimisse “a forma física de um amigo” (GUIMARÃES, 1986, p. 33). Amigo que o poeta definia como a iluminação da adolescência, o “Nijinski da conversão”, uma vez que se fecha um círculo, considerando que o fechamento de um círculo é sempre uma oportunidade de renascimento.

Ainda sobre as publicações murilianas, incluindo as já comentadas, pode-se afirmar que sua obra compreende cerca de 12 livros de poesia, 3 em prosa e alguns ainda inéditos.

**O visionário** (1941) foi uma obra publicada após a conversão de Murilo Mendes ao cristianismo e nela são delineados o perfil católico e a força da poesia muriliana que aí se consolidam. É interessante pensar sobre o jogo de palavras estabelecido na relação cristianismo versus catolicismo, ambos conceitos experimentados por Murilo Mendes em sua produção literária. Viver o cristianismo é “afirmar a existência de um único Deus, salvador do mundo, cujos dogmas e preceitos foram predicados por Jesus Cristo e reunidos no texto sagrado do evangelho” (RAMOS, 2011, p. 236) e viver o catolicismo é “reconhecer o papa, bispo de Roma como autoridade suprema” (RAMOS, 2011, p. 165).

É bem diversa, portanto, a posição de Murilo Mendes em relação à proposta de conciliação dos contrários à fé, ao cristianismo redescoberto e ao pretexto de uma poesia de impulsão religiosa. O seu catolicismo é conturbado, caótico, pouco ortodoxo, a linguagem é supostamente prosaica, mas fundamentalmente pensada e desconstruída. O seu messianismo é angustiada e angustiante, movendo-se nos dois sentidos, como parte indivisível de seu corpo (ARAÚJO, 2000).

Sobre as obras **O visionário** e **Tempo e eternidade**, comenta Laís Corrêa de Araújo:

Delineado em **O visionário**, o processo de conversão de Murilo Mendes se documentaria literariamente melhor em **Tempo e eternidade**. O poeta aí está inserido na situação angustiada do homem dividido entre a constatação de uma potencialidade redentora (Deus) e a sua impotência e desamparo do degredado (homem-pecador). Daí instala-se, no âmago de sua linguagem, a confusão entre os sentidos e o pensamento, entre as instâncias do corpo e as da alma. O poeta então se torna realmente messiânico, mas vaticina e elabora as suas parábolas a partir de sua nova, própria e particular religiosidade. O largo ritmo bíblico, é verdade, vai impor-lhe outra retórica e outro vocabulário místico, em que, porém, em vez de procurar o ponto ápice do êxtase vislumbrado na ascese dos santos, exhibe uma experiência, que é sua e nossa, de contrastes entre a vida cotidiana de pecado e erro, a consciência orgânica e as noções teológicas, recém-incorporadas ao substrato de seu ideário. (ARAÚJO, 2000, p. 79-80).

Dando sequência às publicações, citam-se, ainda, **As metamorfoses** (1944); **Mundo enigma** (1944), e **Poesia liberdade** (1947), obra em prosa, **Discípulo de Emaús** (1945). Na França, Murilo Mendes lançou **Janela do caos** (1949), em 1954 o livro de poesias **Contemplação de Ouro Preto**. No ano de 1964,

escreveu **Tempo espanhol**, também obra poética. Em 1968, publicou **A idade do serrote**, volume de cunho memorialista e dois anos mais tarde, o livro de poesias, **Convergência** (1970).

No ano de 1972, ganhou como consagração máxima de sua carreira o **Prêmio Internacional Etna-Taormina**, pela primeira vez atribuído a um poeta brasileiro. Nesse ano, lançou ainda o livro **Poliedro**. Em 1973, publicou **Retratos relâmpagos**. Em 1977, ocorreu a publicação póstuma de **Ipótesi**, livro de poesia escrito originalmente em italiano (DUARTE, 2010). Ainda, conforme Picchio (1994),

O poeta consegue assim obter destaque naquele ambiente cultural, realização e reconhecimento de sua trajetória literária na Europa, enquanto escritor brasileiro, quando lhe é conferido o Prêmio Internacional da Poesia Etna-Taormina, no ano de 1972 (PICCHIO, 1994, p. 74).

Sobre sua vida pessoal-amorosa, em 1947, Murilo Mendes casou-se, no Rio de Janeiro, aos 46 anos de idade com a também poeta Maria da Saudade Cortesão, que se tornou seu amor definitivo, realizando com Murilo o perfeito entendimento a dois, acentuado pelas mesmas afinidades pela arte e pela presença da poesia. Saudade era filha do grande historiador, poeta e líder do antifascismo português, Jaime Cortesão, que esteve exilado no Brasil durante as décadas de 1940 e 1950 por se opor ao governo ditatorial de Antonio de Oliveira Salazar (1889-1970), estabelecendo-se, então, com a família, Cortesão, no Rio de Janeiro (PICCHIO, 1994).

No Brasil, Jaime Cortesão logo fez contato com Murilo Mendes, que se tornou um dos seus maiores admiradores. “Mal poderia eu imaginar, quando em 1940 conheci Jaime Cortesão pouco depois de sua chegada ao Brasil, que me tornaria seu genro e até genríssimo, superlativo empregado por ele” (PICCHIO, 1994, p.1287). A amizade entre os poetas já se aproximava daquela que um dia pertenceu ao amigo e pintor Ismael Nery:” Achei preferível entrincheirar-me na humildade: quando Cortesão falava de história eu ouvia, aprendia. Assim foi pela vida afora, durante o longo período da nossa amizade e convivência que se estendeu até o ano de sua morte 1960” (PICCHIO, 1994, p. 1287), escreveu o poeta Murilo Mendes na introdução do capítulo que leva o nome do sogro, parte integrante do livro, **Janelas verdes**(1989).



Em carta datada de três de junho de 1947 (CALLADO, 1999) Murilo comunica à amiga Adalgisa Nery que iria se casar e desculpa-se por não convidá-la para a cerimônia:

Querida Adalgisa,  
 Meu casamento deverá realizar-se no próximo dia 7. Saudade fez o voto de acordo comigo, naturalmente- de só convidar para o mesmo os pais dela, os padrinhos e meus irmãos.  
 Profundamente compreensiva como você é, estou certo de que não se aborrecerá comigo, pois nenhuma exceção será feita. E, adiante, garantia: de uma coisa, entretanto poderá você estar segura: a mudança do meu estado civil não alterará nossa amizade. Preveni Saudade a esse respeito, lealmente. Teremos muitas vezes dificuldades de comunicação, é certo: mas não as tivemos também em tantos anos em que eu era livre? (CALLADO, 1999, p. 65).

Logo após o casamento, Murilo Mendes e Maria da Saudade foram residir na casa da Rua Ibituruna, no Rio de Janeiro. Em setembro de 1952, Murilo Mendes fez sua primeira viagem para a Europa permanecendo lá até 1956 em missão cultural na Bélgica, Holanda e França. Viajando pela Europa fez Conferências na Sorbonne e estreitou relações com Breton, Camus e outros intelectuais (THOMPSON, 2010) importantes, que hoje, indiscutivelmente se tornaram agentes de transformação social.

Essa viagem leva-o ao encontro das terras e gentes que amava desde a infância, “aquele espaço intelectual” (ARAÚJO, 2000, p. 17) que o professor Joaquim de Almeida Queiroz<sup>1</sup> desvendara para Murilo menino em Juiz de Fora.

Murilo Mendes transfere-se então definitivamente para a Itália em 1957, país no qual viveu até o ano de sua morte em 1975, atuando como professor de Literatura Brasileira na Universidade de Roma. É, portanto, grande a participação de Murilo Mendes na esfera acadêmica e intelectual italiana.

Murilo instala-se com sua esposa, Maria da Saudade, na Europa, em apartamento na viale Castro Pretório, em Roma, de onde se mudou pouco tempo depois para o apartamento definitivo na via Del Consolato 6, no centro desta mesma cidade, local que se tornou um ponto de referência para reuniões de poetas,

---

<sup>1</sup>Farmacêutico que se estabeleceu em Juiz de Fora com farmácia e fábrica de preparados farmacêuticos, exerceu a profissão durante vinte e seis anos, mas, segundo um ex-aluno e amigo, “a pobreza levou-lhe todos os remédios das prateleiras. Ele não vendia remédios. Dava-os a quem precisasse deles” (NOBREGA, 2001, p. 67). Um dos fundadores da Faculdade de Farmácia e Odontologia e da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, foi professor da primeira e tesoureiro da segunda, durante os dois primeiros anos, renunciando ao cargo em 1891. Jornalista, cronista, admirável contista, poeta, deixou poucos trabalhos publicados. (NOBREGA, 2001).

escritores, artistas plásticos de toda qualidade e nacionalidade, gente de cinema, críticos (além dos italianos e *tutti quanti* brasileiros de passagem), músicos e sobretudo pintores e escultores (PICCHIO, 1994).

Tomado constantemente por crises de depressão e dominado pela angústia existencial durante grande parte do período em que viveu em Roma, Murilo Mendes em agosto de 1974 retorna a Lisboa fugindo do Ferragosto, as férias do verão italiano. Deprimido, não quisera comemorar seu aniversário em maio. Contudo, os médicos diziam que a depressão era passageira (GUIMARÃES, 1986).

A permanência de Murilo Mendes na residência de seu sogro, Jaime Cortesão, no bairro Estrela, em Lisboa, foi motivo contínuo de sua poética citar a cidade portuguesa descrita em seu livro, **Janelas verdes** (1989), como “consabidamente bela” (MENDES, 1989, p. 7).

Lisboa é consabidamente bela. Sua posição natural pastoreando o rio e o mar; em colinas autênticas que as (portáteis) de Roma; e a luminosidade do céu superlativo, as vistas descortinadas dos numerosos miradouros, além de outros elementos que subtraio ao texto propõem-nos a função dum cenário onde dados positivos e negativos se conjugam (PICCHIO, 1994, p. 1409).

Parte da angústia de Murilo Mendes deveu-se ao cenário a que assistia e o preocupava: a situação dos países com os quais se ligara em algum momento de sua vida. A palavra angústia, várias vezes esteve presente nos desabafos do poeta, conforme ilustra a carta escrita por Murilo Mendes, enviada de Roma a sua irmã, Virgínia Torres, residente no Brasil.

Eu é que ando muito deprimido ante a feia situação do mundo, em particular de países mais próximos ao meu coração. É uma tristeza. Mas, como achavam os gregos, a esperança é a última coisa que se perde. Para desabafar um pouco, escrevo em todos os momentos livres. Terminei “Janelas Verdes”, escrito em chave de “humor” (MENDES, [carta] 22 fev.1970).

Segundo Júlio Castanõn Guimarães (1986), Murilo Mendes sucumbe a um mundo que se torna inverossímil. A Itália, que o havia impressionado muito positivamente nos primeiros anos de suas viagens para a Europa, passa então, a ser exposta a partir de 1957, a um olhar deprimido e angustiado do poeta. Pessoalmente ferido, Murilo Mendes contempla a morte. Não a morte como um conceito, mas a morte concreta, a morte do indivíduo, a sua morte.

Os períodos de crise de depressão e angústia do poeta, caracterizados pela persistência de sintomas de apatia, desânimo, melancolia, cansaço e ansiedade alternavam-se. Murilo confessa a também poeta Laís Corrêa de Araújo sentir esta instabilidade: “Desculpe-me a demora. Tenho andado com ‘labirintose’ doença que não mata, mas tira o ânimo de agir” (MENDES, [carta], 28 jul. 1972).

O poeta Murilo Mendes e a escritora Laís Corrêa de Araújo se conheceram pessoalmente em 1972, data da última vinda do poeta ao Brasil e a partir deste encontro consolidou-se uma amizade que culminou num amistoso convívio epistolar (THOMPSON, 2010).

Deverei ir ao Brasil em agosto- só infelizmente. Uma semana para rever Paris, alguns dias em Lisboa (estas etapas com Saudade, felizmente) - depois, Rio, São Paulo, B.H.,J.de F.Pelo menos, este é o plano.Ainda não sei o dia da chegada ao Rio. Serão avisados. Será um grande prazer conhecê-los<sup>2</sup> pessoalmente.  
(MENDES. [carta] 28 jul. 1972).

O diálogo epistolar, composto por 38 cartas, que Laís Corrêa de Araújo publicou, documenta a amizade à distância estabelecida entre os poetas, completa informações e resgata parte da vida de Murilo Mendes nos anos em que esteve fora do Brasil.

Laís Corrêa de Araújo e a irmã de Murilo, Virginia Mendes Torres, se corresponderam com o poeta num mesmo intervalo de tempo permitindo que, com o cotejo destas cartas, se elaborasse um mosaico epistolar, construindo um panorama da vida do poeta em seus últimos dias.

Neste dossiê epistolográfico, identificado e consultado no Museu de Arte Murilo Mendes-MAMM, localizou-se a existência de um lote de cartas enviado pelo poeta Murilo Mendes a sua irmã, datado de 03 de janeiro de 1949 a 14 de maio de 1975, contando 55 peças, todas manuscritas. O conjunto epistolar foi doado ao MAMM pelo marido de Virgínia<sup>3</sup>, Paulo Torres, no dia 30 de abril de 1998<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup>Aqui o poeta Murilo Mendes refere-se à Laís Corrêa de Araújo (1929-2006) e a seu esposo, Affonso Ávila. (1928-2012).

<sup>3</sup>Virgínia Eucharis Mendes Torres nasceu em 17 de abril de 1919 na cidade de Juiz de Fora. Era meia-irmã de Murilo Mendes e a caçula. Nasceu quase 20 anos depois do poeta. Apesar da grande diferença de idade, os irmãos criaram um sólido relacionamento, comprovado pelo longo período em que se corresponderam. Mantiveram um diálogo epistolar por 26 anos. Virgínia não pertencia ao meio acadêmico/literário. Ela sofreu um acidente doméstico. Caiu de uma escada o que lhe causou um traumatismo craniano. A morte cerebral foi constatada no dia 3 de agosto de 1984. Três dias depois Virgínia morreu aos 65 anos de idade. (THOMPSON, 2010).

A correspondência entre Murilo Mendes e Virgínia Mendes Torres compreende todo o período em que o poeta viveu na Itália. No que consiste a morte, ao contrário de Murilo, Virgínia revelava algum conhecimento sobre o tema que ela sempre abordava com a máxima naturalidade. Em carta datada de 29 de janeiro de 1975, escrita por Murilo enviada à Virgínia, o poeta se diz angustiado pela situação da Itália, temeroso diante dos roubos, assassinatos e sequestros. Teme pelas vidas deles, pelo roubo de seus quadros e fim do pagamento de sua comissão. Relata que o casal passou o Natal e o Ano Novo sozinho em casa. Reclama de Roma e de como é ruim viver lá por causa do tráfego e da grande quantidade de peregrinos que visitam o ano santo. Está desiludido. Queixa-se do atraso da correspondência, pede notícias e afirma: “Cada mês que passa sinto uma diferença grande no que toca ao envelhecimento. Já é tempo de ir largando as ilusões deste mundo. Mas como se pode viver sem ilusões?” (MENDES, [carta] 29 jan. 1975).

Nas cartas de Murilo Mendes escritas à Virgínia estão contidos depoimentos e informações que nos levam a acreditar que o poeta vivenciou várias situações, descritas em tom de desgosto amargo, justificado por perdas concretas e por temores que o angustiam principalmente em relação a sua situação financeira que afetava sua função de provedor.

Eu ando (aqui entre nós) deprimido e angustiado, em parte pelo que se passa na Itália, mormente em Roma: todos sentem medo, devido aos sucessivos assassinatos, roubos, seqüestros de pessoas, violências de toda espécie. Muitas páginas dos jornais são dedicadas a isto. Temo pelas nossas vidas e pelo roubo de quadros. Nesta idade vou me desprendendo das coisas, mas os quadros formam uma parte importante do modesto patrimônio de Saudade. Receio também o próximo fim de m<sup>a</sup> comissão. Quando ela terminar, como poderemos viver no Rio, com uma pensão de CR\$ 2.4000,00? Tenho evitado falar-lhe destes assuntos, mas de vez em quando é preciso desabafar. (MENDES, [carta] 29 jan.1975).

Em carta datada de 14 de maio de 1975, última enviada para Virgínia, o poeta explicita seu desassossego e, novamente, preocupa-se com sua situação financeira, reclama de perturbações de saúde, as quais atribui a efeitos da velhice, a seus 74 anos. Justifica sua saída do Brasil pelo fato de obter pouca renda com o cartório e sua inabilidade como escrivão. A carta apresenta, curiosamente, um tom explicativo e de despedida. Pede que a irmã conserve esta carta com tal explicação.

---

<sup>4</sup>Processo de doação ao MAMM, nº23071-011795/98-11.

Quanto a possibilidade de uma casa em J.Fora ou Teresópolis:são belos sonhos, mas de difícil realização. Aqui ganho o suficiente para vivermos mas no Brasil minha pensão é de CR\$2.400,00. Não estou me queixando, pois sei que pertencço ao número de privilegiados: mas como viver aí com essa modestíssima quantia? Não temos bens de fortuna, a não ser modestas economias, que nem de longe nos dão para viver. É esta uma das m<sup>as</sup> grandes preocupações. Vim residir na Europa porque o cartório dava uma pequena renda. Eu não tinha jeito para andar atrás de advogados, e entreguei tudo ao meu substituto. Amigos meus acharam que a solução seria uma comissão na Europa, e assim se fêz. Além do mais de, eu não ter jeito para escrivão, o cartório era de justiça gratuita, em grande parte. Eu preferiria ter voltado para o Brasil desde muito, mas diante do exposto fui ficando. É bom que você saiba isto, pois talvez um dia (você) poderá esclarecer os que estranham m<sup>a</sup> longa ausência (MENDES, [carta], 14 maio. 1975).

Em seus últimos meses de vida Murilo continua registrando uma acentuada queda em sua produtividade, ocasionada pela alteração em sua rotina de trabalho. Vivendo dos proventos recebidos como professor universitário, o poeta teme não poder dar prosseguimento às suas atividades profissionais na Itália.

Quanto a mim, não vou muito bem de saúde, com perturbações do vago simpático. Consultei um dos melhores especialistas de Roma, que me deu 3 remédios. Por um lado há melhorias, mas por outro os remédios deixam-me muito bambo. Pelo que fui constringido a reduzir minhas atividades passando em casa a maior parte do tempo. É grande a m<sup>a</sup> preocupação com o nosso futuro. Cheguei aos 74 anos de idade, e, queira ou não queira, velhice faz sentir seus efeitos. Nunca pensei em viver tanto. (MENDES, [carta], 14 de maio. 1975).

Com esta mesma abordagem temática, o conjunto epistolar enviado a Laís Corrêa de Araújo também registra o abatimento moral vivenciado pelo poeta em sua maturidade. Laís atribuiu o estado depressivo de Murilo Mendes à condição de escritor em permanente estado de criação e com raras oportunidades de publicação: “A depressão contínua, não só firmou-se por causa dos acontecimentos externos, mas também por um sentimento íntimo de frustração - a dificuldade de divulgação da sua obra, de cujo valor tem consciência” (ARAÚJO, 2000, p.184).

Guimarães (1986), também comentou essa etapa da vida do poeta Murilo Mendes:

Com o início da década 1970, Murilo Mendes chega aos 70 anos, os últimos de sua vida. Acossado pela violência urbana, pela massificação, pela corrida armamentista, pela ameaça nuclear, pelos radicalismos políticos. O homem de fé. O antiburguês, o antitotalitário, a voz apocalíptica, Murilo Mendes sucumbe a um mundo que se torna inverossímil. Pessoalmente

ferido, o poeta contempla a morte. O poeta cada vez mais se fecha, se isola na Via Del Consolato. Aos amigos que lhe fazem perguntas, só dá uma resposta: “angústia”. Alguns amigos sugerem que o poeta volte definitivo para o Brasil. Isto porém, não é possível. Murilo apresenta uma razão muito simples: não teria dinheiro. Precária a situação do criador. Ao longo do seu período italiano, dependeu aflitivamente da renovação anual de seu contrato de professor. Mas no Brasil, aos 70 anos, não teria de que viver. Tem que ficar em Roma. Cenário da angústia (GUIMARÃES, 1986, p. 89).

É justamente por conta dessa (de)pressão angustiante e quase insuportável, sofrida de forma cruel, que o poeta afirma nos poemas: **Vigília e Beira-mar**: “Debato-me na gaiola do mundo/Fui construído a golpes de angústia”, ambos publicados no livro **As metamorfoses**, em 1938- 1941 (PICCHIO, 1994, p. 345-346).

#### **Vigília**

Ninguém moverá para mim  
A máquina do sonho e da morte  
Eu a moverei  
Tantos corpos já rodaram...  
A caligrafia das constelações é claríssima.  
Tantos amores dissonantes  
Se alimentam de mim  
Fui construído a golpes de angústia:  
E já vejo se erguer no horizonte  
O futuro momento de cinza  
Guardado pelos deuses-estandartes.  
Até quando, Enteoblíquo  
Abusarás da minha sede? (MENDES apud PICCHIO, 1994, p. 345).

#### **Beira - Mar**

Eu consultei o mito,  
Interroguei o céu que marcha:  
Debato-me na gaiola do mundo  
Até que me envolva o futuro  
Luzes ambíguas dançam  
Homens deslocam o busto  
E a Esfinge prepara lentamente  
O avesso da resposta.  
Onda que vais, onda que vens  
Dá-me notícias de mim mesmo (MENDES apud PICCHIO, 1994, p. 346).

Luciana Stegagno Picchio (1994) similarmente se recorda que a morte de Murilo Mendes foi antecedida por um estado de acentuada inquietude:

Em Roma, ao lado do poeta, instala-se a morte-angústia. Ela foi a última condição do amigo que nós recordamos, o Murilo pálido de olhos ardentes ao que lhe perguntava de como e porquê, podia só responder “angústia”. A morte pressentida de quem já está no limite e quer, mas não pode, esperar sereno, apartado apaziguado a aparição do véu de Maia. A morte de quem agora atingiu uma desprendida, irreversível clarividência das coisas terrenas (PICCHIO, 1994, p. 1709).

Murilo conheceu a morte como a definira o poema “La Velocità”<sup>5</sup>. Publicado na obra **Ipótese** em 1977 (PICCHIO, 1994, p. 1552).

Guardate la morte: moderníssima.  
Appena salita in orbita  
è già arrivata al cosmo. (MENDES apud PICCHIO, 1994, p. 1552)<sup>6</sup>

O poeta Murilo Mendes já não vive mais dominado pela angústia,

Quarta-feira, 13 de agosto de 1975, às 22 horas e 30 minutos, subitamente, o brasileiríssimo Murilo Mendes, nascido em Juiz de Fora, estado de Minas Gerais em 13 de maio de 1901, é acometido por uma fulminante síncope cardíaca e falece, aos setenta e quatro anos e três meses exatos. E é sepultado no Cemitério dos Prazeres em Lisboa. (GUIMARÃES, 1986, p. 92).

Após a morte do poeta, Maria da Saudade Cortesão Mendes solicita uma atenção especial à poetisa Laís Corrêa de Araújo, em relação à carta enviada por Murilo à amiga mineira e sobre ela registra em 12 de junho de 1975 (ARAÚJO, 2000).

Se tem uma carta dele recente, como vi, deve ser das últimas que escreveu e peço-lhe para guardar com carinho. Gostaria de conhecer dela o que se refere ao estado de espírito de então, pois me atormenta que se lhe tenha queixado e os médicos que o atendiam não tivessem compreendido que se tratava certamente de algo mais do que uma simples depressão psíquica (CORTESÃO S. da M. [carta] 08 de set. 1975; LISBOA [para] ARAÚJO, de C.L. apud ARAÚJO, 2000, p. 238).

No dia 15 de agosto de 1975, o segundo caderno do **Jornal do Brasil** trazia em sua primeira página uma matéria intitulada **Ausência Definitiva**. Era a notícia da morte de Murilo Mendes ocorrida dias antes em Lisboa, onde o poeta costumava passar o verão com a família de sua mulher.

Aos 74 anos de idade, morreu o poeta brasileiro Murilo Mendes. Vencedor de vários prêmios, inclusive o Etna-Taormina, um dos mais importantes da Europa, Murilo vivia há muitos anos em Roma, ensinando Literatura brasileira em uma de suas universidades. Seu primeiro livro, Poesias, foi publicado em 1930; o último, Convergência, em 1971. Entre um e outro, uma vasta obra que evoluiu de forma ziguezagueante, saltando da sátira para os temas religiosos, do lírico para as visões apocalípticas do mundo

---

<sup>5</sup>A Velocidade

<sup>6</sup>Olhem a morte: moderníssima /Apenas subida em órbita /já chegou ao cosmo (Tradução nossa).

em derrocada. Unindo toda ela, a presença de uma inspiração “caudalosa” como ele mesmo confessava, e que teve muito “trabalho para domar”. Sempre rigoroso consigo mesmo, Murilo se declarava insatisfeito com sua poesia, gênero de criação artística que no seu entender devia ser um alto instrumento de aperfeiçoamento da vida e do espírito e de comunicação entre os homens. Não obstante essas restrições que fazia a si mesmo, os críticos não hesitavam em classificá-lo como uma das mais altas vozes da poesia brasileira moderna. E houve quem dissesse que alguns de seus versos parecem escritos por alguém que “já viu a luz da perfeição” (A AUSÊNCIA, 1975).

Ainda em 15 de agosto de 1975, a primeira página do **Jornal Diário Mercantil** de Juiz de Fora, trazia a seguinte notícia: **Morreu o poeta Murilo Mendes:**

Morreu em Lisboa, onde estava passando férias o poeta e professor Murilo Mendes, que tinha 74 anos e lecionava Literatura Brasileira na Universidade de Roma. Seu corpo está sendo velado na Associação Portuguesa de escritores em Lisboa, não se sabendo onde será sepultado. A última vez que ele esteve no Brasil, foi em 1972, quando reconheceu que sua poesia não estava sendo bem divulgada aqui. Naquele mesmo ano, Murilo Mendes ganhou o prêmio internacional de poesia. Nos meios literários contam-se muitas histórias sobre Murilo Mendes. Uma vez para manifestar seu entusiasmo<sup>7</sup> por uma sinfonia de Mozart, ele abriu um guarda-chuva. Em Roma, Murilo Mendes deitou-se no chão para admirar melhor os afrescos de Michelangelo. Nascido em Juiz de Fora a 13 de maio de 1901, Murilo Mendes é filho de Onofre Mendes, tendo sido criado, entretanto por Maria José Monteiro Mendes, a segunda mulher de seu pai. Aos quinze anos ingressou na Faculdade de Farmácia de Juiz de Fora, que deixou um ano depois. Dois de seus irmãos José Maria Mendes, casado com Zuleica Mendes; e Virgínia Heucares Mendes Torres, Casada com Paulo Torres, ainda residem na cidade. Paulo Monteiro Mendes, um outro seu irmão casado com Mariucha Villar Mendes, no Rio de Janeiro. Uma outra Vicentina de Paula Mendes Machado, casada com Nestor Machado mora em Brasília. Na Europa firmou-se como poeta, tendo vários livros traduzidos para o italiano e também como crítico de arte. Em 1968 publicou “A idade do serrote” insólito livro de sua infância e adolescência em Juiz de Fora. A poesia de Murilo, se projeta como uma das mais importantes contribuições da segunda fase do modernismo brasileiro, a partir de 1930. (MORREU, 1975).

Em 29 de outubro de 1975, também é noticiado na França, no jornal **Le Mond**, no caderno *Littérature*, a matéria *Mort Du poète breselien Murilo Mendes* (SANTOS, 1975).

E segundo Luciana Stegagno Picchio (1994) é possível afirmar que toda existência de Murilo Mendes até a ida para a Europa era vista:

---

<sup>7</sup> Picchio (1994) afirma que a abertura do guarda-chuva neste evento, deveu-se a uma crítica negativa e não ao “entusiasmo” conforme noticia este periódico.



Como a de um ser bondoso e aluado, anarquista por natureza, impaciente com a autoridade e o autoritarismo, pronto em todos os momentos a dizer não à ditadura, a qualquer ditadura, mas impaciente também com a banalidade e a preguiça mental. E eis Murilo que abre o guarda chuva durante um recital de piano no Municipal como protesto-mudo-contrá a convencionalidade da execução e do programa; Murilo que, quando da tomada de Salzburgo pelos alemães, telegrafa a Hitler o seu protesto em nome de Wolfgang Amadeus Mozart; Murilo *persona non grata* na Espanha franquista. E ainda Murilo finalmente do outro lado do Atlântico, em busca da recuperação de uma ancestralidade cultural europeia vista como integração do menino “que não tinha tido Idade Média” num mundo que contudo lhe pertencia e ao qual ele pertencia por afinidades, por eleição. Porque sempre, para Murilo Mendes, a vida constituiu um todo indivisível da literatura, da poesia. Já escrevi há anos que Murilo foi o poeta, mais integralmente poeta, e também mais exclusivamente poeta, se assim se pode dizer, que eu jamais conheci (PICCHIO, 1994, p. 25).

Após a sua morte, fica, então, o poeta Murilo Mendes sob um novo olhar, que compreende seu trabalho com uma literatura que poderá recompor o que desmoronou no tempo, na tentativa de transpor o espaço e de buscar a eternidade (muriliana) por meio da poesia.

## 2.2 ALCEU AMOROSO LIMA (ENTRE FACES)

Amei. Tive filhos e netos. Escrevi livros. Fui professor. Tive amigos e inimigos. Rezei. Já tive pior memória e vista melhor do que hoje. [...] Conversei 10 horas seguidas com Maritain. Fui amigo do Cardeal Leme, Jackson de Figueiredo e Wagner Dutra [...] Adorei a Deus. Pequei [...] Fui crítico literário. Ensinei na Sorbonne. Detestei meus tempos de ginásio [...] Fui sempre um aluno medíocre. Nunca fui profissional de nada. Sentei-me provavelmente, ao lado de Péguy nos cursos de Bergson em 1912 e 1913, sem o saber. A grande e grata surpresa da vida: os homens são melhores do que pensamos. Entreguei pessoalmente meu livro “Mensagem de Roma” ao Papa. Nunca conversei com o meu barbeiro. Discuti com Bernanos. Conversei 3 horas com Thomas Merton [...] Fui presidente da Ação Católica. Nunca estive em uma escola primária. Recebi as primeiras letras de minha mãe e desse coxo João Kopke, o maior educador brasileiro. A virtude que mais admiro é a naturalidade. O vício que mais detesto, o farisaísmo [...] Considero a crítica uma experiência pendular entre a grande dignidade e a grande vaidade literária. À medida em que nos aproximamos do fim da vida fatalmente temos de escolher entre a humildade e a estupidez. Faço este ano 60 anos. Que surpresa, e, olhando para trás, que deserto. Morrerei quando Deus quiser (LIMA, 1974, p. 40).

Falar de Alceu é realmente desafiador. Ele teve várias faces: crítico literário, crítico cultural, poeta bissexto, professor, ensaísta, advogado, filósofo, teólogo e outros mais (RODRIGUES, 2012).

Alceu Amoroso Lima, também conhecido pelo pseudônimo de Tristão de Athayde, é carioca, nasceu no Rio de Janeiro, no dia 11 de dezembro de

1893, filho de Manuel José Amoroso Lima e de Camila da Silva Amoroso Lima. Seu pai era dono de uma companhia têxtil que, mais tarde Alceu presidiu por mais de 20 anos, abandonando-a nos anos seguintes à sua conversão ao catolicismo. Tal fato marcou de forma decisiva e fundamental, toda sua trajetória pessoal e intelectual, pois criou uma dicotomia-biográfica-ideológica (RODRIGUES, 2012, p. 15).

Entretanto, “O aspecto a ser contextualizado será as duas faces de Alceu (ou será Tristão?): a vida literária e a crítica católica” (RODRIGUES, 2012, p. 15). Esses aspectos serão analisados na perspectiva de Alceu Amoroso Lima, para compreendermos as mudanças ideológicas sofridas por ele entre 1928 e 1950, período em que ocorrem as duas conversões de Tristão de Athayde, ou seja:

O seu “Adeus a Disponibilidade”<sup>8</sup> em 1919, e o novo posicionamento que adota, essencialmente, a partir da década de 1940. Visto que passou de simpático crítico do integralismo, e da crítica ao socialismo e a democracia, a simpatia a uma forma de governo que mesclasse ambos. Da mesma maneira que, no âmbito religioso caminhou da estrita obediência à hierarquia católica até sua desvinculação dos órgãos da Ação Católica (CORDEIRO, 2008, p. 1).

Alceu Amoroso Lima começou sua vida de escritor como crítico literário militante em 1919, em **O Jornal**<sup>9</sup>, a convite de Renato de Toledo Lopes que então organizava o lançamento desse novo órgão de imprensa. Alceu inaugurou a coluna intitulada **Bibliografia**, porém só mais tarde se tornou o grande pensador e articulador de ideias e pensamentos, atividades que exerceu até 1945. Nesse mesmo ano, 1919, adota o pseudônimo, Tristão de Athayde, para melhor resguardar sua independência como crítico. Em 1928, ao converter-se ao catolicismo e ao entrar para uma arena mais participante na vida não exclusivamente literária, pensou em abandonar o pseudônimo. Mas já era tarde. De tal maneira sentia-se solidário ao Tristão, que se conformou em ter daí em diante, para uma só pessoa, dois nomes, que, aliás, nunca entraram em conflito (LIMA, 1971).

---

<sup>8</sup> Em 1929, Alceu Amoroso Lima enviou uma carta a Sérgio Buarque de Holanda intitulada **Adeus a disponibilidade** na qual ele dizia, sobretudo, que iria deixar o ceticismo para dar uma finalidade a sua vida. E que por isso era o fim da disponibilidade. Além disso, na mesma, tece críticas ao liberalismo e ao socialismo. Artigo publicado na revista **A Ordem**, dando início a uma nova etapa de sua vida.

<sup>9</sup> Quando assumiu a direção do Centro Dom Vital, logo após a morte de Jackson de Figueiredo, Alceu também se tornou o redator-chefe dessa revista. A palavra Ordem evoca o lema da república, Ordem e Progresso, estampado na bandeira brasileira, de sabor positivista. Em face dos movimentos revolucionários que começavam a se manifestar, os católicos, sob a liderança de Jackson Figueiredo, levantaram a bandeira da Ordem. A religião deve constituir um elemento de ordem na nação, em face dos movimentos considerados anárquicos (AZZI, 1977, apud RODRIGUES, 2012, p. 57-58).

O nome verdadeiro e o pseudônimo — juntos, separados ou confundidos — nos remetem a pessoa e a obra deste intelectual que ajudou a pensar e realizar o complexo e controverso movimento cultural que foi o Modernismo brasileiro (RODRIGUES, 2012).

Quando morreu em Petrópolis, no dia 14 de agosto de 1983, Alceu deixou uma significativa obra literária que dialogou com as mais diferentes áreas do pensamento acadêmico, diálogo também verificado na sua própria vida ao longo dos seus noventa anos (RODRIGUES, 2012).

Neste ano, a Sociedade Brasileira de instrução criou o Centro Cultural Alceu Amoroso Lima para a Liberdade (CAALL), órgão que realiza estudos e pesquisas sistemáticas de temas relativos à liberdade e a libertação da América Latina (JANUÁRIO, 2004). Para Leandro Garcia Rodrigues:

Quase cem anos depois da criação do pseudônimo Tristão de Athayde, nada mais justo que (re)pensarmos a trajetória do seu autor, reavaliar os diversos caminhos trilhados pelo nosso modernismo (re)avaliar a importância da pessoa e da obra de Alceu Amoroso Lima (RODRIGUES, 2012, p. 206).

Sobre Alceu Amoroso Lima, os dados citados nesta biobibliografia foram coletados, segundo os estudos de Eli Behar, na obra intitulada, **Vultos do Brasil**, (1967).

Alceu Amoroso Lima casou-se em 1918 com D. Maria Tereza de Faria, filha do escritor Alberto de Faria com quem viveu 64 anos e teve sete filhos: Maria Helena, a Lia (Madre Maria Tereza), Alceu, Luís, Jorge, Silvia e Paulo.

Colaborador íntimo do Cardeal Dom Leme, tornou-se secretário geral da Liga Eleitoral Católica (1933) e presidente da Ação Católica Brasileira (1935). Ao término do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI o escolheu para membro da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz. Foi Reitor na Universidade do Distrito Federal, membro do Conselho Nacional de Educação, da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Ciências Morais e Políticas do Instituto de França e um dos fundadores da Universidade Católica do Rio de Janeiro (1941) e do Movimento Democrata-Cristão da América Latina. Com o golpe militar de 1964 converteu-se em símbolo de resistência ao Arbítrio do Estado à violência e a tortura. Seus artigos semanais no **Jornal do Brasil** e na **Folha de São Paulo** foram a voz da consciência nacional, da

liberdade, do respeito aos direitos humanos na luta pela anistia e redemocratização do país (BEHAR, 1967).

Entre as obras publicadas ressaltam-se **Afonso Arinos** (1923); **Estudos, 1ª série**, (1927); **Freud e estudos, 2ª série**, (1929); **Estudos 3ª série** (1930); **Estudos 4ª série**, (1931); **Debates pedagógicos**, (1931); **Tentativa de itinerários** (1929); **Freud** (1929); **Esboço de uma introdução à economia moderna** (1930); **Preparação à sociologia** (1931); **Debates pedagógicos** (1931); **Problema da burguesia** (1932); **Economia pré-política** (1932); **As repercussões do catolicismo** (1932); **Política** (1932); **Contrarrevolução espiritual** (1933); **Pela reforma social** (1933); **Introdução ao direito moderno** (1933); **Estudos, 5ª série** (1933); **Da tribuna e da imprensa** (1935); **No limiar da idade nova** (1935); **Pela ação católica** (1935); **O espírito e o mundo** (1936); **Indicações políticas** (1936); **Idade, sexo e tempo** (1938); **Elementos da ação católica** (1938); **Contribuição à história do modernismo** (1939); **Três ensaios sobre Machado de Assis** (1941); **Poesia brasileira contemporânea** (1942); **Meditações sobre o mundo moderno** (1942); **Pela união nacional** (1942); **O Cardeal Dom Leme** (1943); **Mitos de nosso tempo** (1943); **Debate pelo humanismo pedagógico** (1944); **A voz de Minas** (1945); **Estética literária** (1945); **O crítico literário** (1946); **Pela cristianização da idade nova** (1946); **O Problema do trabalho** (1947); **Primeiros estudos: contribuição à história do modernismo literário** (1948); **O Pré- Modernismo de 1919 1920**, (1948); **Mensagem de Roma** (1950); **Manhãs de São Lourenço** (1950); **O existencialismo** (1951); **Europa de hoje** (1951); **Meditações sobre o mundo interior** (1954); **A realidade americana** (1954); **Pela América do Norte** (1955); **Introdução à literatura brasileira** (1956); **Quadro sintético da literatura brasileira** (1956); **A vida sobrenatural e o mundo moderno** (1956); **Bilac** (1957); **Integração econômica, social e política na América Latina** (em colaboração, 1958); **O Trabalho no mundo moderno** (1959); **O espírito universitário** (1959); **O teatro Claudiano** (1959); **Visão do nordeste** (1959); **A família no mundo moderno** (1960); **O Jornalismo como gênero literário** (1960); **A segunda revolução industrial** (1961); **Problemas de estética** (1961); **A missão de São Paulo** (1962); **Da inteligência à palavra** (1962); **Europa e América** (1962); **Cultura interamericana** (1962); **O gigantismo** (1962); **Revolução, reação ou reforma** (1964); **Pelo humanismo ameaçado** (1965); **João XXIII** (1966); **A experiência reacionária** (1968); **Adeus à disponibilidade e outros adeuses** (1969); **Violência**

ou não? (1969); **Meio século de presença literária**(1969); **Manuel Bandeira** (1969); **Comentários à *populorum progressio*** (1969); **Companheiros de viagem** (1971); **Evolução intelectual do Brasil** (1971); **Memórias improvisadas: diálogos com Medeiros Lima** (1973); **Em busca da liberdade** (1974); O seu livro de maior sucesso foi **Idade, sexo e tempo** (1940) (ARGON, 2014).

Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde deixou o legado profético da alegria conquistada a partir da fé que revela as verdadeiras dimensões da vida, na fidelidade a Deus e aos homens (BEHAR, 1967). Alceu viveu noventa anos de vida, sendo, sessenta e cinco de vida literária, cinquenta e cinco de militância católica e pôde assim acompanhar as vastas mudanças no mundo e no Brasil, entre o *glamour* da *belle époque* e o fim da ditadura militar de 1964.

Foi publicada na terça-feira, 16 de agosto de 1983, na primeira página do **Jornal do Brasil**, a notícia da morte de Alceu Amoroso Lima intitulada **Sobral Pinto se despede de Alceu Amoroso Lima com “até breve”**.

“Até breve querido irmão”. Foi assim que o jurista Sobral Pinto, 89 anos, se despediu de Alceu Amoroso Lima — falecido domingo em Petrópolis, aos 90 anos — quando o corpo do escritor foi sepultado ontem, no Cemitério S. João Batista, rodeado de parentes e amigos que choravam. O Presidente Aureliano Chaves enviou à família um telegrama de condolências. Além do cardeal Arcebispo de S. Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, assistiram ao sepultamento o Governador Leonel Brizola, o Governador de São Paulo, Franco Montoro, e o líder comunista Luís Carlos Prestes. No poema Alceu, Radiante, Espelho, no caderno B Carlos Drummond escreve: “Seu claro riso e humana compreensão e universal doçura. Revelam que pensar não é triste” (SOBRAL, 1983).

A título de ilustração segue a transcrição do poema **Alceu, Radiante, Espelho**, publicado no caderno B, de autoria de Carlos Drummond de Andrade conforme citado.

Lá se vai Alceu, voltado para o futuro,  
 Para um sol de infinita duração.  
 Lá se vai Alceu, sem as melancolias do passado  
 Que para ele tinha a forma de um casarão azul,  
 E sem as ilusões adolescentes do progresso.  
 Julga-se ouvir no seu trânsito  
 Os acordes da sonata para piano e violino de César Franck  
 Que ele tanto amava.  
 Seu claro riso e humana compreensão e universal doçura  
 Revelam que pensar não é triste.  
 Pensar é exercício de alegria  
 Entre veredas do erro, cordilheiras de dúvidas,  
 Oceanos de perplexidade.  
 Pensar, ele o provou, abrange todos os contrastes

Como blocos de vida que é preciso polir e facetar  
 Para criação de pura imagem:  
 O ser restituído a si mesmo,  
 Contingência em busca de transcendência  
 Lá se vai Alceu: as letras não o limitavam  
 no paraíso da sensualidade das palavras  
 Que substituem coisas e sentimentos,  
 Diluindo a sangue de existir.  
 Para além das letras restam indícios mais luminosos  
 De uma insondável, solene realidade  
 De que muitos tentam aproximar-se  
 Com a cegueira de seus pontos de vista  
 E a avidez de sua insatisfação.  
 Alceu chega bem perto do foco incandescente  
 E não tem medo.  
 Sorri: Venceu o conformismo  
 Com a classe, a carreira, a biografia  
  
 Alceu, radiante espelho  
 De humildade e fortaleza entrelaçadas.  
 Não chora as ruínas da esperança.  
 Com elas faz uma esperança nova  
 De que a justiça não continue uma dor e um escândalo  
 De inerível raridade,  
 E sim atmosfera do ato de viver  
 Em liberdade e comunhão.  
  
 Lá se vai Alceu, gentil presença  
 Convívio militante entre solidões de ideias  
 Cada vez mais fechadas- e ele aberto  
 Aos ventos do mundo, à decifração do lancinante  
 Anseio de instruir a paz interior  
 No regaço da paz exterior:  
 Anseio de homens  
 Desencontrados, tontos, malferidos  
 No horror da vida escrava do azinhavre  
 De moedas viciadas no Poder da Terra.  
 Alceu tão frágil no seu grande corpo  
 Que não comanda os rumos da aventura  
 Mas adverte, ensina, faz o gesto.  
 Que anima a prosseguir e a procurar  
 A mais exata explicação do homem,  
 E lá se vai Alceu, servo de Deus,  
 Servo do Amor, que é cúmplice de Deus.  
 (ANDRADE, 1983, p. 1).

Alceu emerge, em uma de suas faces, como um dos principais críticos da década de 1920 e reconhecido como o primeiro e principal crítico moderno do Brasil. A frase do Papa Pio X sobre o Modernismo, “a síntese de todas as heresias” (RODRIGUES, 2012, p. 15), dá a exata medida da **batalha** que era travada não só no campo religioso, mas, principalmente no cultural.

Importante ressaltar que Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde, afirma que a Crítica Literária no Brasil teve início no século XX, ou seja, entre 1919 e 1920. O Tristão de Athayde apresenta autores, provoca movimentos e discute textos. Suas

ações como crítico interrompe aquele marasmo cultural que o país vivenciava na década de 1920. É Alceu quem faz a mudança de trajetórias e insere temas que antes nunca foram discutidos e nem seriam sem sua presença. Não é possível, portanto, negar a importância de Alceu Amoroso Lima (LEITE, 2014).

O escritor Leandro Garcia Rodrigues (2014), concedeu uma entrevista em 13 de fevereiro de 2014, na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, que vem comprovar essa inegável importância:

Um bom exemplo é o lançamento de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, lançado em 1928 e que Américo enviou a Alceu. Amoroso reenvia para Mário de Andrade, em São Paulo para que o mesmo difundisse na capital paulista. Alceu ficou encantado com o estilo e riqueza da obra. José Américo diz em carta que não fosse Alceu, sua obra continuaria a ser uma obra de interior, restrito ao nordeste (RODRIGUES, 2014, apud LEITE, 2014, p. 12).

Alceu teve um papel combativo que fez dele um homem da continuidade e um adversário dos modernistas de São Paulo — Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda reconheceram sua potência crítica (GOMES JÚNIOR, 2011).

Afrânio Coutinho, discípulo e também crítico de prestígio, testemunhou a postura crítica de Alceu Amoroso Lima perante o movimento moderno:

Disse-me ele que seu mérito maior de crítica foi de ter feito a defesa intransigente do modernismo brasileiro, a raiz mesma de suas primeiras manifestações contra todos — e eram todos então — que viam na revolução literária de 1922 apenas a gaiatice pedante de alguns moços desocupados (COUTINHO apud JANUÁRIO, 2004).

E sobre o mesmo assunto comenta Leandro Rodrigues,

Alceu compreendia a crítica literária não apenas como um exercício de erudição hermenêutica, mas também como uma forma de criação apoiada no binômio intuição-expressão. Alceu criou e defendia o que chamava “crítica expressionista”, afirmando que a função do crítico não é julgar, porém compreender e participar (RODRIGUES, 2012, p. 16).

Para Alceu Amoroso Lima, a Semana de Arte Moderna de 1922 significou:

A morte de uma civilização e o surgimento de outra, como na guerra da Europa. Foi um fenômeno de morte e revivescência. 22 foi uma vitória sobre o conformismo do passado, sobre o envelhecimento prematuro típico do Brasil.<sup>22</sup> cabe uma linguagem: “ai daqueles que olham para o passado e

não para o futuro, pois não são dignos do reino de Deus” (ATHAYDE; MOTA, 1983, p. 31).

Expressar sobre a crítica literária de Alceu Amoroso Lima é também comentar acerca das publicações do escritor que deixou registradas obras sobre literatura, filosofia, pedagogia, psicologia, teologia, religião, Igreja Católica, Sociologia, política e economia. Artigos publicados em jornais e revistas nacionais e internacionais e opúsculos (ARGON, 2014).

A outra face que se manifesta é construída no período em que o crítico carioca conhece Jackson de Figueiredo. O centro Dom Vital, Associação civil para estudo e discussão vinculado à Igreja Católica foi fundado por Jackson de Figueiredo em 1922 no Rio de Janeiro sob os auspícios do Cardeal Dom Sebastião Leme, ou simplesmente Dom Leme. O Cardeal viu no Centro a possibilidade de resgatar boa parte da intelectualidade perdida no forte indiferentismo religioso que reinava no país. Um ano após esta fundação foi criada a revista **A Ordem**, referência na divulgação do pensamento católico conservador (RODRIGUES, 2012).

Alceu manteve um dos mais interessantes diálogos epistolares de nossa literatura com Jackson de Figueiredo. Durante seis anos foi escrita uma correspondência ininterrupta com cartas quase diárias, curtas ou caudalosas, totalmente, voltadas para esclarecimento de dúvidas de converter-se ou não ao catolicismo (RODRIGUES, 2012).

Essa conversa missivística entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo, líder católico, permitiu perceber que Figueiredo se posicionava como reacionário, antimodernista e tradicionalista e Alceu Amoroso Lima, reacionário no fim dos anos de 1920 até metade da década de 1940. Depois foi visto como pensador que se notabilizou pela crítica cotidiana ao regime militar do pós-1964 e que se dizia agnóstico. Esse fato associado ao contato de Tristão de Athayde com o Padre Leonel Franca e as opções políticas em voga culminaram na conversão de Alceu Amoroso Lima ao catolicismo que se completou em junho de 1928, quando diante do Padre Leonel Franca declarou sua fé e comungou pela primeira vez depois de adulto (ALCEU, [199-]).

Segundo seu próprio depoimento, a conversão significou “uma passagem do compromisso para os problemas transcendentais, isto é, das origens e dos fins da vida do ser humano”. “Representou, por outro lado, um escândalo no meio



intelectual e entre seus amigos, chegando Mário de Andrade a dizer que havia morrido um crítico literário” (ALCEU, [199-], p. 2).

Desde a sua conversão Alceu Amoroso Lima foi um apaixonado pela Igreja de Cristo, defendeu-a e proclamou seus valores. No mesmo ano em que Alceu converteu-se ao catolicismo, Jackson de Figueiredo sofreu um acidente em dezembro de 1928, que o levou à morte, e Alceu Amoroso Lima o substituiu dirigindo o Centro Dom Vital, nomeado pelo Cardeal Dom Leme e ocupando lugar estratégico de principal liderança leiga do catolicismo brasileiro, com todos “os problemas e paradoxos que representa isso para um crítico de literatura” (RODRIGUES, 2012, p. 16). Começava a trajetória histórica de Alceu Amoroso Lima junto a Igreja Católica brasileira.

Lima assume os órgãos do laicato católico num momento em que a igreja está atrelada a posição de direita, defendendo que sua “posição reacionária, era uma característica póstuma adquirida de Jackson de Figueiredo” (LIMA, 1971, p. 11), que o levava a identificar o catolicismo como uma posição de direita e a destacar a autoridade com prejuízo da liberdade (LIMA, 1971). Ainda sobre a conversão de Alceu é significativo destacar que a palavra conversão registrada no dicionário *online* da Língua Portuguesa, (2016) da Porto editora, informa que vem do latim *conversio*ne, que significa conversão religiosa.

Para Leite (2014), converter-se é intenso e complexo. É uma transmutação psíquica que beira ao redimensionamento completo da existência do convertido e conjuntamente de todos que o rodeiam. O conceito de conversão aqui nos remete ao pensamento de reconversão haja vista que Alceu não decidiu mudar de religião, ele reafirmou a fé que professava no Catolicismo onde fora criado e que o deixou por influências fortes e marcantes. Para ele, essa reconversão significou o renascimento para uma existência verdadeira.

O ano de 1923 provoca em Alceu Amoroso Lima uma marcante cicatriz, pois ele perdeu seu pai, pessoa importante e sua morte configurou-se um fato significativo em sua trajetória. Dessa data em diante, como afirma Otto Maria Carpeaux (1978, p. 42, apud, LEITE, 2014, p. 48), “o mundo em que Alceu Amoroso Lima nasceu e se formou, está aproximando-se do fim (...). Alceu não é homem de rupturas violentas (...) deve ter sentido a morte do pai como um daqueles acontecimentos dolorosos que a natureza impõe inapelavelmente”.

Em 1924, insatisfeito em sua postura existencial Alceu começou a buscar novos itinerários. Interrompeu sua coluna de crítica literária em **O Jornal** e iniciou um longo diálogo epistolar com Jackson de Figueiredo que influenciou diretamente a volta de Alceu ao catolicismo em 15 de agosto de 1928 informação já citada e retomada para poder ressaltar a ideia da conversão<sup>10</sup>. Todo o processo de conversão de Alceu foi lento e difícil - aconteceu aos poucos, etapa por etapa, leitura após leitura, depois de muito questionamento (RODRIGUES, 2012).

Sobre ela é o próprio Alceu quem recorda:

A minha conversão se deu contra a minha vontade. Por quê? Porque eu temia, me convertendo a perda da liberdade. Daí ter levado quatro anos o meu debate a respeito com Jackson de Figueiredo. Pela ortodoxia católica, converti-me pela Graça Divina. Mas desde o princípio sabia que ia ser duro. O fato é que encontrei na igreja mais liberdade do que esperava, mas também mais dureza do que se pensa. O meu choque foi ter que enfrentar esse problema. A conversão, antes de me afastar dos problemas políticos e sociais, me levou a neles aprofundar ainda mais a minha consciência (LIMA, 1973, p. 117, apud Rodrigues, 2012, p. 62).

Pode-se, a partir deste depoimento, compreender que Alceu Amoroso Lima viveu de forma intensa a sua vida e que o caminho percorrido para sua conversão ocorreu de maneira espiritual. Leandro Garcia Rodrigues (2012) esclarece que esse processo de conversão não pode ser visto apenas como uma escolha feita, é algo mais, é existencial, transcendental, que impulsiona a pessoa, levando-a a um sério questionamento sobre a vida, seus objetivos e clarifica que esse contexto vivenciado entre “o deserto e o êxtase” (RODRIGUES, 2012, p. 62) - é uma busca difícil, penosa, onde são encontrados dramas pessoais, espirituais e até intelectuais. Porém o mais importante deles é a perda da própria fé e a consciência de seu resgate.

Sobre tal fato é o próprio Alceu quem nos esclarece nas suas **Memórias improvisadas** (1973),

Minha formação religiosa foi completamente convencional, sem a mais leve sombra de fervor. De 1908 a 1928 me fui afastando de toda prática religiosa, abandonando as minhas tênues convicções a este respeito. Comecei a perder a fé quando deixei o Ginásio e ingressei na Faculdade de Direito. Logo depois (1909) fazia a minha segunda viagem à Europa (a

---

<sup>10</sup> Alceu Amoroso Lima afirmou algumas vezes que sua conversão ao catolicismo em 1928 fora, na verdade, uma segunda conversão. Sua infância foi vivida no seio católico, fato que é rompido a partir de sua adolescência. Daí o termo ser modificado dessa forma (LEITE, 2014).

primeira em 1900 com seis anos), o que me obrigou, para não perder o ano escolar, a realizar exames de segunda época. Na verdade, não sei dizer com precisão qual o fato substancial que me induziu a abandonar a religião. Creio que a melhor explicação para isto se deve às próprias condições em que se formou a minha geração. Mas, no meu caso em particular, se quiser dar um símbolo, creio que posso dizer que foi o professor Sílvio Romero, meu mestre de Filosofia do Direito, no primeiro ano da faculdade, quem mais fortemente contribuiu, na época, para o meu agnosticismo. E procurei substituir o vazio deixado pela falta de religiosidade com o seu evolucionismo spenceriano (LIMA, 1973, p. 33).

As metamorfoses vividas a partir de 1924, as quais Alceu Amoroso Lima experimentou ao longo de sua vida intelectual, o colocou em várias situações de dúvidas, desde seu envolvimento com o Agnosticismo na Faculdade de Direito, até sua relação de proximidade com Jackson de Figueiredo alguns anos depois. Jackson era sempre persuasivo quando se tratava da relação de Deus com seus filhos, particularmente Alceu. (RODRIGUES, 2012).

Jackson de Figueiredo era intelectual católico polêmico e polemista, de personalidade forte e inflexível que após sua (re)conversão ao catolicismo, chegou a ser apelidado de “cangaceiro da igreja” (RODRIGUES, 2014, p. 73), diante de sua crença, postura religiosa e defesa da instituição católica. Tal postura causou incômodos na intelectualidade da época chegando Jackson a ser amado e odiado igualmente.

Em um artigo denominado **Tristão de Athayde**, publicado no **Diário Nacional** datado de 7 de junho de 1931, o escritor Mário de Andrade fez rigorosas considerações a respeito do pensador católico:

A personalidade de Jackson de Figueiredo, confesso que me causa uma espécie de mal-estar dizer o que sinto dela. E creio que esse mal-estar é mais ou menos geral, porque, a não ser os louvores excessivos dos amigos, e os panegíricos mais ou menos de sociedade pela injusta morte dele, jamais vi quem se dispusesse a estudá-lo livremente com a descariciosa justiça. Em geral gosto muito das cartas dele já publicadas, e por elas compreendo aquela afirmativa do próprio Tristão de Athayde, de que Jackson de Figueiredo era principalmente admirável na intimidade. Devia ser. Os livros dele, se demonstram conhecimentos muito sérios do que versavam (pelo menos o sobre **Pascal e a Inquietação Moderna**), são fracos, não dão calor, nem convicção, escritos num estilo pouco menos do que medonho. E quanto às atitudes políticas dele, não sei... não conheço direito, fala-se tanta coisa, talvez os que falam sejam todos do grupo das tais línguas péssimas” (ANDRADE apud RODRIGUES, 2014, p. 72).

O poeta Carlos Drummond de Andrade em 1929, na cidade de Belo Horizonte escreveu o poema Ode a Jackson de Figueiredo, que nunca foi publicado em seus livros, justificando a sua transcrição.

Jackson  
 nem amigo nem inimigo,  
 nem mesmo ( o que seria cômodo) espectador displicente na sua poltrona  
 espiando teus gestos, tuas palavras e obras,  
 mas distante, extraordinariamente distante daquilo que foi a tua vida,  
 mais distante ainda dos mundos que explorastes, viajante inquieto,  
 [ sem tempo para  
 esgotá-los, e só te conhecendo bem depois que abriste os braços  
 [ para morrer,  
 aqui estou , testemunha depondo.

Jackson,  
 os que te conheceram e te amaram  
 os que te conheceram e não te amaram  
 os que não tiveram tempo de te amar,  
 os que não cruzaram no teu destino, os que ignoram o teu nome,  
 [ os que jamais  
 saberão que exististes, estão todos um pouco mais pobres do que  
 antes,  
 Uns perderam o amigo.  
 Outros, o inimigo, o grande e belo inimigo que orgulha.  
 Outros nada perderam, e é tão triste, tão doloroso não perder nada.  
 Como estes, eu me sinto pobre da pobreza de não ter sido dos teus  
 [Jackson,  
 e eu sinto verdadeiramente por todos aqueles que jamais suspeitarão  
 [disso.  
 (DRUMMOND, 1929, apud, RODRIGUES, 2014, p. 75).

Com defeitos ou não, errando ou acertando, perseguido ou perseguidor, enfim Alceu Amoroso Lima era um artista plural (RODRIGUES, 2012) que se mantinha sempre atualizado com todos os acontecimentos do mundo da literatura, do mundo da fé e da religião católica. Ao escrever sobre a vida desse grande pensador somos levados a revisitar suas obras e repensar a capacidade do homem em compreender a realidade e seus contextos as transformações, e entender o outro como outro ser humano em todas as suas complexidades.

### 3 A CORRESPONDÊNCIA E OS ESTUDOS LITERÁRIOS

Trabalhar a correspondência de escritores é de fundamental importância para os estudos literários, uma vez que aponta conteúdo crítico, assuntos históricos, políticos, religiosos, direitos humanos, histórias de vida, de amizade, desafetos, amores e processos de criação literária, como se registrou no lote em questão.

As informações epistolográficas possibilitam o pesquisador a compreender, a partir dos comentários feitos pelos signatários a respeito do processo de criação de romances e poesia, como se desenvolveu a gênese da obra. Isso contribuiu para esclarecer fatos importantes sobre o fazer literário dos referidos escritores fundamentados nas diferentes correntes literárias e compartilhamento de ideias e opiniões, encontradas nas cartas.

Moema Rodrigues Brandão Mendes (2011, p. 5), aponta a relevância das cartas e as diversas informações nelas contidas.

[...] A importância das cartas não está em apenas informar, explicar e orientar o leitor com revelações biográficas, mas também em apresentar ideias e elaborações estéticas, projetos e intimidades de homens-poetas-prosadores, que foram importantes na formação da literatura brasileira.

Sobre a carta Moraes (2005, p. 19) afirma: “essa escrita, resulta, sob essa perspectiva, de uma reflexão maior, do encontro mais intenso do sujeito com ele mesmo”. Nela há “o completo amadurecimento das novas ideias, o confronto mais apurado com as verdades interiores, em um tempo mais dilatado”. Ainda afirma Moraes (2005, p. 20), “Quando dirigimos nosso olhar ao passado, percebemos a longevidade do gênero epistolar na cultura letrada”.

Compreende-se, portanto, a carta como uma forma de comunicação manuscrita, datiloscrita ou impressa, emitida para um ou mais destinatários, com as mais diversas finalidades: pode ser de natureza administrativa, comercial, histórica, política, religiosa ou pessoal. No caso da correspondência entre escritores, há o registro de informações que fornecem dados importantes e esclarecedores. (VASCONCELLOS, 1998), reconhecendo, assim, a correspondência como um importante espaço de sociabilidade para qualquer indivíduo. Sobre esta premissa, Eliane Vasconcellos afirma que a carta permite “a conversação com alguém que

está ausente, na qual colocamos o que diríamos se estivéssemos presentes” (VASCONCELLOS, 1998, p. 61).

A troca de correspondência só existe em função do outro, para quem se dirige uma fala e de quem se espera uma resposta. Logo, é uma via de mão dupla, um intenso ir e vir entre um propósito anunciado, uma espera ansiosa e uma resposta, em que o mais importante é o restabelecimento do início do processo. O gênero epistolar constitui um meio de comunicação desde a Antiguidade e é de grande valor para a sociedade.

Discorrendo sobre as relações de sociabilidade, Matildes Demétrio dos Santos (1988), conclui:

A correspondência é o apelo irreprimível daquele que escreve e a ressonância de quem recebe. Num jogo Inter-relacional acontece a abertura e o deciframento do remetente, ao mesmo tempo em que se abrem frestas para o conhecimento do destinatário [...] como num texto mágico, vence a distância, reaproxima, traz marcas e traços do ausente (SANTOS, 1998, p. 22).

É o diálogo do próprio autor, animado por satisfações ou preso a inquietações que lhe perpassam o espírito a cada hora e minuto. Outras vezes, são entusiasmos, confissões, sonhos, projetos, anedotas, encruzilhadas, inclinações, teorias, discussões, amores... É o percurso de uma caminhada, jornal de uma vida, manifestação de um indivíduo face ao outro, reflexo de um eu que se quer presença imediata e quase física (SANTOS, 1998, p. 21).

Para estudar o lugar ocupado pela correspondência, enquanto fonte de pesquisa literária, foram utilizados os pressupostos que envolvem as teorias da Crítica genética, apoiados nos estudos sobre Arquivos pessoais, Acervos literários privados, custodiados por instituições públicas e as teorias sobre Epistolografia.

Para compreender a Crítica genética, é necessário conhecer um pouco de sua história e de sua gênese. Segundo Mendes (apud ALVARENGA, 2015), a Crítica genética surge em 1968, na França, a partir do trabalho pioneiro de Louis Hay, que através do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), criou uma pequena equipe de pesquisadores encarregados de organizar os manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine, doados à Biblioteca Nacional da França.

A equipe era formada por germanicistas. Essa equipe associou-se a outras, que se interessaram pelos manuscritos de Proust, Zola, Valery e Flaubert. Daí começou-se a ver a problemática geral que havia na Crítica Genética e foi criado um laboratório específico dentro do CNRS: o ITEM (*Institut de Texts et Manuscrits*

*Moderns*), composto atualmente por várias equipes que estudam Aragon, Baudelaire, Neruoal, Flaubert, Heine, Joyce, Proust, Sartre, Valery, Zola. Há também, laboratórios de codicologia moderna de tratamento ótico das escrituras, de informática, de manuscrito e linguística e de manuscrito e cultura (SALLES, 2008).

No Brasil, os estudos de crítica genética tiveram início em 1985, em São Paulo, no I Colóquio de Crítica Textual, organizado pela Universidade de São Paulo. (USP), coordenado pelo professor Phillipe Willemart (crítico genético), que incentivou vários pesquisadores a se dedicarem a esse assunto e que já havia pesquisado sobre os manuscritos de Gustave Flaubert.

Nesse colóquio foi fundada a Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML) e criada a revista **Manuscritica** (1990), publicação dedicada a estudos desta teoria.

A Crítica genética ou a genética textual é uma ciência nova, pois recebeu o estatuto de disciplina independente em 1968. Como iniciativa, foi fundada a Associação de Pesquisadores em Crítica Genética (APCG) que reúne os principais grupos de pesquisa no Brasil. O processo de criação é, de fato, o seu objeto de estudo, tendo em vista as inibições do espaço percorrido durante a construção da produção artística, como explica Salles (2008).

Ao nos depararmos com o objeto de estudo da crítica genética, estamos, necessariamente, acompanhando uma série de acontecimentos interligados, que poderiam ser objeto de criação. Na relação entre esses registros e a obra entregue ao público encontramos um pensamento em processo. E é exatamente como se dá essa construção o que nos interessa (SALLES, 2008, p. 35).

Segundo Salles (2008), o que confere especificidade ao método, o que o distingue de outros estudos que também têm esses documentos como objeto, é o seu propósito.

[...] é o fato de torná-los como índices do processo de criação, suportes para produção artística ou registros de memória de uma criação, e assim dar um tratamento metodológico que possibilite um maior conhecimento sobre esse percurso (SALLES, 2008, p. 30).

A Crítica genética preocupa-se com textos inéditos, com a correspondência dos autores e com a história da obra. É parte de seu objeto de investigação avaliar a criação do autor e os diversos momentos e aspectos da criação da obra literária. “A

crítica genética evidencia um progressivo interesse pelos processos de criação” (MENDES, 2011, p. 5).

O crítico genético utiliza-se da Crítica textual para auxiliá-lo na maneira como os dados e o material a ser trabalhado deverão ser observados de modo que o pesquisador tenha um maior entendimento da obra. Segundo Salles (2008), o crítico genético ao pesquisar uma obra reconhecerá uma nova perspectiva em um referido arquivo.

Lidamos com índices, ou seja, a todos os registros que o artista faz ao longo do processo. Além disso, o processo criador é repleto de decisões que não deixam rastros. Desse modo, por mais completo que seja o dossiê com o qual lidamos, não temos acesso a todo caminho criativo, mas a muito desse percurso (SALLES, 2008, p. 56).

A crítica genética, por conseguinte, é uma prática de natureza interdisciplinar e tem como embasamento o estudo de manuscritos. E seu principal fundamento é acompanhar a evolução do texto, resgatar as suas transformações e desvendar os mecanismos de sua produção.

A crítica genética como metodologia nesta pesquisa justifica-se pela necessidade de se observar o processo de criação da correspondência entre o poeta Murilo Mendes e o crítico literário Alceu Amoroso Lima em que a análise incide sobre as missivas.

Sobre os manuscritos Alvarenga afirma que,

Os manuscritos, no caso as cartas, tratam das memórias do escritor e, de acordo com as teorias da Crítica genética, a obra, por ele produzida, está em contínua transformação e necessita de todo material tal como ele é encontrado para, depois de estudado, permitir a compreensão de parte da construção intelectual do autor (ALVARENGA, 2015, p. 21).

A consulta às cartas-manuscritos é de essencial importância para que sejam determinados os critérios para o estabelecimento do texto da edição de fontes, e o método utilizado na transcrição das cartas. Antonio Candido (2008) afirma assim a relevância dos manuscritos:

O estudioso de literatura visa essencialmente ao conhecimento e análise do texto literário. Este apresenta dois aspectos básicos:

- A) Acessórios
- B) Essencial



O primeiro é a sua realidade material (aspecto, papel, caligrafia, tipo, estado do texto, etc), mais a sua história (por quem, como, onde, quando, em que condições foi escrito). É por assim dizer, o corpo da obra literária e a história desse corpo.

O segundo é a sua realidade íntima e finalidade verdadeira: natureza, significado, alcance artístico e humanos. É de certo modo, a sua alma (CANDIDO, 2008, p. 13).

Guimarães (1996), escreve que a correspondência em estado manuscrito oferece informações que alimentam sua leitura e modulam a passagem do privado ao público:

Assim, a passagem do privado para o público envolve uma interpenetração desses planos no desenvolvimento da correspondência. As cartas são importantes pelo que transmitem culturalmente, e por isso devem ser divulgadas, mas mesmo em nível pessoal há esse reconhecimento, quando as cartas são efetivamente da amizade-aceitar a publicação é patentear essa amizade [...]. (GUIMARÃES, 1996, p. 9).

Segundo a observação sobre o potencial de desenvolver pesquisas com os manuscritos, Louis Hay, destaca. “A tendência contemporânea a tratar a escrita privada como uma escrita pública diz respeito de fato, ao mesmo tempo ao escritor e o leitor “. (GUIMARÃES, 1996, p. 24).

A correspondência variada dos escritores, como cartas, bilhetes e telegramas possibilitavam conhecer o elo entre as pessoas no tempo em que os meios de comunicação mais imediatos como o telefone e a *internet* inexistiam.

Na concepção de Walter Salles (apud, MORAES, 2005), premiado cineasta de Central do Brasil, filme comovente em que a correspondência organiza a trama, argumenta, em uma entrevista à **Folha de São Paulo**, que:

Muitas coisas só podem ser ditas por carta. Para ele, “a comunicação por carta tem um tempo próprio, uma extensão particular e uma reflexividade incompatíveis com meios de comunicação frios como e-mail”. Isso nos sugere que diferentemente da conversa telefônica na qual a nossa fala vai imediatamente sendo interrompida pelo interlocutor na configuração do diálogo, o texto de uma mensagem escrita permite que desenvolvamos um pensamento ou uma argumentação do princípio ao fim. Essa escrita resulta, sob essa perspectiva, de uma reflexão maior, do encontro mais intenso do sujeito com ele mesmo. Embora ouvir a voz de nossos amigos por telefone seja mais agradável, visto que nos retira do silêncio da solidão, a agilidade do diálogo telefônico impede, de certa forma, o completo amadurecimento das nossas ideias, confronto mais apurado com as nossas verdades interiores, em um tempo mais dilatado (MORAES, 2005, p.19).

A tecnologia, com seus aplicativos e facilidades de comunicação modificaram as relações de amizade e sua função social. Isto é um fato indiscutível, entretanto, cabe a esta investigação pesquisar sobre a amizade epistolar, sua importância e a política de preservação deste acervo missivístico, abordagem que será tratada na próxima subseção.

### 3.1 ACERVO, A CORRESPONDÊNCIA E A AMIZADE EPISTOLAR

Os arquivos literários, sobretudo os depositados em fundações, museus, universidades e instituições de caráter cultural, têm se configurado como relevante fonte de investigação documental, refletindo, positivamente, no âmbito da pesquisa literária. Eles centralizam e revelam informações pertinentes à vida e à memória intelectual, registrando os caminhos percorridos pelo fazer literário e guardando comentários críticos sobre a obra dos correspondentes.

O que leva um escritor a arquivar suas produções? Artières (1998, p. 11), responde que “arquivar a própria vida é pôr-se no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. Esta é uma possibilidade argumentativa, mas o que se constata é que um grande número de investigadores tem se interessado em utilizar como objeto de pesquisa, os manuscritos de escritores, especialmente as cartas e quaisquer documentos de seu acervo que sejam úteis à pesquisa literária. Ressalta-se por isso a importância da manutenção e preservação de todo este material. Lúcia Maria Velloso de Oliveira (2012) afirma a singularidade dos acervos e arquivos pessoais como forma de estudo e análise de documentos.

A arquivologia fornece a metodologia para a organização e a representação dos arquivos pessoais de forma que suas especificidades sejam mantidas ao longo do tempo, e simultaneamente que sejam compreensíveis para a sociedade em sua complexidade. No decorrer desse processo de reconstrução é essencial perceber que esses documentos constituem memória de uma vida ou muitas vidas, e que traduzem a memória de um indivíduo sobre si mesmo (OLIVEIRA, 2012, p. 75).

A partir desta breve reflexão, importa pensar a correspondência mantida entre Alceu Amoroso Lima e Murilo Mendes como um espaço de convivência e de preservação de memória.

O exercício de amizade entre esses dois intelectuais resultou, portanto, em uma preciosa e abundante correspondência. O diálogo epistolar é iniciado pelo poeta Murilo Mendes em 27 de dezembro de 1930, carta enviada da cidade do Rio de Janeiro. O poeta juiz-forano escreve de forma ousada:

Alceu Amoroso Lima

Li notícia suas próximas conferências venho pedir obséquio mandar resumo mesmas dificuldade jornais aqui só aparece "O Jornal". Questão social operária política me interessa bastante evidentemente não posso examinar rigor técnico do resto procedo tão altos assuntos abstração tempo perspectiva método essencialista julgando desastres desgraças humanas imprescindíveis construção servem equilíbrio humano do contrário seria unilateralidade que pressuporia homem outra natureza mas também não pode desprezar meio alívio esquecendo teorias falsas idealistas prometem épocas sociais paraísos rosas. Achei boa ideia grupalismo tendência orientação minha algumas amigas Rio evitando individualismo exagerado ao mesmo tempo comunismo refreando certas dilatações justificáveis personalidade ampliação órbita psicológica homem.

Me pareceu ótimo conjunção fatores econômico político religioso construção sociedade mais equilibrada! Experiência russa mundo sem Deus experiência interessante poder dissociação humana se construir destruir mesmo tempo mas não serve besteira homem composto nem há dúvida quanto mim crises mais delirantes atitudes modernas que não renego declaro não posso prescindir Cristo tenho muitos anos atravessado garganta figura imensa onde cabem caberão todos poetas artistas filósofos até fim mundo. Sua orientação seria consegue convencer homens boa vontade embora eu pessoalmente não concorde certos escrúpulos exagerados talvez necessários campanha. Não dou m<sup>a</sup> última palavra porque sou completamente elástico. Estou passando uns tempos aqui descanso ambiente Rio ataca sensualidade não me deixa pensar. Estou casa irmão excelente ótima vitrola boa cozinheira 2 namoradas. Depois mesmo revolução parece se aumentou necessidade de poesia dosagem equilíbrio situando inquietação já está se tornando literária mas existe realmente homem dilatar sua forma sua essência precisamos vários espaços ou nenhum temos mil cérebros, só dois braços a técnica é deficientíssima.

e se justifica,

Este estilo telegráfico não é falta consideração porque momento melhor tem exprimir alguma coisa.

se despedindo,

Feliz 1931

Cordial aperto mão

Amigo admira sempre

Murilo Mendes.

Pitangui – E.F. Oeste Minas a/c Dr. Onofre Mendes Jr.

27.XII.1930

A partir desta primeira missiva, é interessante pensar que “Procurando os amigos, percorro seus escritos” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 17), escritos que geram uma rede de relações pessoais entre os missivistas e terceiros citados nas cartas. Este diálogo reafirma laços sociais, intelectuais e afetivos, haja vista ser a correspondência um documento típico dos arquivos privados, principalmente dos pessoais. Anne Vincent–Buffault se refere à escrita epistolográfica como exercício constante de amizade.

A amizade, no entanto se exerce, ela ocupa, é atuante. Esse exercício da amizade forma e transforma: praticando-o, elaboram-se tanto o si mesmo quanto o entre- si. Indo ao encontro dos outros, é ao encontro de si mesma que a pessoa se lança. Nela se conjugam a alegria comum e o ethos, que eu gostaria de traduzir ao mesmo tempo como uso e como fragmento de ética (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 9).

A amizade e a sua função social modificaram-se ao longo do tempo. Os filósofos gregos utilizavam o termo **Philia** comumente interpretado como amizade e de fundamental importância para as relações sociais.

Will Durant (1996) observava que a amizade era fundamental à ética, e apenas as pessoas boas e virtuosas seriam capazes de vivenciar uma amizade plena. Montaigne (1996, p. 78), analisava a amizade a partir do pensamento de Aristóteles, compreendendo-a como “o mais alto ponto de perfeição na sociedade”.

Há um significativo número de palavras que descreve o que seja amizade: simpatia, lealdade, estima, paciência, fidelidade, ternura, confiança, tolerância, respeito, companheirismo, cumplicidade, dedicação, benevolência e aceitação do outro dentre outras.

No registro epistolar examinado, Murilo Mendes e Alceu Amoroso Lima construíram uma narrativa que evidenciou a dimensão social da emoção, fundamental para reconhecer as relações desses dois intelectuais e do pensamento modernista à luz da amizade. [...] “A amizade fornece referenciais sociais na medida em que permite afirmar uma identidade, uma singularidade” (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 9). Ele foi o espaço de análise do trabalho e da discussão sobre o fazer literário, comentários e informações sobre lançamentos de livros. Conversou-se sobre o catolicismo, compartilhou-se ideias e opiniões, assumindo a carta uma importância indiscutível.

Sobre isso, Vincent-Buffault comenta que:

A correspondência entre amigos se desprende progressivamente dos modelos epistolares oriundos da civilização medieval, que tinham essencialmente por objetivo o pedido de ajuda e a aquisição de novos amigos, isto é, apoio nas redes de interdependência. Esses modelos antigos de cartas ao amigo serviam com muita frequência para solicitar um favor. Nada há nisso de chocante, pois a amizade dava o direito de exigir, e a afeição devia efetuar-se em ato, traduzir-se em serviços mútuos. No tocante aos modelos de cartas destinadas a “adquirir novos amigos”, tratava-se de ganhar protetores e patrocinadores. Não resta dúvida de que a prática da recomendação e as funções utilitárias da carta perduram nos séculos XVIII e XIX. Mas elas passam a ser impregnada do tom íntimo que lhe confere sua veracidade, sua credibilidade (VINCENT-BUFFAULT, 1996, p. 19).

Murilo Mendes envia a Alceu Amoroso Lima, em 10 de maio de 1939, uma carta cujo fragmento transcrito dialoga com as reflexões acima:

Resolvi escrever-lhe sobre o caso do Vigário de Brodovski, Padre Sócrates. A situação segundo Portinari, piora dia a dia. Ele me contou que a velha mãe dele foi p<sup>a</sup> a cama há 8 dias, depois de ter ouvido o Padre dizer coisas horríveis do púlpito, contra pessoas da família dela. O Portinari pede-lhe a grande caridade de ir v. ao Núncio, achando dispensável a presença dele, pois não quer parecer que está fazendo carga contra o Pe. Estou certo de que, graças a sua atuação, o Pe. será transferido. O Portinari está nervosíssimo, e eu, sumamente aborrecido com este caso (MENDES, [carta] 10 mai.1939).

Ao longo desta relação de amigos epistolares, o poeta Murilo Mendes e o crítico Alceu Amoroso Lima comentaram e criticaram produções literárias mútuas e de outros escritores, pensaram projetos religiosos e de reconversão ao catolicismo, projetos profissionais, intelectuais, individuais ou coletivos a serem criados e em curso. A partir dela houve uma contribuição efetiva para formação desses dois, escritores seja como poeta e homens de fé cristã e religiosos. Esta correspondência foi fundamentalmente a base e o elo desta amizade.

### 3.2 EDIÇÃO DE FONTES E SEUS CRITÉRIOS

Para elaborar a edição de fontes, a correspondência trocada entre os missivistas foi transcrita na íntegra e acompanhada de notas explicativas ou fontes. A transcrição dessas missivas obedeceu aos seguintes critérios:

1. a documentação constituída por cartas, telegrama, cartão de visitas e um poema, foi numerada de 1 a 19 para efeito de índice;

2. foi informado, em fonte Arial 12 antes de cada correspondência, o número da missiva em relação ao lote completo (1/19, 2/19, em sequência, para efeito de índice) seguido das abreviaturas do remetente, Murilo Mendes (MM) e do destinatário, Alceu Amoroso Lima (AAL) as quais foram também utilizadas em notas, depois o número do registro catalográfico desta correspondência, de acordo com a organização arquivística do Centro de Pesquisa do Museu de Arte Murilo Mendes – MAMM, em Juiz de Fora, que detém a custódia deste acervo literário, contendo o estado de conservação do documento;
3. foi elaborada a descrição física do manuscrito após as informações contidas no critério 2 e registradas em Arial 12;
4. toda a transcrição foi atualizada em acentuação e ortografia;
5. foi respeitada a pontuação original do missivista;
6. foi preservada a linguagem coloquial do missivista;
7. foram preservados os trechos grifados pelo missivista;
8. foram mantidos os vocábulos riscados pelo missivista;
9. foram mantidos os sublinhados em palavras ou expressões;
10. foi registrada, em folhas separadas, a correspondência com suas respectivas fontes;
11. foram, os textos, transcritos na íntegra;
12. foram, as abreviaturas, desdobradas;
13. foram registradas, em Arial 12, as notas ou fontes inseridas em cada missiva, já que as mesmas constituem o fundamento do objeto de estudo;
14. foram preservadas as rasuras do poeta e as mesmas, quando silenciosas foram registradas com um ilegível.

## 4 AS CARTAS E AS NOTAS

### Poema 1

Nota de transcrição da carta 01 /19 MM a AAL, CAALL-047-07/0370

A dimensão do documento é de 14,5cm de largura x 17,5 cm de comprimento; possui pautas; na cor bege. 1 documento autógrafo à tinta na cor azul.

---

Poema<sup>1</sup>

Mágica da baleia

Jackson, o falido profeta,  
entrou no mar, botou dois dedos na boca  
chamando a baleia  
para lhe dizer um sermão.

A baleia chegou, não quis escutar,  
engoliu o profeta, coitado,  
então o profeta viajou  
sete dias dentro dela.

Os pescadores chamavam a baleia,  
não vê que ela respondia.

No fim dos sete dias  
a baleia levou uns ossos para a praia  
e um alma para o céu,  
depois foi palitar os dentes.

M. 1930

---

<sup>1</sup> O poema Mágica da baleia veio incorporado à correspondência que abrange o período de 1930 (ANEXO B).

## CARTA 2

Nota de transcrição da carta 02/19 MM a AAL,– CAALL-047-07/0366

A dimensão do documento é de 20,5cm de largura x 26 cm de comprimento; possui pautas; na cor bege; 4 documentos.

---

Rio 27-12-30<sup>2</sup>

Alceu Amoroso Lima

Li notícia suas próximas conferências venho pedir obséquio mandar resumo mesmas dificuldade jornais aqui só aparece “O Jornal”<sup>3</sup>. Questão social operária política me interessa bastante evidentemente não posso examinar rigor técnico do resto procedo tão altos assuntos abstração tempo perspectiva método essencialista<sup>4</sup> julgando desastres desgraças humanas imprescindíveis construção servem equilíbrio humano do contrário seria unilateralidade que pressuporia homem outra natureza mas também não pode desprezar meio alívio esquecendo teorias falsas idealistas prometem épocas sociais paraísos rosas. Achei boa ideia grupalismo tendência orientação minha algumas amigas Rio evitando individualismo exagerado ao mesmo tempo comunismo<sup>5</sup> refreando certas dilatações justificáveis personalidade ampliação órbita psicológica homem.

Me pareceu ótimo conjunção fatores econômico político religioso construção sociedade mais equilibrada! Experiência russa mundo sem Deus experiência interessante poder dissociação humana se construir destruir mesmo tempo mas não serve besteira homem composto nem há dúvida quanto mim crises mais delirantes atitudes modernas que não renego declaro não posso prescindir Cristo tenho muitos anos atravessado garganta figura imensa onde cabem caberão todos poetas artistas filósofos até fim mundo. Sua orientação seria consegue convencer homens boa vontade embora eu pessoalmente não concorde certos escrúpulos exagerados talvez necessários campanha. Não dou m<sup>a6</sup> última palavra porque sou completamente elástico. Estou passando uns tempos aqui descanso ambiente Rio ataca sensualidade não me deixa pensar. Estou casa irmão excelente ótima vitrola boa cozinheira 2 namoradas. Depois mesmo revolução parece se aumentou necessidade de poesia dosagem equilíbrio situando inquietação já está se tornando



literária mas existe realmente homem dilatar sua forma sua essência precisamos vários espaços ou nenhum temos mil cérebros, só dois braços a técnica é deficientíssima. Este estilo telegráfico não é falta consideração porque momento melhor tenho exprimir alguma coisa.

Feliz 1931

Cordial aperto mão

Amigo admiro sempre

Murilo Mendes.

Pitangui – E.F. Oeste Minas a/c Dr. Onofre Mendes Jr.

27.XII.1930

---

<sup>2</sup>A cópia desta carta está inserida no ANEXO A devido à sua construção que desobedeceu às regras de uso do padrão da Língua Portuguesa, Linguagem e Coesão e coerência textuais, seguidos da pontuação ausente.

<sup>3</sup> **O Jornal** foi um periódico de grande prestígio no Rio de Janeiro para o qual Alceu - sob o pseudônimo de Tristão de Athayde, iniciando sua trajetória literária (1919), mantinha uma coluna semanal, comentando os lançamentos, seus autores e obras e o caráter de universalidade que os envolvia. Acompanhou, também, por meio desta coluna, o surgimento do Modernismo. (RODRIGUES, 2012).

<sup>4</sup> Método essencialista: sistema filosófico desenvolvido pelo pintor, representante do Modernismo, Ismael Nery. O essencialismo era fundamentado na abstração do tempo e do espaço, no cultivo e seleção dos elementos essenciais à existência, na redução do tempo à unidade (...) na representação das noções permanentes que darão à arte a universalidade. Tal método influenciou a estética muriliana. (RIBEIRO, 1997).

<sup>5</sup> Comunismo: pode ser definido como uma doutrina ou ideologia (propostas sociais, políticas, econômicas e religiosas) que aponta para a promoção de uma sociedade sem classes sociais e em consonância com esta ideologia, estão os meios de

---

produção, fábricas, fazendas, minas etc., que seriam desvinculados do sistema, suprimindo as propriedades privadas, tornando-as públicas. Na área política, a ideologia comunista defende a ausência do poder do Estado. Murilo Mendes afirma que: “Questão social operária política lhe interessa bastante”. Comenta a posição de alguns de alguns escritores, da revista **A Ordem** que criticavam grosseiramente o comunismo da época, sem ponderar os aspectos positivos do mesmo. (BOBBIO, 2010).

<sup>6</sup> Abreviatura: minhas.

### CARTA 3

Nota de transcrição da carta 03/19 MM a AAL.CAALL-047-07/0364

A dimensão do documento é de 21 cm de largura x 27,2cm de comprimento; possui pautas na frente; na cor bege; escrito à tinta na cor preta. 1 documento frente e verso.

---

Pitangui – E.F. Oeste de Minas

27.II.1931

Prezado Alceu,

Li o seu artigo<sup>7</sup> que me confortou sobremodo - não tanto pelos elogios que contém - justeza de certas observações. Você disse o essencial s/m/<sup>8</sup> livro. É claro que, se você dispusesse de mais espaço, poderia entrar em maiores detalhes - mas dentro daquelas reduzidas 2 colunas você tinha mesmo que espremer s/<sup>9</sup> pensamento. Vejo que você me toma a sério, o que para mim é muito importante: não vê no sujeito dos “Poemas” um jogral, nem um mistificador - mas sim um indivíduo dissociado, mas que se esforça por atingir uma ordem. Já o mesmo não viu, por exemplo, o Agripino Grieco<sup>10</sup> - cujo artigo<sup>11</sup>, aliás me serviria mesmo muito se eu pretendesse forçar a atenção do público- o q<sup>12</sup>. não é o caso dum sujeito que publica um livro sem nenhum aviso, e tira só 200 exs<sup>13</sup>, sendo 100 fora do comércio. O Grieco censura m/<sup>14</sup> irreverência, como se o livro todo fosse em tal tom. Entretanto, é só uma parte, e um pouco da 2<sup>a</sup> – poemas, aliás q. eu introduzi ali mais para documentação; como é fácil verificar (a data da composição está indicada no frontispício-) – os tais poemas-piadas<sup>15</sup> foram escritos em 1925. Aliás, não abandonei tais manejos - exercito sempre assuntos ligeiros, que é para não ficar muito pesadão na horinha do apocalipse. Tenho horror as comadres, arranjos, etc - se lhe mando dizer tudo isto, é porque vou dizer o mesmo, e mais ainda, por estes dias ao Grieco - que tem, aliás, algumas anotações mto<sup>16</sup> certas no s/ artigo. Espero c/<sup>17</sup> o meu próximo livro, que está entrando para o prelo<sup>18</sup>, afastar a queixa, justa, da monotonia dos temas e da técnica fatigante - e não desmerecer a confiança de meia dúzia de sujeitos a cuja opinião dou apreço, e entre os quais se conta você, naturalmente.

Escrevi-lhe há tempos, pedindo resumo das s/ conferências. Você não respondeu e não estranhei, porque não ignoro o quanto você é ocupado. Por estes dias lhe mandarei cópia de alguns de m/<sup>19</sup> poemas recentes - hoje estou com preguiça, mando só esta glosa humorística do excelente artigo, e uma página do m/ livro, já pronto- "Zona"; a redação deste é especial p<sup>a20</sup> os amigos/ Cordial abraço. Murilo Mendes.

---

<sup>7</sup> AAL : nesse artigo intitulado Mais vozes de perto, AAL, refere-se ao livro **POEMAS** (1930), primeiro livro publicado de MM que possui vários poemas satíricos e caricaturais e AAL, declara que essa obra merece algumas observações exclusivas a respeito do estado de espírito da nova geração dos anos de 1930 e cita uma característica curiosa de MM que é o senso epigramático que ele possui. Outro traço típico de MM é que esse raro poeta, mórbido oscila entre o exibicionismo passageiro e a dor profunda de uma alma que não se satisfaz com a unidade. AAL reconhece que MM fez um estreia importante na modernidade e que portanto era filho de uma nova era, novo espírito coletivo e original. A poesia de MM, alcançou por alguns momentos à pura insanidade, o senso do invisível que é um movimento formidável, AAL louva esse espírito moderno. Mas o fato é que, MM tem momentos de puro desvario, contato com o invisível, senso efetivo de espiritualidade, desde o tempo do naturalismo poético, luta contra anjos e demônios, sua poética é angustiosa e divide-se entre angelismo e demonismo, o que é formidável e obtém intensidades poéticas nunca atingidas em nossa poesia e que beiram as fronteiras da loucura, que é um tremendo mistério humano (LIMA, 1933).

<sup>8</sup> Abreviatura: sobre meu

<sup>9</sup> Abreviatura: seu

<sup>10</sup> Agripino Grieco: poeta, ensaísta e crítico brasileiro (1888-1973), nascido em Paraíba do Sul (RJ), obteve notoriedade por sua eloquência satírica o que o tornou admirado, mas também temido por suas críticas ferinas e manutenção do espírito sarcástico. Fez sua estreia na literatura aos 19 anos com o livro de poesias **Ânforas**

---

(1910), tendo sua escrita sofrido influência do poeta Olavo Bilac e cuja obra recebeu menção honrosa da Academia Brasileira de Letras. Publicou o livro **Fetiches e fantoches** (1921), no qual reuniu artigos satíricos já publicados nas revistas **ABC** e **Hoje**. Produziu estudos literários, que reuniu em **Caçadores de símbolos**, que lhe proporcionou fazer contato com AAL, o Tristão de Athayde, crítico de **O Jornal**, onde por algum tempo o substituiu na crítica literária, tornando-se assim um dos mais respeitados escritores brasileiros. Entre suas publicações citam-se: **Estátuas mutiladas** (1913), **Evolução da poesia brasileira** (1932), **Evolução da prosa brasileira** (1933) e **Poetas e prosadores do Brasil** (1968). (BIOGRAFIA, [19--]).

<sup>11</sup> O artigo escrito por Agripino Grieco intitula-se **Cancioneiro modernista**, e tem início no momento em que AG visualiza a figura de MM e o descreve fisicamente. Descreve o Senhor como MM magro, comprido, com ar de seminarista ou de pensionista de Sanatório, contemplando as nuvens com ares de quem sofre de torcicolo. Considera que MM seja um representante do futurismo, alinhador de cifras que caçoa de si mesmo na modinha do empregado do banco, um juiz-forano que cedo foi desinstalado da vida mineira e desvirtuado pela capital do país, que o abandonou sem tradição, sem costumes e sem lendas. Que procura ver tudo de um modo diferente das outras pessoas, o que lhe é peculiar. De temperamento complicadíssimo e que confessa ser um homem atormentado, e de ter um pouco do maluco Black, o pintor de sonhos que andava nu e recebia em domicílio a visitaçã de anjos. Todas as emoções em MM são muito intensas, sistematizadas, com uma desordem organizada, com uma sexualidade que expressa-se romântica, que prefere traduzir-se com amargor epigramático. Suas facécias nasaladas são como de quem declamasse o monólogo de Hamlet, num Café Concerto da rua do Lavradio. Alguns de seus versos quase sem vértebras revela-nos um humorista-deformador, com um princípio de neurastenia e com tiques preocupantes. O que aparenta ser artificial, e desejo de provocar escândalo nesse descendente do Conde de *Lautréamont* perdido na área dos latinistas horacianos, da música sacra, do cinema de Cataguases e das mansas trepações de botica, pode ser no fundo naturalismo. Muitas bufonadas trágicas tem esse homem hieroglífico! Como considerar verdadeiro que é dito sendo ele um entusiasta dos três “CC” brasileiro, “crioléus” cariocas, gineceus tropicais com, carnaval, cachaça e capadoçagem, que

---

correspondem aos três “FF” do povo antigo de Nápoles: festa, farinha e força? O Sr MM tem a intenção de levar-nos a uma ilha de antropófagos idêntica e horrível. E nele existirá susceptibilidade e vulnerabilidade em excesso, dificilmente disfarçada por essas maneiras jogralescas, semelhante ao “Canto do noivo”, sua obra- prima e uma das e uma das obras-primas do irregular Cancioneiro modernista. (GRIECO,1944. p. 226-228).

<sup>12</sup> Abreviatura: que

<sup>13</sup> Abreviatura: exemplares

<sup>14</sup> Abreviatura: minha.

<sup>15</sup> Poemas-piada: Primeira obra (escrita entre 1925-1929, Juiz de Fora, Editora Dias Cardoso), com o qual recebe o **Prêmio Graça Aranha de poesia**. Em 1930 escreveu o auto **Bumba- meu-poeta**, (1930-1931), publicado na revista **Nova**, cujo editor responsável era Paulo Prado. Segundo Picchio (1998), identifica-se nas obras citadas a reprodução dos quadros de Chagall, as praças com estátuas brancas e paradas como em metafísicas de Chirico e reconhece-se a presença de imagens. (PICCHIO, 1998).

<sup>16</sup> Abreviatura: muito.

<sup>17</sup> Abreviatura: com .

<sup>18</sup> A obra que está entrando no prelo intitula-se **História do Brasil**, publicada em 1932, no Rio de Janeiro , pela editora Ariel, segundo livro do autor, cujo tema é a cultura brasileira, no qual o tratamento satírico se acentua. Os costumes do país são repassados e várias personagens da vida brasileira são satirizadas, transformando-se numa crítica radical dos modos de representar os eventos e personagens históricos. A simpatia do autor pelos derrotados da história está registrada em vários poemas. (CRUZ, 2005). Este livro foi considerado pouco representativo no conjunto

---

da obra do autor e, portanto, não incluído na recolha das **Poesias** de 1959. (PICCHIO, 1994).

<sup>19</sup> Abreviatura: meus.

<sup>20</sup> Abreviatura: para.

**CARTA 4**

Nota de transcrição da carta 04/19 MM a AAL.CAALL-047-07/0361

A dimensão do documento é de 21 cm de largura x 27,2cm de comprimento; possui pautas; na cor bege. 2 documentos autógrafos à tinta na cor preta, frente e verso no primeiro documento e apenas frente no segundo.

---

Pitangui – 23/3/31

Prezado Alceu,

No mês passado escrevi-lhe uma carta. Uma revista do Rio publicou uma notícia c/ meu livro: “livro notável, apesar de elogiado por Tristão de Athayde”<sup>21</sup>. Isto é um índice do tempo!

O Brasil suicida-se. Basta abrir um jornal para se ficar arrepiado. Neste sossego mineiro tenho refletido sobre a atitude dos intelectuais em face do caso brasileiro<sup>22</sup>. Pensei mesmo em me enfiar em algum movimento sério. Fiquei esperando os programas e manifestos. O de S. Paulo<sup>23</sup> é ridículo, atrasado e literário, o de Minas é mais equilibrado, mas platônico. Ficarão os intelectuais do Brasil reduzidos a situação de “clérigos” que traíram? Ainda pra se julgar isto com segurança, seria preciso deferir o conceito de ação. Quanto a mim acho que a ação pode implicar romantismo. O espírito romântico é o de desordem, revolução. O espírito clássico é o de ordem. Este século é profundamente romântico. Há certas contemplativas muito fecundas. Se eu conseguir escrever um grande poema, terei trabalhado mais para o Brasil, do que se fosse pra praça pública pegar liberalismo, etc, a multidão. Para qualquer classe que me transfira, serei infeliz.

Mando-lhe duas amostras do m/ próximo livro - “Identidade de elementos”<sup>24</sup> e “Escolher”<sup>25</sup>. Os outros não fazem parte. Queria lhe dizer mais coisas hoje, mas tenho de sair, estou com pressa.

Um abraço do

Murilo Mendes

Pitangui E.F. Oeste de Minas 23/3/31



---

<sup>21</sup> **Poemas** (1930) é o livro notável e elogiado por Tristão de Athayde. Mas, quanto ao nome da referida revista que publicou a notícia, a pesquisa não conseguiu apurar com exatidão.

<sup>22</sup> Sobre a atitude dos intelectuais face do caso brasileiro: MM observava o país e partilhava com os intelectuais modernistas a preocupação de conseguir a reinterpretação da realidade brasileira, informação que se torna evidente em alguns textos de **Poemas** (1930), e especialmente em **História do Brasil** (1932), em que o poeta expõe claramente sua inquietação em relação ao passado brasileiro. A compreensão muriliana do Brasil estimava que a cultura brasileira deveria dar continuidade a europeia com formato mais original, dialogando entre as culturas por meio de uma relação amistosa, porém firme, com escritores estrangeiros e brasileiros, na perspectiva do trabalho de uma incorporação polifônica de diversos autores que direciona para um dinamismo cultural de sua obra. (SOUZA, 2006).

<sup>23</sup> O movimento de São Paulo: ao qual o poeta MM, refere-se, é o movimento modernista, convivendo com uma diversidade de outros movimentos. No grupo paulista, Mário de Andrade e Oswald de Andrade seguiam a frente. O de Cataguases e o carioca eram considerados menores. Uma parte do grupo carioca era atrelado ao de São Paulo e separada em áreas culturais. No Rio de Janeiro, Antonio Candido esclarece que, Graça Aranha era o líder nominal do movimento, e que fora convidado pelos jovens, por ser ele um escritor famoso com a característica da inconformidade. As intenções deste líder estavam fundamentadas em uma filosofia pouco profunda, denominada de verbosidade telúrica e vitalista sem grande significado. O movimento do Rio de Janeiro tinha grande afinidade com a linha de São Paulo, o que não é o caso do grupo denominado “Festa”, respeitado como conservador, comparando com o de São Paulo. A importância mineira do modernismo era ritualística, o que reservava notável posição aos poetas Carlos Drummond de Andrade e um lugar poético ao MM em **História do Brasil**. Observa-se que após sua conversão esse tom agressivo nas falas de MM, não será mais encontrado. (SOUZA, 2006, p. 45).

<sup>24</sup> Murilo Mendes não publicou nenhuma obra com este título.

---

<sup>25</sup> Murilo Mendes não publicou nenhuma obra com este título.

## Carta 5

Nota de transcrição da carta 05/19 MM a AAL.CAALL-047-07/0357

A dimensão do documento é de 13,5cm de largura x 17,5cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege. 4 documentos autógrafos à tinta na cor preta, documentos escritos apenas na frente.

---

16-1-1935

### Sugestão sobre a “coluna do centro”<sup>26</sup>

Tenho colhido em rodas intelectuais, impressões sobre a “coluna”. Um ponto imediatamente salta à vista: a maneira como certos colaboradores se referem à Rússia Soviética e ao comunismo, atraindo, já não digo a antipatia, mas o ridículo sobre os católicos. Numa época em que publicações dirigidas pra frades, como “Sept<sup>27</sup>”, “La vie intellectuelle”<sup>28</sup> etc., examinam com serenidade a experiência russa aceitando mesmo certos postulados no campo da economia, interpretando como aventura mística a revolução russa torna-se grotesco achincalhar os homens e coisas da Rússia com expressões grosseiras e despropositadas, como as que deporíamos p. e., no artigo “A [ilegível] moral russa” do Sr Alcebíades Delamare<sup>29</sup>. Tal orientação faz aumentar a separação que já existe entre católicos e esquerdistas, o “parti-pris”<sup>30</sup> em relação à igreja e não pôde ser aprovada pelos católicos que desejam tirar lições de todas as experiências humanas, e que sabem que Deus escreve direito por linhas tortas. Acho igualmente condenável a atitude de certos intelectuais católicos (?), como, p.e-, o [ilegível] – A.F.Schmidt<sup>31</sup> (aliás, fora da “coluna”), que vive clamando o seu amor imenso pela Rússia, enfim, fazendo ponte para o comunismo. A única atitude possível, a meu ver, consiste em examinar com espírito de equilíbrio os problemas ligados ao comunismo e à Rússia Soviética, procurando demonstrar [ilegível] mentos, [ilegível] quem os tenha e não com apodos e xingamentos que só deixam transparecer despeito ou incultura. Não quero insinuar que se risquem da “coluna” esses colaboradores; apenas acho que o Alceu poderá convidá-los à sua presença e expor as razões da sua reclamação a fim de que todos sirvam a causa católica. Porque, no momento, estou certo que estão desservindo. Se o Alceu - não individualmente – mas como líder católico – não deseja alienar as

simpatias que tem nos meios esquerdistas, procure melhorar, com o prestígio de que goza, a orientação da “coluna”, do contrário cairá a mesmo no ridículo total. Não queremos apontar ninguém, e sim atrair. Noto também que há colaboradores que examinam com maior serenidade a questão social, mas, com que candura!

Interpretam a todo instante: “que fazer”? ... Como se Leão XIII, Pio X e Pio XI não tivessem orientado o mundo católico sobre esta questão, em tantas encíclicas!

Murilo Mendes

16-1-1935

---

<sup>26</sup> Coluna do Centro: Coluna literária do Centro Dom Vital, associação civil para estudo, discussão apostolado subordinada à Igreja Católica, publicada na revista mensal **A Ordem**.

<sup>27</sup> Tradução: Sete.

<sup>28</sup> Tradução : A vida Intelectual.

Sete e A Vida intelectual são publicações francesas que para Murilo Mendes, aceitam certos postulados no campo da economia, interpretando como aventura mística a revolução russa, tornando-se grotesco achincalhar os homens e coisas da Rússia com expressões grosseiras e despropositadas. (SOUZA, 2006).

<sup>29</sup> Alcebiades Delamare Nogueira da Gama: Advogado, jornalista, político, ensaísta, conferencista, crítico, economista, professor de Direito Administrativo da Faculdade do Brasil (RJ). Teve numerosas obras publicadas sobre catolicismo, integralismo, monarquia, História do Brasil e Geral. (RODRIGUES, 2014).

<sup>30</sup> Tradução: parte tomada.

<sup>31</sup> Augusto Frederico Schmidt: Diretor responsável pela edição mensal da revista **A Ordem**, fundada em 1921, e pela manutenção de uma biblioteca católica no Centro Dom Vital (RJ). De 1924 a 1928 permaneceu em São Paulo, ligando-se às figuras do

---

movimento modernista, sendo um dos divulgadores. Em 1930 reunia-se com intelectuais católicos liderados por Alceu Amoroso Lima em uma livraria católica de sua propriedade. Poeta, editor, político e proprietário da Schmidt editora era admirado por Alceu Amoroso Lima e considerado importante lírico brasileiro. Sua poesia é grandiloquente e discursiva; e frequentemente utiliza o versículo bíblico. No texto “Gonçalves Dias e A. F. Schmidt publicado no jornal, **Folha de São Paulo**, em 25 de abril de 1965, o crítico Alceu Amoroso Lima afirmou que: “A poesia de Augusto Frederico Schmidt é o melhor testemunho moderno de que o romantismo não é apenas uma escola literária, mas representa o elemento permanente e constante que liga, pelas raízes, todos os nossos períodos estéticos. É a marca nacional de todos os ideais poéticos, diversos e sucessivos, que representaram, desde os primórdios de nossa literatura, o reflexo europeu da evolução do gosto literário. Schmidt foi, sem dúvida, um modernista. Não na primeira mas na segunda vaga, a do fim da década de 1920. (RODRIGUES, 2014, p. 91).

## Carta 6

Nota de transcrição da carta 06/19 MM a AAL.CAALL-047-07/0355.

A dimensão do documento é de 16,3cm de largura x 22,8cm de comprimento; possui pautas na frente; na cor bege. 1 documento autógrafo à tinta na cores preta e azul, frente e verso.

Juiz de Fora 18.02.1936

Caros amigos da A.V.C<sup>32</sup>.

Ao chegar aqui encontrei a cidade saindo da semana de ação católica – e completamente goffineidada pelo Cônego Henrique Magalhães<sup>33</sup>. Depois disto recolhi-me em casa com um braço enguiçado, só saí ontem – de maneira que não pude tomar altura do pessoal. Em todo o caso, nos primeiros dias, encontrei grande resistência nos meus propósitos de desgoffineidação. É verdade que Deus escreve direito por linhas tortas – de maneira que não duvido nada que a Semana produza bons resultados.

Seria preciso tirar vários exemplares de D. Martinho<sup>34</sup> a fim de expurgar as turmas, por aí e revitalizar o ambiente.

E vocês, como vão?

Conto estar de volta em fim de março a fim de assistir a semana santa no mosteiro.

Recomendações especiais ao caro D. Martinho.

Para vocês todos um abraço do amo<sup>35</sup> em PX<sup>36</sup>

Murilo

Caixa postal 33

<sup>32</sup> Amigos da A.V.C: Amigos da Ação Vicentina Católica. (ARAÚJO, 2000).

<sup>33</sup> Cônego Dr. Henrique de Magalhães: proferiu breves palavras na inauguração oficial do monumento ao Cristo Redentor, na praia de Botafogo no Rio de Janeiro. A

---

pesquisa não conseguiu apurar muitos dados biográficos sobre a referida figura, apenas os citados.

<sup>34</sup> Dom Martinho Michler: monge beneditino que teve grande importância e influência na vida de Murilo Mendes devido à perspectiva teológica. Criou o Movimento Litúrgico sendo o responsável por uma verdadeira revolução na liturgia (GUIMARÃES, 1986).

<sup>35</sup> Amo: expressão utilizada por MM evidenciando uma clara relação entre o Mestre católico (AAL), e o discípulo.

<sup>36</sup> PX: Expressão latina muito utilizada na liturgia católica e que significa Paz de Cristo. P de “PAX” latina. X, letra grega o “N”, em “Xristos”, (leia-se HRISTÓS), Cristo em grego”. Portanto “Paz de Cristo”.

**Carta 7**

Nota de transcrição da carta 07/19 MM a AAL.CAALL-047-07/0353

A dimensão do documento é de 16,9cm de largura x 23,3cm de comprimento; sem pautas; na cor bege. 1 documento autógrafo à tinta na cor azul, frente e verso.

---

Caixa postal 33

Juiz de Fora, 8 – 3 – 1936

Caro Alceu;

PAX CHRÍSTÍ

Então, como vai você? Sempre na lida, não é? Vim passar algumas semanas aqui, à procura dessa coisa metafísica que é “o clima de Minas”. Ainda não o encontrei, mas acabo encontrando.

Mi<sup>37</sup> vida espiritual de vez em quando sofre colapsos. A excessiva clareza dos dogmas do catolicismo me impede de mergulhar no mistério; e eu preciso continuamente do mistério<sup>38</sup>.

Ando relendo os seus dois últimos livros. O que mais aprecio nesses artigos não é a variedade dos assuntos dentro de uma única orientação - nem a abundância das informações – e sim seu grande e intenso amor à Igreja Católica, essa coisa tão renegada, tão mal compreendida, e, sobretudo, tão única e formidável – a Igreja Católica. A Igreja transparece continuamente através dessas páginas, impõe a todo o instante a sua presença – e, a meu ver, é o que lhes dá o máximo interesse.

Fico pensando: quando é que você terá 40 dias de isolamento e de lazeres para escrever o grande livro, menos sujeito as contingências do jornal e da polêmica, que nós esperamos de um católico tão profundo e extenso como você? É o que peço a Deus neste domingo onde devemos viver a transfiguração<sup>39</sup>.

Pretendo ficar aqui até o fim do mês, a tempo de pegar a Semana Santa em S. Bento.

Um grande abraço do M.M.



PX8

---

<sup>37</sup> Abreviatura: Minha

<sup>38</sup> Quanto ao discurso religioso e sua dimensão universal, Murilo Mendes já havia se colocado a favor, mas o preconceito religioso por parte da crítica literária desloca a compreensão da poética muriliana, já que em relação à religiosidade o poeta coloca em xeque os próprios dogmas do catolicismo. O embate é católico. (SANTIAGO, 2014).

<sup>39</sup> Estado de glorificação, transformação, metamorfose, alteração da figura, das feições, da forma, e que, segundo os Evangelhos Sinópticos, Jesus Cristo apareceu no monte Tabor a três dos Apóstolos. Quadro que representa este acontecimento. (HOUAISS, 2004).

**Carta 8**

Nota de transcrição da carta 08/19 MM a AAL,CAALL-047-07/0350

A dimensão do documento é de 15,3cm de largura x 20,8cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege. 3 documentos autógrafos à tinta na cor azul.

---

Juiz de Fora, - 23 – 3 – 36

Caro Alceu,

Recebi sua carta. Ainda não marquei o dia do meu regresso. Creio que em princípios de abril. Prefiro fazer a conferência no salão do centro D. Vital<sup>40</sup>.

Terei que trabalhar em outra, pois a q. tinha escrito não me agradava mais, já se tendo passado meses. Sinto não poder assistir à sua conferência de domingo: conto ver no jornal<sup>41</sup>.

Não tenho tido o contado com os elementos católicos daqui - mas a impressão que tenho pelas publicações que leio, é que o pessoal é muito goffineidado. O Cônego Henrique Magalhães fez a tempo várias confcos<sup>42</sup> aqui, com enorme sucesso - aumentando o goffineismo local, a meu ver. Em todo caso, Deus escreve direito por linhas tortas.

Reclama colaboração m<sup>a</sup> p<sup>a</sup><sup>43</sup> o jornal. Eu quase não tenho jeito p<sup>a</sup> escrever artigos. Sou mesmo é dos poemas. V.sê que a m<sup>a</sup> colaboração nos jornais é muito intermitente. Meu fator principal de ação católica. São as rodas de artistas e escritores. Como v. sabe vale mais agir profundamente sobre três ou quatro almas, do que superficialmente sobre cem.

Acabei de ler seus livros<sup>44</sup> (ou melhor, reler) e fico sempre com esta forte impressão de sua catolicidade \_ o único escritor brasileiro q. consegue isto, porque os outros, em geral, descatolicizam à Igreja ...

Lembranças ao Wagner<sup>45</sup> e aos outros companheiros.

Um abraço do M.M

---

<sup>40</sup> O Centro Dom Vital organizava e divulgava para o público as suas propostas e pensamentos por meio de conferências e palestras, semanais ou mensais, os palestrantes em sua grande maioria eram intelectuais leigos e religiosos. Esses encontros eram muito concorridos e o auditório do Centro sempre cheio por essa ocasião, repercutindo na imprensa, especialmente na “Coluna do Centro” em **O Jornal**. (RODRIGUES, 2014, p.151).

<sup>41</sup> A Conferência proferida por Tristão de Athayde foi publicada na Coluna do Centro, edição de nº 05.146 de **O Jornal** – domingo, 29 de março de 1936, página 4, intitulada: Questão de Vida ou Morte.

<sup>42</sup> Abreviatura: Confissões

<sup>43</sup> Abreviaturas: Minha e para.

<sup>44</sup> Trata-se provavelmente das obras: “O Espírito e o Mundo” e “Indicações Políticas”, ambas publicadas em 1936.

<sup>45</sup> Wagner Antunes Dutra: Diretor – secretário no Centro Dom Vital e no escritório da Ação Católica Brasileira, quando estes órgãos ainda ocupavam o casarão do antigo Convento do Carmo, na Praça XV, centro do Rio de Janeiro era também amigo pessoal de Alceu. Sobre Wagner Dutra, Alceu declara em sua obra **Companheiros de Viagem**: “Conheci-o, pode-se dizer, em plena miséria, num catre, doente, com os pés enrolados no único casaco que tinha, pois nem de uma coberta dispunha, depois que dias viera ver-me, quando Jackson morreu, por uma dessas misteriosas simpatias que as almas ardentes acendem, na sombra, em torno de si, e a morte deflagra. Por quinze anos vi nele a própria expressão da virtude segundo Cristo, a que passa no meio dos homens despercebida, silenciosa, sem grandes gestos nem grandes palavras e no entanto sempre presente, sempre ativa, sempre vigilante. Era como um anjo entre nós, um anjo malicioso, um anjo irônico, um anjo... mineiro, contador de casos e desenrolador de intrigas. Por quinze anos foi o secretário e o amigo, o confidente e o conselheiro, em quem confiamos mais do que em nós mesmos e sabe sempre dizer a palavra certa no momento exato. [...] Se alguma vez

---

senti de perto a presença do Eterno, junto a mim, devo-o, antes de tudo, à misteriosa figura desse irmão de espírito que Deus levou tão cedo. (LIMA, 1971, p. 68-69, apud RODRIGUES, 2014, p.144).

**Carta 9**

Nota de transcrição da carta 09/19 MM a AAL,CAALL-047-07/0346

A dimensão do documento é de 15,3cm de largura x 21 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege. 4 documentos autógrafos à tinta na cor azul.

---

Juiz de Fora, 14 – 4 – 1936

(Caixa P. 33)

Caro Alceu,

Estou voltando de S.João Del Rei, onde passei a Semana Santa. Visitei um grande ponto do catolicismo burguês.

Típico

Gostei de certas igrejas, como a de S. Francisco e a matriz de Tiradentes - pena é que estejam todas, sem exceção, estragadas e deturpadas pela burrice das irmandades e companhias.

Quanto às cerimônias da S. Santa, perfeitamente goffine.

Encontrei lá uma pequena turma regularmente orientada em relação ao catolicismo, mas infelizmente sem a menor noção de liturgia. A frente se encontra o Lara Resende<sup>46</sup>, que é muito seu amigo. Você tem lá grandes admiradores e amigos sinceros.

Estou lendo hoje as “Apóstrofes” do Padre Julio Maria<sup>47</sup>. Parece-me que o seu papel hoje é semelhante ao dele há 50 cinquenta anos atrás. Você é uma espécie de Júlio Maria sem batina e sem retórica. Certas sentenças desse livro aplicam-se excelentemente a atual situação do Brasil laicidade<sup>48</sup>.

Li uma crônica d’o “globo” de ontem (7ª edição) – do José Jobim, sobre a Rússia<sup>49</sup>. Acho que a Cúria deveria pagar a transcrição da mesma em vários jornais, para edificação de todos aqueles (e são legião) que acreditam não haver perseguição religiosa na Rússia. De visto, o que lhe aumenta o interesse é ter sido escrito pelo José Jobim, que era há pouco comunista.

Estou com grande nostalgia de S. Bento e do nosso pequeno, mas bom grupo de rapazes católicos – pelo que conto voltou por estes dias.

Peço-lhe o favor de acusar em duas linhas o recebimento desta.

Tenho estado com o Hargreaves<sup>50</sup>. É um sujeito bem orientado que, como sabes (e melhor que eu) presta ótimos serviços à causa da Igreja aqui.

Peço-lhe recomendar-me ao Wagner, Hamiton<sup>51</sup>, D. Martinho e demais amigos.

Um abraço do amigo em J.C.

Murilo

---

<sup>46</sup> Oto Lara Resende: (1922-1992), contista, novelista, cronista, romancista, professor, membro da Academia Brasileira de Letras e recebeu o Prêmio Lima Barreto. Foi jornalista colaborando no **Diário**, em Belo Horizonte e em vários jornais como repórter e redator. Com Paulo Mendes Campos, Hélio Pelegrino e Fernando Sabino forma um grupo de amigos pertencentes à geração de 1945. Seus contos revelam um ficcionista inclinado às tendências estéticas modernas. (COUTINHO, 2001).

<sup>47</sup> Padre Júlio Maria: (1850-1916), diocesano e um apologista do catolicismo no Brasil, utilizava-se de um modo de pregação em voga na Europa e ainda desconhecido por aqui. Incardinado na Arquidiocese de Mariana morou em Juiz de Fora, exercendo a função de Capelão da Igreja de São Sebastião. Em 1905, entrou para a Congregação Redentorista e foi transferido posteriormente para o Rio de Janeiro, onde morou até sua morte. Sua obra **Apóstrofes** foi publicada em 1882 em Niterói-RJ e em 1886 em Lisboa. Era nacionalmente conhecido. (MARTINS, 2013).

<sup>48</sup> Laicidade: Atitude que reserva ao Estado uma postura afastada de todas as religiões e um respeito à liberdade de expressão, consciência, e de culto. O espaço estatal não deve ser lugar de manifestação ou de signos religiosos. Atribui especial ênfase ao ensino laico, deixando que o ensino de religião se dê nos espaços das igrejas enquanto sociedades civis. (CURY, 2010).

<sup>49</sup> José Jobim: (1909-1979), jornalista e diplomata, embaixador do Brasil no Paraguai durante a Ditadura (1958 - 1959). Foi revisor e redator de **A Manhã**, do Rio de Janeiro e redator do **Diário de Notícias** de Porto Alegre. Redator de **O Jornal**.

---

Contratado pela Agência Meridional dos Diários Associados e seu enviado especial à Europa. Entre 1930-1936 viajou à URSS, Ásia e África. (BIBLIOGRAFIA, c2009).

<sup>50</sup> Henrique José Hargreaves (1903-1991), filósofo e professor, figura eminente do laicato católico brasileiro. Foi diretor do Centro Dom Vital em Juiz de Fora (MG). (LIMA, 2004).

<sup>51</sup> Hamilton Nogueira, um dos fundadores do periódico A revista **A Ordem**. Em agosto de 1921, Jackson de Figueiredo convidou um grupo de amigos para encontrar-se com ele no Café Gaúcho, localizado à Rua Rodrigo Silva, esquina com a Rua São José à hora marcada numa noite do mesmo mês. Estavam presentes Perilo Gomes, Durval de Moraes, José Vicente, além de Jackson de Figueiredo e eu. Disse então nosso amigo: “Não é possível trabalharmos para a Igreja se não dispusermos de um jornal para expormos as nossas ideias”. Não tínhamos capital. Ele então sugeriu que cada um de nós contribuíssemos mensalmente, com uma pequena quantia. Estava lançada assim **A Ordem**. (RODRIGUES, 2014, p. 94).

**BILHETE 10**

Nota de transcrição do bilhete 10 /19 MM a AAL, CAALL- (sem nº)

A dimensão do documento é de 20,8cm de largura x 12,9cm de comprimento; possui pautas; na cor bege. 1 documento autógrafo à tinta na cor preta.

---

Bilhete.

5-1-1937

Caro Alceu,

Agradeço os votos que me endereçaste para um feliz 1937, retribuindo-os com a mesma amizade. Atendendo ao apêlo que me fazes para colaborar n"“A Ordem”, venho comparecer desde já com os três poemas<sup>52</sup> inéditos que junto aqui, prometendo fazer o possível para cair sempre com m<sup>53</sup>, pequena contribuição.

Abraço do amigo em Px

Murilo.

5-1-1937. Vigília da Epifania<sup>54</sup>.

---

<sup>52</sup> Os poemas inéditos são: Alpha e Omega, Diante do Crucifixo e a Enseada de Botafogo. (A Ordem, 1937).

<sup>53</sup> Abreviatura: Minha

<sup>54</sup> Vigília da Epifania: Murilo Mendes faz alusão à noite que antecede a festa da Epifania cristã da manifestação de Deus ao mundo na pessoa de Jesus de Nazaré, celebrada em 6 de janeiro e que inclui adoração aos Reis Magos e todos os acontecimentos da infância de Jesus, como a circuncisão, a apresentação no Templo e o batismo por São João no rio Jordão. (DONADEO,1998).



**TELEGRAMA 11**

Nota de transcrição do telegrama 11/179 MM a AAL, CAALL-047-07/0342

A dimensão do documento é de 21,3 cm de largura x 20,5cm de comprimento; possui pautas; na cor bege. 1 documento datiloscrito.

---

20-X-37 Telegrama, Rio de Janeiro

De: Murilo Mendes

Para: Alceu Amoroso Lima

Rua: D. Mariana 149 RIO DF.

Meu afetuoso<sup>55</sup> abraço de boas vindas = Murilo Mendes

CT 149

---

<sup>55</sup> Alceu Amoroso Lima no ano de 1937 fez uma série de conferências em Montevideú, Buenos Aires e Santiago do Chile. Não foi possível determinar especificamente a qual cidade ou conferência o poeta se refere. Informação cedida por Fátima Argon, arquivista do ATA/CAALL, enviada por e-mail, datado de maio de 2017 (ANEXO C).

## BILHETE 12

Nota de transcrição do bilhete/cartão de visitas 12/19 MM a AAL,CAALL (sem nº).

A dimensão do documento é de 8,5cm de largura x 5 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege, cartão de visitas de MM em papel timbrado. 1 documento autógrafo à tinta na cor azul, frente e verso. Assinado no verso de giz de cera na cor vermelha.

---

13-XI-37 Bilhete

Caríssimo Alceu tomei a liberdade de incluir seu nome na lista dos subscritores do livro POEMAS de Adalgisa<sup>56</sup> o qual estou fazendo editar sob m<sup>a</sup> orientação e responsabilidade.

S<sup>57</sup>/quota- R 50.\$000. <sup>58</sup>.

Um afetuoso abraço do M.

13-XI-37

---

<sup>56</sup> **Poemas** é o primeiro livro de Adalgisa Nery (1905-1980), escritora brasileira que fez carreira na política, foi casada com o artista plástico Ismael Nery, amigo de Murilo Mendes. A edição deste livro foi organizada por Murilo Mendes. Sobre ela Murilo escreveu o artigo “A margem dos poemas de Adalgisa Nery”, publicado na revista Lanterna Verde, Rio de Janeiro, n.6, abr.1938. A capa é de Santa Rosa. O retrato que orna o frontispício, de Portinari. **Poemas**, Rio de Janeiro: Pongetti, 1937. (GUIMARÃES, 2007, p. 51).

<sup>57</sup> Abreviatura: sem.

<sup>58</sup> Quota- 50mil réis.

**TELEGRAMA 13**

Nota de transcrição do telegrama 13/19 MM a AAL,CAALL - 0307

A dimensão do documento é de 21,4cm de largura x 20,2cm de comprimento; possui pautas; na cor bege. 1 documento datiloscrito à tinta na cor preta.

---

De Murilo Mendes

Para DR Alceu Amoroso Lima

Rua D. Mariana 149 RIO =

29/12/37

Nosso abraço felicitações merecida nomeação<sup>59</sup>. Adalgisa Nery e Murilo Mendes

CT 149

---

<sup>59</sup> Alceu Amoroso Lima foi nomeado Reitor da UDF, Universidade do Distrito Federal, após a implantação da ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937 e coube-lhe combater a reforma da educação no Brasil liderado por Anísio Teixeira. (LIMA, 1973).

**Carta 14**

Nota de transcrição da carta 14/19 MM a AAL,CAALL-047-07/0340

A dimensão do documento é de 16 cm de largura x 22,8 cm de comprimento; possui pautas; na cor bege. 2 documentos autógrafos à tinta na cor preta, escritos na frente.

---

Juiz de Fora, 11 – 9 – 1938.

Meu caro Alceu,

Acabo de ser informado que abandonaste a Reitoria da Universidade do Distrito Federal. Mais uma vez prevaleceram a insídia, a mediocridade e a má-fé. Posso dar testemunho pessoal do teu grande esforço de conciliação, da tua serenidade, firmeza e elevação à frente de tão difícil cargo. Os que como tu, observam a Palavra eterna: NÃO SE PODE SERVIR A DOIS SENHORES, e que resolvem optar, sempre terão contra si o grupo dos dúbios, dos covardes e dos incolores<sup>60</sup>.

Meus pêsames a Universidade e a cultura brasileira.

Podes fazer deste o uso que julgares conveniente.

Um abraço do teu amigo em J.C.

Murilo Mendes

Caixa postal 33

J. de F

---

<sup>60</sup> Com a instauração do Estado Novo, em 1937, a UDF (Universidade do Distrito Federal) foi incorporada aos quadros da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, criada em 1939. A UDF, no Governo Pedro Ernesto oferecia restrições, contrariava a proposta acalentada no Ministério da Educação por Gustavo Capanema, as novas bases da Educação e de fortalecimento da Universidade do Brasil. A nova Universidade deveria ser dirigida por Alceu Amoroso Lima e se submeter ao controle doutrinário da Igreja Católica, mas sua direção terminou sendo entregue a Francisco Clementino de San Tiago Dantas. (A ERA, [19--]).

**CARTÃO/BILHETE 15**

Nota de transcrição do cartão/bilhete, 15/19 MM a AAL,CAALL-047-07/0345

A dimensão do documento é de 13,2 cm de largura x 8,7cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege. 1 documento autógrafo no cartão postal à tinta na cor preta, escrito no verso e endereçado na frente.

---

Juiz de Fora, 20 – 9 – 1938

Meu caro Alceu,

Soube pelos jornais da manifestação que se fizeram há dias<sup>61</sup>. Embora distante, associo-me de todo o coração a mesma, resumindo numa palavra o que penso a teu respeito: que és um homem verdadeiramente apostólico. Confirmando m/ carta de 12 a propósito de tua saída da Universidade.

Um forte abraço do amo em J.C.

Murilo Mendes.

J. de F. CAIXA POSTAL 33.

---

<sup>61</sup> Este é um dos episódios da vida de Alceu Amoroso Lima que o caracterizou como sendo de personalidade polêmica. Alceu exerceu brevemente o cargo de Reitor da Universidade do antigo Distrito Federal e que se demitiu quando advertido de que fora acusado por um professor seu colega de haver permitido a aquisição de obras de autores como Jorge Amado tidos como subversivos, para a Biblioteca da Escola de Letras, de propor a substituição da cátedra de Introdução à Ciência do Direito pela cadeira de Sociologia Jurídica, para que fosse aberto novo concurso a qual o próprio Alceu se propunha concorrer. Houve erros de interpretação a maioria pessoal e protestos por parte de Cornélio Pena, seu admirado amigo contra certo ato seu como Reitor, classificando-o como liberal, afastando-os por algum tempo, em 1938 houve reflexos dessa atmosfera de intolerância ideológica, tão contrária ao temperamento de Alceu que o movimento de 1935 havia agravado. (LIMA, 1973).

**Carta 16**

Nota de transcrição da carta 16/19 MM a AAL, CAALL- (sem nº)

A dimensão do documento é de 20,4 cm de largura x 26,4 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege. 1 documento autógrafo à tinta na cor azul (a cor se perdeu com os anos), frente.

10-5-1939

Caro Alceu:

Viva Cristo Rei

Há vários dias que procuro em vão me comunicar com v., mas nem na sua casa, nem no escritório nada sabem (aparentemente) de suas descidas e subidas, nem o seu endereço em Petrópolis. Afinal obtive este com o Otávio de Faria<sup>62</sup> e resolvi escrever-lhe sobre o caso do Vigário de Brodovski<sup>63</sup>, Padre Sócrates. A situação, segundo o Portinari<sup>64</sup>, piora dia a dia. Ele me contou que a velha mãe dele foi p<sup>a</sup> a cama há 8 dias, depois de ter ouvido o Pe dizer coisas horríveis do púlpito, contra pessoas da família dela. O Portinari pede-lhe a grande caridade de ir, v. ao Núncio<sup>65</sup>, achando dispensável a presença dele, pois não quer parecer que está fazendo carga contra o Pe\_\_\_\_. Estou certo de que, graças á sua atuação, o Pe será transferido, pedindo-lhe encarecidamente procurar o Núncio, caso possível, logo que receba esta. O Portinari está nervosíssimo, e eu, sumamente aborrecido com este caso. Hoje copiei 2 poemas p<sup>a</sup> “a Ordem”, e vou levá-los ao Lauro<sup>66</sup>, pois devo assistir à aula de Dom Martinho. Receba um afetuoso abraço do Murilo.

Rio, 10.05.1939

<sup>62</sup> Otávio de Faria, (1908-1980), homem intelectual, de direita e escritor brasileiro. Membro da academia Brasileira de Letras, eleito para a cadeira de nº 27. Foi também jornalista, ensaísta, romancista, crítico literário e tradutor. Nasceu em 15 de

---

outubro de 1908 no Rio de Janeiro . Filho de Alberto de Faria e Maria Tereza de Almeida Faria. Seu pai, autor da biografia do Barão de Mauá, foi membro da Academia Brasileira de Letras. Passou a infância entre Rio de Janeiro e Petrópolis, onde a família veraneava, na casa adquirida do Barão de Mauá, hoje tombada pelo Patrimônio Histórico. Era cunhado de Alceu Amoroso Lima. Em 1927 iniciou sua colaboração em **A Ordem**, Órgão do Centro Dom Vital, e em Literatura. (FRAZÃO, c2000).

<sup>63</sup> Vigário de Brodowski, Padre Sócrates, (Brodowski- interior de São Paulo/SP). Arquidiocese de Ribeirão Preto. (ARQUIDIOCESE, [19--]).

<sup>64</sup> O pintor Cândido Torquato Portinari nasceu na cidade de Brodoswski, no interior de São Paulo, no dia 29 de dezembro de 1903, numa fazenda de café. Filho de imigrantes italianos de origem humilde, recebeu apenas instrução primária e desde criança manifestou sua vocação artística para a pintura. Morreu em 06-02-1962. Vítima de intoxicação das tintas que utilizava. (BIOGRAFIA, [19--]).

<sup>65</sup> Núncio apostólico ou núncio papal é um representante diplomático permanente da Santa Sé. Representa a Santa Sé perante os Estados, algumas organizações internacionais e perante a igreja local. Costuma ter dignidade eclesiástica de arcebispo. Normalmente reside na nunciatura apostólica, que goza dos mesmos privilégios e imunidades que uma embaixada. (ALBUQUERQUE FILHO, 2005).

<sup>66</sup> Lauro de Araújo Barbosa, (1915-1999), o Dom Marcos Barbosa, da Ordem de São Bento(OSB), foi Monge Beneditino brasileiro e sacerdote católico, escritor, tradutor, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras, onde foi recebido por Alceu Amoroso Lima, a partir de 1980 e de quem se tornou secretário particular. Participou da Ação Universitária Católica e do Centro Dom Vital (LIMA, 2004).

**BILHETE/CARTÃO 17**

Nota de transcrição do bilhete/cartão17/19 MM a AAL,CAALL-047-07/0337

A dimensão do documento é de 8,3cm de largura x 5 cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege. 1 documento autógrafo à tinta na cor preta, frente e verso.

---

Bilhete

Meu caro Alceu,

A pequena “enquete” junto veio ao meu cuidado. Aliás acho-a incrível, mas a pobre repórter tem que ganhar sua vida ... Peço-lhe a finesa de devolver, respondida pelo correio, a D. Luisa Barreto Leite<sup>67</sup> Sanz – Paissandú 34, ou p<sup>a</sup> m/ casa, Marq. Abts 64 – como quiser. É o caso da menina Ester?<sup>68</sup>

Grato, e um afetuoso abraço v.

10 – 9 - 41. M. 3

---

<sup>67</sup> Trata-se provavelmente de uma vizinha, já que Murilo Mendes residiu muito próximo a casa dela, na mesma rua, porém no nº 200, apto 902. (GUIMARÃES, 2007).

<sup>68</sup> A pesquisa não conseguiu averiguar com exatidão o que foi este caso da menina Ester.



**Carta 18**

Nota de transcrição carta 18/19 MM a AAL, CAALL-047-07/0309

A dimensão do documento é de 20,4cm de largura x 26,4cm de comprimento; possui pautas; na cor bege. 4 documentos autógrafo à tinta na cor preta, frente.

---

Rio, 20.1.52

Querido Alceu,

Há muito que estou para lhe escrever, mas todo o tempo é pouco quando se tem uma casa a instalar sobretudo no Rio de hoje. Jorge<sup>69</sup> disse-me que V. me escreveu uma carta, pelo meu cinquentenário. Não a recebi, mas de qualquer maneira agradeço-lhe a bondade. A casa de Ibituruna<sup>70</sup> foi demolida em fevereiro, depois fomos para S. Paulo onde passamos meses, depois p<sup>a</sup> um hotel, de sorte que m<sup>a</sup> correspondência se extraviou. Só no fim do ano o edifício ficou pronto. Foi uma luta medonha (O prédio é de propri. do Mase), mas enfim estamos instalados à Rua Farani<sup>71</sup> 61, ap. 514 – numa Zona onde vivi grande parte da m<sup>a</sup> vida. Meu quarto dá p<sup>a</sup> a enseada de Botafogo o “living” também. Espero que breve possamos ter a alegria da sua visita com D. Maria Tereza, num fundo musical de Bach e Mozart.

Todos os seus amigos sentem muito a sua falta é supérfluo dizer. Em todo caso além da presença espiritual temos o contato dominical com seus artigos, sempre tão vivos. Há dias almoçando em S. Bento, tive ocasião de conversar longamente s/ você, com D. Hildebrando<sup>72</sup>.

Falamos muito também da admirável vocação de Lia. Colho o ensejo para enviar-lhe a D. Maria Tereza, meus vivos parabéns por essa grande graça que receberam. Tive muita vontade de assistir à tomada de hábito da Lia, mas com a questão da instalação foi-me impossível. Podem, entretanto estar certos de que participei espiritualmente neste grande fato. Quando é que contam voltar? Como sabem, o ambiente do Brasil é péssimo. Tudo que há em mim de humano e terrestre se revolta – até o nojo contra o que se passa em nosso país.

A involução moral, a regressão política, o indiferentismo cultural e religioso, a vulgaridade dos costumes, o cafajestismo, a boçalidade, o mercantilismo, a ganância que odiei mais? – formam um quadro que positivamente não seduz ao espírito.

Entretanto penso às vezes: é preciso amar esse povo e esta gente, assim mesmo como é, assim mesmo como o fizeram o erro e o atraso dos homens...

Como seria muito mais fácil amá-los se todos fossem finos, sensíveis, compreensivos, sem ganância, disciplinados! Etc.

Quanto a publicações interessantes do Brasil, suponho que V. receba tudo que conta. Não preciso por v. ao par do que se passa em nossos meios culturais, a crise universitária, a crise do livro, o avanço dos “best-sellers” e das histórias de quadrinhos, etc. Ainda a dias assistimos ao concurso do Mario Pedrosa<sup>73</sup> perante uma banca de 5 examinadores, 3 deles se declararam praticamente incompetentes, visto a novidade de assumir no Brasil, à “Gestalt”<sup>74</sup>.

Pois então não deveriam se eximir de fazer parte da banca?... Ele (Mário) perdeu, como v. deve saber para o filho do Flexa Ribeiro<sup>75</sup>.

E v. como vai ao seu trabalho? Não sei bem do que se trata – sei por alto – mesmo porque infelizmente não leio inglês, embora tenha tido excelente base – mas há muito tempo abandonei esse estudo, implicava com a pronúncia. Gostaria de saber do que tem feito, e se tem colhido rendimento grande do seu trabalho.

Saúde<sup>76</sup> – que se recomenda muito ao casal - recebeu o prêmio Fábio Prada da Associ. Bras. de Escritores, contra 82 concorrentes (poesia)<sup>77</sup>.

Estou tratando da publicação do livro que é belíssimo (opinião de poetas não de marido). Meu sogro, depois de terminar sua grande obra sobre Alexandre de Gusmão<sup>78</sup>, começou agora a história do Brasil pela cartografia<sup>79</sup>. Mora na Rua Paissandú aqui pertinho, e lhe manda recomendações por meu intermédio.

Então, querido Alceu, aqui me despeço, na expectativa de suas próximas notícias diretas como devemos sair por algumas semanas, e não temos ainda certeza p<sup>a</sup> onde vamos, peço-lhe o favor de endereçar p<sup>a</sup> o meu escritório:

AV. FRANKLIN ROOSEVELT 146 – 7°

4<sup>a</sup> VARA DE FAMÍLIA

Pois de lá remeterão p<sup>a</sup> onde estivermos.

M<sup>as</sup><sup>80</sup> saudades a D. Maria Tereza.

O grande fraternal abraço muito saudoso, deste seu certo.

Murilo.

---

<sup>69</sup> Jorge de Lima: (1895- 1953), poeta e romancista brasileiro. Publicou juntamente com Murilo Mendes a obra de poemas **Tempo e eternidade** (1935). **A pintura em pânico** (1943) obra em que suas fotomontagens foram publicadas (em algumas delas houve a colaboração de Murilo Mendes), o texto introdutório é de Murilo Mendes, **Nota liminar**. A obra de poemas **A poesia em pânico** (1938), de Murilo Mendes traz na capa do livro o seguinte crédito: “A capa é uma fotomontagem de Murilo Mendes e Jorge de Lima, com letreiros de Santa Rosa”. Sobre Jorge de Lima, Murilo escreveu o poema **Homenagem a Jorge de Lima** (incluído em **Parábola**), o texto em prosa “Jorge de Lima”, incluído nos **Retratos-relâmpagos**, o poema “Jorge”, incluído em **Conversa portátil**, além do longo texto sobre **Invenção de Orfeu** que fora publicado anteriormente em duas partes em **Letras e artes**, suplemento do jornal **A Manhã**, em 10 de junho de 1951 (“Invenção de Orfeu”) e 24 de junho de 1951 (“Os trabalhos do poeta”). Jorge de Lima é ainda um dos personagens do texto “Mortos-vivos”, incluído em **Conversa portátil**. Na coleção de artes plásticas de Murilo há um desenho de Jorge de Lima. (GUIMARÃES, 2007, p. 31).

<sup>70</sup> Murilo Mendes e Maria da Saudade, após o casamento residiram algum tempo primeiro na casa da Rua Ibituruna nº72 no Maracanã, Rio de Janeiro com os sogros Jaime Cortesão e Carolina e depois na rua Paissandú, 200, ap. 902, no Flamengo. (GUIMARÃES, 2007).

<sup>71</sup> Rua Farani nº 61, ap.514, em Botafogo, Rio de Janeiro. Apartamento adquirido por Murilo e Saudade e onde passaram a morar. (Guimarães, 2007).

<sup>72</sup> Hildebrando Leal (1897-1973), professor de várias disciplinas no Colégio Cajazeiras, diretor fundador do Instituto São Luiz de ensino dos Sertões e intelectual católico. Diretor e colaborador dos jornais **O Esporte** e o **Rio do Peixe** e da revista **Flor de Liz** e **Idade Nova**. Participava no Rio de Janeiro de um grupo católico liderado por Alceu Amoroso Lima e publicou artigos na revista **A Ordem** e foi membro do Centro Dom Vital. (ARGON, 2014).

---

<sup>73</sup> Mário Xavier de Andrade Pedrosa: (1901- 1981), militante político, crítico de arte, de literatura, iniciador da crítica moderna brasileira e das atividades de Oposição de Esquerda Internacional. Ator fundamental nas mudanças ocorridas no campo artístico, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro. Entender a trajetória de Mário Pedrosa implica em multiplicidade de interpretações. O poeta Murilo Mendes dedicou um poema a ele chamado **Grafito para Mário Pedrosa**. (ARANTES, 2004).

<sup>74</sup> Gestalt: é uma teoria que estuda como os seres humanos percebem as coisas, e considera os fenômenos psicológicos como totalidades organizadas, indivisíveis, articuladas, isto é, como configurações. A Psicologia da Gestalt enfoca as leis mentais. Nas Artes plásticas, seu posicionamento afirma serem a carga emocional e os conceitos estéticos atributos de uma obra de arte e não do seu espectador. Gestalt é uma palavra de origem germânica. (ARANTES, 2004).

<sup>75</sup> A Tese, defendida por Mário Pedrosa em 1949, classificou-se apenas para o segundo lugar no concurso para a Cátedra de História da Arte na Faculdade Nacional de Arquitetura tendo o primeiro lugar ficado com Carlos Octávio Flexa Ribeiro, com a Tese “Velazquez e o Realismo”. (MARCONDES, 2011, p. 74).

<sup>76</sup> Maria da Saudade Cortesão Mendes: (1910- 2007), nasceu na cidade do Porto em Portugal, casada com Murilo Mendes, era também poeta e tradutora de obras estrangeiras para a Língua Portuguesa. Entre as obras que traduziu estão; **Murder In The Cathedral**, de T. S. Eliot, **A Midsummer Night’ Dream**, de Shakespeare, e **Calígula** de Albert Camus, que estreou em Paris em 1945. A peça em tradução de Maria da Saudade Cortesão Mendes, foi publicada pela editora Civilização Brasileira em 1963. (GUIMARÃES, 2012).

<sup>77</sup> Maria da Saudade Cortesão Mendes: publicou seu primeiro livro **Dançado Destino** (1952), em São Paulo, com o qual recebeu o prêmio Fábio Prada de Poesia da Associação Brasileira de Escritores.

<sup>78</sup> **Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid** (Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1950- 1956) foi a grande obra escrita por Jaime Cortesão.

---

Alexandre de Gusmão (1695-1753), advogado e diplomata nascido na cidade de Santos no Brasil colônia, secretário particular de D. João VI, conhecido por seu papel crucial nas negociações, pelo Império português, no tratado de Madrid, assinado com a Espanha em 1750. (CORTESÃO, 2009).

<sup>79</sup> O livro **História do Brasil nos velhos mapas**, desenvolvida por Jaime Cortesão nos anos de exílio brasileiro (1940-1957) teve o Brasil como objeto de estudo. Antes de regressar definitivamente a Portugal em 1957 deixou a obra já pronta parcialmente para a imprensa. Jaime Cortesão tomou para si mostrar a evolução da representação cartográfica do Brasil ao mesmo tempo que esclarecia as bases geopolíticas da sua formação. (CORTESÃO, 2009).

<sup>80</sup> Abreviatura: minhas

**Carta 19**

Nota de transcrição carta 19/19 MM a AAL.CAALL -047-07/0319

A dimensão do documento é de 20,4cm de largura x 26,4cm de comprimento; não possui pautas; na cor bege. 5 documentos autógrafo à tinta na cor preta, frente.

---

Roma, 14 de março 1960

Viale Castro Pretório 64

Querido Alceu,

Recebemos seu\* (vosso)\* cartão de natal, tão bonito, em resposta ao nosso. (A propósito, a foto não foi tirada em Roma, e sim na Provence<sup>81</sup>, Les Baux<sup>82</sup> – sítio extraordinário, digno da Espanha, onde Cocteau<sup>83</sup> estava girando seu filme “Le testament d’ orphée”<sup>84</sup>, e onde excursionamos com o nosso admirável João – João Cabral de Melo Neto). De há muito desejo escrever-lhe, mas a dificuldade – o mesmo dizia eu ontem em carta ao Willy Lewin<sup>85</sup> – é que a certos amigos não se tem vontade de mandar uma carta, mas uma série delas – tantos são os assuntos que nos interessam reciprocamente. V. poderá imaginar o que tem sido m<sup>a</sup> experiência – três anos em Roma! Uma coisa é vir à Itália como turista – e eu já tinha vindo em 52 e 54 em tal qualidade -, levar a visão feérica<sup>86</sup> das cidades de arte e dos monumentos, das belas mulheres, etc. Outra coisa é instalar-se aqui, participar da vida do país, viver nas barbas do Papa<sup>87</sup>, as portas da Curia Romana. Para um católico consciente, que sabe das possibilidades infinitas da Igreja, e vê que muitas delas, e são importantes, não são postas em prática, seja pela ignorância de uns, seja pela posição extremamente conservadora de outros – é terrível.

Os cardeais da Cúria Romana, pr. ex<sup>88</sup>. salvo honrosas e poucas exceções, agem como se o mundo não tivesse, de 4 séculos para cá virado tantas páginas – e que páginas! Não querem entrar na correnteza da história. Dir-se-ia que o intento deles é travar a marcha da história – o que não conseguirão, é claro. Não é possível resumir para você tudo o que eu tenho visto, ouvido e observado neste particular. Entretanto, como talvez você não tenha tomado conhecimento de certos fatos, lembro, p. ex, que o cardeal Lercaro, de Bolonha<sup>89</sup>, declarou há dias que “o Comunismo e o

Socialismo serão exorcizado com água benta”. O cardeal Ottaviani<sup>90</sup>, em solene reunião em Santa Maria Maggiore<sup>91</sup>, pronunciou-se contra a distensão política, exatamente no instante em que Gronchi<sup>92</sup> deveria partir para Moscou (depois soube que a partida tinha sido adiada). Há 2 anos atrás o bispo de Piato, que sofreu um processo porque mandou denunciar do púlpito um par que só se casara no civil – como concubinos - comparou publicamente seu martírio com o de Nosso Senhor na sua paixão. Note-se que o bispo não compareceu ao tribunal; sofreu uma multa de 40.000 liras (70 dólares). Na mesma época, altos prelados<sup>93</sup> declaravam que a Igreja não pode respirar na Itália; compararam a perseguição religiosa na Itália à da Europa Oriental e China Comunista (Sic). Também nessa época o Cardeal Lercaro, já citados mandou tocar a finados, durante 30 dias, os sinos da sua diocese, e revestir as igrejas de panejamentos negros. O papa - pessoalmente simpaticíssimo, nascido povo, como v. sabe, um anti-pio XII, espontâneo natural (ainda não fez nenhum discurso doutrinário) no começo parecia disposto, com certas atitudes e declarações suas, a reconhecer o interesse e o valor de determinada linha socialista; quando o Cardeal Patriarca de Veneza<sup>94</sup> reconheceu publicamente a ação de socialistas, dizendo que eles faziam coisas úteis e boas para a coletividade. Houve uma certa fase de a suspense em que se pensou que algumas coisas se mudariam na linha política da Igreja. Mas em breve os Cardeais do Pentágono<sup>95</sup> barravam ao Papa qualquer veleidade de alteração da linha, como logo se viu no caso da aliança política de uma fração da D.C, na Sicília, como socialistas ou comunistas. O Papa, segundo a versão autorizada, não queria assinar o documento do Santo Ofício, que guardou uns dias na gaveta, mas acabou assinando mesmo.

O Papa queria abolir a Servia gestatória. Queria isto, queria aquilo... mas os cardeais de Cúria não deixam.

Existe uma questão mais forte que a questão romana: a dos contrastes entre a Igreja italiana e a universal. A política dos Cardeais italianos é feita de acordo com os interesses locais, em detrimento da Igreja Universal. Quantos cardeais contra a Itália? 31. Quantos cardeais contam países de antiga e fortíssima tradição católica, como França e a Espanha? 6 ou 7 cada um. E o desnível existente entre boa parte das encíclicas, sermões, discursos de eclesiásticos, com sua linguagem obsoleta, e a problemática dos nossos dias? Etc. etc. etc.

Ouvir dizer que nosso episcopado está realizando uma experiência de divisão de terras em certas dioceses. Com certeza do nosso caro Dom Helder. Seria possível a v. informar-me sobre isto? ...

Parece-me supérfluo dizer-lhe que aceito como uma criança os dogmas da nossa religião, e adoro. Como resultam claro, quando se tem o coração aberto, o mistério da Santíssima Trindade, a Encarnação de Nosso Senhor, a Imaculada Conceição, e outros dogmas! Para mim, quando comecei a estudar a sério a doutrina, foi mais fácil aceitar esses divinos mistérios do que a linha política e social da Igreja. Como é bom e confortador que tenham sido definidas essas verdades absolutas, que nos põe frente a grandes causas; estruturas sobrenaturais infinitamente mais fortes e resistentes que tudo o que pretendemos explicar com a nossa ingênua objetividade! É nesse ponto que a Igreja é incomparavelmente grande, disto decorre a fabulosa e contínua geração dos santos. Em resumo, para mim o dogma é claro, é a matéria livre ou controversa muitas vezes obscura. Enfim, ter-lhe dito o suficiente para você ver o que não trato apenas de literatura e artes.

Minha experiência de professor me tem interessado bastante. É a primeira vez que o sou, de fato, na Bélgica, Holanda e Paris fui antes encarregado de conferências, muito mais do que professor. Aqui dou 3 aulas por semana (em italiano). No primeiro ano, em 57, tive dificuldades; mas no ano seguinte a coisa se compôs, e agora entrou tudo nos eixos.

Como v. não ignora, o episcopado francês tem levado muita paulada na cabeça. Uff! Tive um trabalho enorme com a *COMMEDIA*<sup>96</sup>, que li do princípio ao fim estudando minuciosamente cada canto.

Depois li Petrarca e os poetas do *dolce stil*<sup>97</sup> novo, de que gosto muito.

E naturalmente, alguns textos fundamentais da literatura moderna.

O prof Della Rocca<sup>98</sup> visitou-me em 58, vindo da sua parte. Muito cordial, prometeu voltar, ou então, convidar-me p<sup>a</sup> ir a sua casa. Não o fez; creio que é ocupadíssimo.

Temos aqui, ótimas relações no mundo das artes e da literatura. Como v. poderá avaliar. Saúde ajuda muito; é uma companheira exemplar. É muito admirada no nosso círculo – “et pour cause”. Atualmente traduz – com que escrúpulo! – “*A MIDSUMMER NIGHT’S DREAM*<sup>99</sup>.”

V. me diz, que não recebeu meu sétimo livro. As POESIAS, ou TEMPO ESPANHOL? Quanto ao primeiro, seu nome – como é natural – figurava entre os primeiríssimos da lista que enviei ao José Olympio, logo que a obra saiu. Depois do



seu cartão, reclamei ao editor. Mande-me dizer se já o tem, please<sup>100</sup>. Quanto a T.E, se o Candido (comprou 500 exs.) não lhe deu, diga também: expedir-lhe-ei um por via aérea. E agora toca-lhe a vez de me escrever, me contar seus planos e caso tenha exs. disponíveis me mandar seus últimos livros. Logo que puder é claro. Aceite, querido Alceu com D. Maria Tereza os afetuosos abraços de Saüdade e do seu velho Murilo.

{Como v. não ignora, episcopado francês tem levado muita paulada na cabeça}. uff!

Obs: Desculpe-me as emendas; estão fazendo obras aqui em casa, sou interrompido a cada momento.

Como vai a Lia? Nossas lembranças a ela. Melhorou do ouvido? *SPERIAMO BENE*<sup>101</sup>.

M.

---

<sup>81</sup> Provence: cidade Francesa.

<sup>82</sup> Les Baux-de-Provence: é uma comuna francesa na região administrativa da Provença- Alpes-Costa azul, no departamento de Bouches- du- Rhône. Estende- se por uma área de 17Km2. Em 2010 a comuna tinha 436 habitantes.

<sup>83</sup> Jean Cocteau (1889-1963): escritor francês, autor do romance, **Os filhos terríveis** (1929), de peças de teatro como **A máquina infernal** (1934), poeta, artista plástico e cineasta, tendo realizado os filmes: **o sangue de um poeta** (1931) e **Orfeu** (1950). Murilo Mendes guardava em sua biblioteca um exemplar do livro **Portraits-souvenir**, de Jean Cocteau, com um desenho e a seguinte dedicatória: “à Murilo Mendes/ avec/l’amitié/ de/Jean Cocteau, [a Murilo Mendes/ com/a amizade / de / Jean Cocteau]”. (GUIMARÃES, 2007, p. 41).

<sup>84</sup> Tradução: O Testamento de Orfeu.

<sup>85</sup> Willy Lewin: (1908-1971), católico, poeta, intelectual de província, crítico pernambucano e especialista em literatura anglo-americana. Iniciou na literatura ao lado do poeta João Cabral de Mello Neto, no Recife. Mantinha em sua casa uma

---

biblioteca predominantemente europeia, de autores ingleses e franceses em sua quase totalidade, e na qual escasseavam os brasileiros. (WILLY, 1971).

<sup>86</sup> Feérica é o feminino de feérico, que significa esplêndida, fantástica, mágica. Que faz parte de um mundo de fantasia que expressa ou pode conter luxo ou fausto; deslumbrante: monumento feérico que ofusca a visão por ser excessivamente claro. (HOUAISS, 2004).

<sup>87</sup> O Papa atual é João XXIII, simpatizante do Socialismo, barrado pelos Cardeais do Pentágono.

<sup>88</sup> Abreviatura: por exemplo.

<sup>89</sup> Cardeal Giacomino Lercaro, Arcebispo de Bolonha (1891-1976) liberal. (FERREIRA, 2011).

<sup>94</sup> Cardeal Alfredo Ottaviani: (1890- 1979), nasceu e morreu colina do Vaticano, cidade considerada o centro físico e espiritual do mundo católico. Ele era conservador e esteve por várias vezes envolvido em armadilhas, enganado, humilhado antes, durante e após o Concílio, foi um agente poderoso de Deus para impedir que o pior acontecesse, para isso basta ler os documentos do Concílio para perceber quão pior poderia ter sido. (FRATRES, 2017).

<sup>95</sup> Santa Maria Maggiore ou Basílica de Santa Maria Maior é uma das quatro basílicas maiores, uma das sete igrejas de peregrinação e a maior igreja mariana de Roma motivo pelo qual recebeu o epíteto de “maior”.

<sup>92</sup> Giovanni Gronchi (1887-1977), político e terceiro Presidente da República Italiana.

<sup>93</sup> Altos prelados: título de honra, atribuído a certos eclesiásticos que ocupam cargos altos e muito importantes dentro da igreja Católica como: bispos, arcebispos, chefes de ordens religiosas. (HOUAISS, 2004).

---

<sup>94</sup> Cardeal Patriarca de Veneza: é o italiano Giovanni Emílio Maria Urbani (1900-1969), nomeado como Cardeal Arcebispo Patriarca de Veneza em 11 de novembro de 1958. (GENI, 2014).

<sup>95</sup> Os Cardeais do Pentágono do ano de 1960 foram: Luigi Traglia, Arcebispo – titular de Cesarea di Palestina (Vice – gerente de Roma), Peter Tatsuo Doi, Arcebispo de Tokio, Joseph Charles Lefèbre, Arcebispo de Bourges, Bernardus Johannes Alfrink, Arcebispo de Utrecht, Rufino Jião Santos, Arcebispo de Manila, Laurean Rugambwa, Arcebispo de Rutalo.

<sup>96</sup> **COMMÉDIA: A Divina Comédia** obra de Dante Alighiere. Camões e Dante estão presentes também em Jorge de Lima, conforme aponta “As presenças de Camões e de Dante explicam-se pelo próprio desígnio de Jorge de Lima :construir uma epopeia centrada no roteiro do homem em busca de uma plenitude sensível e espiritual.” Observa-se que o catálogo do acervo do poeta MM, arquivado no MAMM, registra uma edição em italiano. Dante Alighiere. La Divina Commmédia. Milano: Rizzoli, 1949. (BOSI,1998, p. 456).

<sup>97</sup> Tradução: Doce estilo.

<sup>98</sup> Fernando Della Rocca: professor, advogado da Rota Romana, enviado cultural extraordinário do governo italiano. (UNIVERSIDADE, 1947).

<sup>99</sup> **A MIDSUMMER NIGHT’S DREAM:** (Sonho de uma noite de verão), obra de Shaskespeare.

<sup>100</sup> Tradução: por favor.

<sup>101</sup> Tradução: esperamos bem.

## 5 CONCLUSÃO

O objetivo de elaborar a edição anotada da correspondência de Murilo Mendes enviada a Alceu Amoroso Lima, apresentando notas explicativas, foi cumprido, na medida em que o contexto das missivas permitiu esclarecer sobre os fatos que envolveram ambos os missivistas, sobre as pessoas que estiveram presentes no círculo de amizade literária dos signatários e sua importância para compreender o estudo da epistolografia como fonte de pesquisa.

O conteúdo deste lote documental confirmou o registro valioso de informações importantes e esclarecedoras localizadas nos arquivos pessoais consultados. Durante a referida pesquisa foram empreendidos esforços para a localização da correspondência de Alceu Amoroso Lima enviada a Murilo, entretanto a busca chegou ao seu propósito sem que este acervo fosse encontrado e disponibilizado.

A hipótese de que esta correspondência teria informações relevantes no âmbito da literatura foi confirmada, já que as fontes elaboradas proporcionaram aprofundar o conhecimento sobre o caminho percorrido em relação ao fazer literário de ambos os missivistas, acompanhar as edições publicadas de suas obras, assim como as atividades militantes de Alceu Amoroso Lima. Foi atestado que Murilo Mendes legitimou a autoridade do escritor carioca como seu mestre católico.

O material missivístico e as obras estudadas ratificaram que Murilo Mendes, enquanto poeta brasileiro, procurou interagir com os ambientes em que circulava, conquistando um grande número de amizades e fazendo contatos, por meio de sua obra poética.

Uma das importantes amizades conquistadas foi a da escritora Laís Corrêa de Araújo por mediação de Virgínia Mendes Torres, e em especial com o amigo Ismael Nery, pintor de influência surrealista. Foi provocador constatar que o referido pintor não expressou em suas telas a proclamada catolicidade, mas, intrigantemente a morte de Nery em 1934 é associada, por estudiosos, à responsabilidade da conversão de Murilo Mendes ao catolicismo.

Foi constatado que o lirismo de Murilo Mendes revelou-se por meio da contemplação mística do catolicismo cristão, e o surrealismo presente em alguns de seus textos perpassou o imaginário do caos, concretizado na maior parte de sua

obra na qual o poeta buscou harmonizar um movimento ateu com uma convicção profunda de religiosidade cristã.

Outras situações pertinentes à vida e à poesia de Murilo Mendes, foram asseveradas como os anos vividos na Europa que culminaram com uma difícil fase da existência do poeta juiz-forano, associadas à incansável produção literária, à dificuldade de encontrar um editor, à depressão que acometeu o escritor mineiro e às limitações financeiras, que não permitiam a ele optar entre a permanência na Europa ou a volta ao Brasil.

Nos textos missivísticos pesquisados validou-se que Alceu Amoroso Lima viveu uma longa e rica trajetória literária, política e religiosa e que as mudanças ocorridas em sua vida pessoal foram reflexos de sua incansável capacidade de mutação. A exemplo de sua (re)conversão ao catolicismo em 15 de agosto de 1928, aos 35 anos, fato de maior relevância no percurso da vida desse intelectual, foi um divisor num antes e depois desse acontecimento, mas que capaz de situá-lo em diversas ocasiões, e em momentos decisivos de sua vida, permitindo-o e obrigando-o muitas vezes a se reinventar para trilhar o seu caminho proposto.

Foi esclarecido por meio destes documentos que sua (re)conversão ao catolicismo sinalizou uma mudança marcante, de um sujeito temeroso para um homem pleno no que diz respeito à liberdade e à formação de uma consciência religiosa e comprometida: sua vida foi uma incansável busca pela superação.

Foi certificado que o ato de escrever cartas teve um papel fundamental na construção identitária dos missivistas. Estudar a correspondência desses dois grandes escritores possibilitou desvendar, algumas das múltiplas identidades de Murilo Mendes como um intelectual completo: poeta, ensaísta, crítico de arte, jornalista, professor universitário e católico atuante nos anos de 1930 e 1940. Dono de uma vasta produção literária, de grande liberdade de criação e de pensamento em face da tradição religiosa brasileira. E de Alceu Amoroso Lima, personagem marcante da vida intelectual no Brasil no século XX: grande escritor católico, crítico literário, professor universitário, ensaísta, filósofo, jornalista, produzindo sob o pseudônimo de Tristão de Athayde. Advogado, empresário, membro da Academia Brasileira de Letras, líder católico, humanista e um dos fundadores da PUC-RIO (Pontifícia Universidade Católica) do Rio de Janeiro o que lhe assegurou o empenho com a educação católica.

Por todas essas questões investigadas no desenvolvimento desta pesquisa concluiu-se que, Murilo Mendes foi um poeta ímpar tanto para a poesia brasileira, como para a estrangeira. E que, Alceu Amoroso Lima, foi um crítico literário de elevada qualidade, autor de quase uma centena de livros, opúsculos e artigos em jornais e revistas nacionais e estrangeiras, contemplando as mais diversas áreas de conhecimento e temas. Exerceu forte influência em decisões no meio político, educacional e representou um grande número de pessoas com sua fé católica.

Essas singularidades coordenaram os motivos pelos quais o carteadado de Murilo Mendes e Alceu Amoroso Lima merece ser mais lido, divulgado, estudado e pesquisado, apresentando à sociedade contemporânea as incontáveis possibilidades de investigação.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE FILHO, Clovis Antunes Carneiro de. Vaticano, Santa Fé e a Nunciatura Apostólica: breves comentários. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, VIII, n. 21, maio 2005. Disponível em: <[www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura7artigo\\_id=5638revista\\_caderno6=16](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura7artigo_id=5638revista_caderno6=16)>. Acesso em: 28 abr. 2017.

ALCEU Amoroso Lima: jornalista mov. católico. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, [19--] Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIMA,%20Alceu%20Amoroso.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2016.

ALVARENGA, Vanilda Cardoso de. **O poeta e o crítico**: Murilo Mendes escreve a Antonio Candido. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Alceu, radiante, espelho. **Jornal do Brasil**. 1980-1989. Edição 00130, PRC-SPR-00009-030015, HEMEROTECA, 16 ago. 1983. p. 1

ANDRADE, Mário de. A poesia em pânico. In: MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 33-34.

ARAGÃO, Maria Lúcia G. Poggi de. **Murilo Mendes**: ensaios sobre escritores brasileiros e portugueses. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. [1940]. **Mário Pedrosa**: itinerário crítico. 2. ed.- São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

ATHAYDE, Tristão; MOTA, Lourenço Dantas. **Diálogo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

A AUSÊNCIA definitiva. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 15 ago. 1975. Edição 00129. Disponível em: <[http://www.hemeroteca/Jornal do Brasil-1970 a 1979-PRC\\_SPR\\_00009\\_030015](http://www.hemeroteca/Jornal do Brasil-1970 a 1979-PRC_SPR_00009_030015)>. Acesso em: 10 maio 2016.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. **Murilo Mendes**: ensaio crítico, antologia, correspondência. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ARGON, Maria de Fátima Moraes (Org.). **Guia do Acervo do Centro Cultural Alceu Amoroso Lima para a Liberdade**. 2. ed. rev. e atual. Petrópolis: Reflexão, 2014.

ARQUIDIOCESE DE RIBEIRÃO PRETO. **Vigário de Brodowski**: Padre Sócrates. Ribeirão Preto, [19--]. Disponível em <[www.arquidioceserp.org.br=pag-padresdiocesanos](http://www.arquidioceserp.org.br=pag-padresdiocesanos)>. Acesso em: 19 ago. 2015.

BANDEIRA, Manuel. Apresentação de Murilo Mendes. In: MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 34-36

BARCHIESI, Eduardo. **A pintura de Ismael Nery sob o olhar poético de Murilo Mendes**- Blog, 8 nov. 2014. Disponível em: <[www.eduardobarchi...gspot.com.br](http://www.eduardobarchi...gspot.com.br)>. Acesso em: 13 nov. 2016.

BEHAR, Eli. **Vultos do Brasil**: dicionário biobibliográfico brasileiro. São Paulo: Artes Gráficas Bisordi, 1967.

BIOGRAFIA de Agripino Grieco. São Paulo: Itaú Cultural, [19--]. Disponível em <[itaucultural.org.br/pessoa3424/agripino-grieco](http://itaucultural.org.br/pessoa3424/agripino-grieco)>. Acesso em: 18 fev. 2017.

BIOGRAFIA de Cândido Portinari. São Paulo: Memorial, [19--]. Disponível em:<[memorial.org.br/acervo/obras-de-artes/painel-tiradentes/biografiaportinari](http://memorial.org.br/acervo/obras-de-artes/painel-tiradentes/biografiaportinari)>. Acesso em: 28 abr. 2017.

BIOGRAFIA de José Jobim. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, c2009. Disponível em: <[www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose Jobim](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-jobim)>. Acesso em: 30 jun. 2017.

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. Brasília: Ed. Unb. 2010. v. 1.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a Arte**. São Paulo: Ática, 1999. (Coleção Fundamentos)

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.

CALLADO, Ana Arruda. **Adalgisa Nery**: muito amada e muito só. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.



CANDIDO, Antônio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: UNICAMP, 1998. v. 18.

CORDEIRO, Leandro Luiz. **Alceu Amoroso Lima e as posturas políticas na igreja católica brasileira (1930-1950)**. 2008. 223 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Paraná, Maringá-PR, 2008.

CORTESÃO, Jaime. **História do Brasil nos velhos mapas**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2009. Tomo I. (Obras completas; 11).

CORTESÃO, S. da M. [carta] 08 de set.1975, Lisboa [para] Araújo. C. L. de. 1 f.

COUTINHO, Afrânio Coutinho; SOUZA, J. Galante de. **Enciclopédia da literatura brasileira**. São Paulo: Global, 2001. v. 2.

CRUZ, Eva Aparecida Pereira Seabra. **A função de Orfeu e a pedra no caminho em bumba-meu-poeta e outras obras**. 2005. 162 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Teoria Literária e literatura Comparada, São Paulo, 2005.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Alceu Amoroso Lima**. Recife: Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

CURY, Maria Zilda Ferreira; WALTY, Ivete Lara Camargo. (Org.). **Intelectuais e vida pública: migrações e mediações**. Belo Horizonte: UFMG. Faculdade de Letras, 2008.

DURANT, Will. Aristóteles e a ciência grega. In: \_\_\_\_\_. **A história da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 74-78.

DONADEO, Maria, Madre. **O ano litúrgico bizantino**. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 1998.

DICIONÁRIO da Língua portuguesa. Portugal: Porto. Disponível em: <[www.portoeditora.pt/lingua-portuguesa/mobilr-apps](http://www.portoeditora.pt/lingua-portuguesa/mobilr-apps)>. Acesso em: 30. nov. 2016.

DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

A ERA Vargas: dos anos 20 a 1945. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, [19--]. Disponível em: <cpdoc.fgv.br/...Radicalização Política/ Universidade do Distrito Federal>. Acesso em: 6 jun. 2017.

FERREIRA, Antônio Matos; ALMEIDA, João Miguel. (Coord.). **Religião e cidadania: protagonistas, motivações e dinâmicas sociais no contexto Ibérico**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos de História Religiosa, 2011. Disponível em: <www.https://books.google.com.br/books?isbn=972836136x>. Acesso em: 8. jun. 2017.

FRATES, in Unum.com. **Cardeal Ottaviani: um dos últimos romanos**. Disponível em [https:// fratresinunum.com>tag>cardeal ottaviani](https://fratresinunum.com/tag/cardeal-ottaviani). Acesso em: 16. maio. 2017.

FRAZÃO, Dilva. **Otávio de Faria: escritor brasileiro: biografia**. [S.l.]: e-biografias, c2000. Disponível em: <[www.e-biografias.net/otaviodefaria](http://www.e-biografias.net/otaviodefaria)>. Acesso em: 28 abr. 2017.

GENI. Geology. **Giovanni Emílio Maria Urbani (1900-1969)**. Disponível em: <[www.geni.com>people>Don-Giovanni.2014](http://www.geni.com/people/Don-Giovanni.2014)>. Acesso em: 31. maio. 2017.

GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. Crítica, combate e deriva do campo literário em Alceu Amoroso Lima. **Tempo Social Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 101-133, nov. 2011.

GRIECO, Agripino. **Evolução da Poesia Brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1944.

GUIMARÃES, Júlio Castanõn. (Org). **Cartas de Murilo Mendes a Roberto Assumpção**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007.

GUIMARÃES, Júlio Castanõn. **Distribuição de papéis: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1996. (Papeis avulsos; 27).

\_\_\_\_\_. **Murilo Mendes**. São Paulo: Brasiliense, 1986,

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa (Org.). 2. ed. rev. e aum.- Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JANUÁRIO, Marcelo. Alceu Amoroso Lima: humanismo e cultura no jornalismo brasileiro. In.: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 1., 2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: [s.n.], 2004.

LEITE, Fábio Luis de Almeida. **A reconversão de Alceu Amoroso Lima: a correspondência com Jackson de Figueiredo entre 1924 e 1928.** 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós- Graduação em Ciências da Religião, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufjf.br/spui/bitstream/ufjf/...fabioluisdealmeidaleite.pdf>>. Acesso em: 24. nov. 2016.

LIMA, Alceu Amoroso. **Cartas do pai:** de Alceu Amoroso Lima para sua filha Madre Maria Teresa. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.

LIMA, Alceu Amoroso. **Companheiros de viagem.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

\_\_\_\_\_. **Estudos:** quinta série (1930-1931). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Nacional, 1933. (Biblioteca Brasileira de Cultura; 111)

\_\_\_\_\_. **Memórias improvisadas:** diálogos com Cláudio Medeiros Lima. Prefácio de Antônio Houaiss. Petrópolis: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. **Memorando dos 90:** entrevistas e depoimentos. Textos coligados e apresentados por Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

MARCONDES, Guilherme. Autoridade e Discurso: uma análise da trajetória de Mário Pedrosa. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 62-79, ago. 2011. Disponível em <<http://www.habitus.ifcs.ufrj>>. Acesso em: 23 maio 2017.

MARTINS, Marco Aurélio Corrêa. **Padre Júlio Maria e a apologética da igreja do povo:** o ideal de república democrática ao final do Século XX e a educação 2013. 217 f Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação, Juiz de Fora, 2013.

MURILO, M. [bilhete] 5 de jan. 1937, [S.l.] [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 1 f.

\_\_\_\_\_. [bilhete] 13 de nov. 1937, [S.l.] [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 1 f.

- MENDES, M. [bilhete] 10 de set. 1941, [S.l.] [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 1 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 27 de dez. 1930, Rio de Janeiro [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 5 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 27 de fev. 1931, Pitangui [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 1 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 23 mar.1931, Pitangui [para] LIMA, A. A. Rio de Janeiro. 2 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 16 de jan. 1935, [S.l.] [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 4 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 18 de fev. 1936, Juiz de Fora [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 1 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 8 de março. 1936, Juiz de Fora [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 1 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 23 de março. 1936, Juiz de Fora [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 3 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 14 de abril. 1936, Juiz de Fora [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 4 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 11 de set. 1938, Juiz de Fora [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 2 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 20 de set. 1938, Juiz de Fora [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 1 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 10 de maio. 1939, Juiz de Fora [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 1 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 20 de jan. 1952, Rio de Janeiro [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 4 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 14 de mar. 1960, Roma [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 5 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 22 de fev. 1970, Roma [para] Torres, M.V. Brasil. 2 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 28 de set. 1971, Roma [para] Araújo.de. C. L. Brasil. 1 f.
- \_\_\_\_\_. [carta] 28 de jul. 1972, Roma [para] Araújo. de. C. L. Brasil. 1 f.

MENDES, M. [carta] 29 jan. 1975, Roma [para] Torres. M. V. Brasil. 1 f.

\_\_\_\_\_. [carta] 14 de maio. 1975, Roma [para] Torres. M. V. Brasil. 1 f.

\_\_\_\_\_. [poema] 1930. 1 f.

\_\_\_\_\_. [telegrama] 20 de out. 1937, Rio de Janeiro [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 1 f.

\_\_\_\_\_. [telegrama] 29 dez. 1937, [S.l.] [para] LIMA, A. A. Petrópolis. 1 f.

\_\_\_\_\_. **Janelas verdes**. Lisboa: Galeria 111, 1989.

\_\_\_\_\_. **Recordações de Ismael Nery**. São Paulo: Edusp, 1996.

\_\_\_\_\_. **A idade do serrote**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. A importância dos arquivos para a crítica genética: um pouco de história e de manuscritos, In: ENLETRARTE, 5., 2011,. Campos dos Goytacazes/RJ. **Anais...** Campos de Goytacazes, RJ: [s.n.], 2011. p. 5-14.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio I** São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MORAES, Marco Antonio de. (Org.). **Antologia para carta no Brasil: me escreva tão logo possa**. São Paulo: Moderna, 2005. (Coleção Lendo & Relendo Carta).

MORAES, Marco Antonio de. (Org.). **Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade**. São Paulo: Universidade de São Paulo; Fapesp, 2007.

\_\_\_\_\_. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura**. São Paulo: jan./mar. 2007, v. 59, n. 1. *On-line version*.

MORREU o poeta Murilo Mendes. **Diário Mercantil**. Juiz de Fora, 15 ago. 1975. Edição 19.002. Hemeroteca da Biblioteca Municipal Murilo Mendes.

NAVA, Pedro. **O círio perfeito**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

NÓBREGA, Dormevilly. **Revedo o passado**: memória juiz-forana, 3ª série. Juiz de Fora: Edições Caminho Novo, 2001.

OLIVEIRA, Lúcia Maria Velloso de. **Descrição e pesquisa**: reflexões em torno dos arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Mobile, 2012.

A ORDEM, **Revista**, Rio de Janeiro, Ano XVII, p. 48, jan.-jul. 1937.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. In: Murilo Mendes. **Poemas e bumba-meu-poeta**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <<http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%29Mest%2014/andre%20Capraro/mem%00f3riaeidentidadesocial.pdf016>>. Acesso em: 6 maio 2017.

RAMOS, Rogério de Araújo. **Dicionário didático de Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2011.

RIBEIRO, Gilvan Procópio; NEVES, José Alberto Pinho. **Murilo Mendes, o visionário**. Juiz de Fora: Edufjf, 1997.

RODRIGUES, Leandro Garcia. **Alceu Amoroso Lima**: cultura, religião e vida literária. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2012.

RODRIGUES, Leandro Garcia. **Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Alceu Amoroso Lima**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

SALLES, Cecília Almeida, **Crítica genética**: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação. 3. ed. São Paulo: Educ, 2008.

SANTIAGO, Silvano. **Poesia fusão**: catolicismo primitivo/mentalidade moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SANTOS, A. de Araújo. **Jornal Le Mond-Littérature**. França, 29 oct. 1975.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. **Ao sol carta é farol**: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. São Paulo: UNICAMP, 1998. v.18.

SOBRAL Pinto se despede de Alceu Amoroso Lima com “até breve”. **Jornal do Brasil**, 1980-1989. Edição 00130, PRC-SPR-00009- 030015, 16 ago. 1983.

SOUZA, Valmir. **Murilo Mendes**: da história satírica à memória contemplativa. 2006. 231 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Teoria Literária e literatura Comparada, São Paulo, 2006.

THOMPSON, Maria Elisa Escobar. **Minha irmã epistolar**: cartas do poeta visionário. Murilo Mendes a Virgínia Mendes Torres, 2010. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2010.

UNIVERSIDADE do Texas. **Revista da Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro: Academia brasileira de Letras, v. 75-76, 1947.

VASCONCELLOS, Eliane. Carta missiva. **Remate de Males**, São Paulo, v.18, p. 61-69, 1998.

VICENT-BUFFAULT, Anne. **Da amizade**: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

WILLY Lewin. **Revista Veja**. Rio de Janeiro, edição 164, p. 92, 1971. Disponível em <[www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br)>. Acesso em: 6 jun. 2017.

## ANEXO A

9m

Alceu Amoroso Lima

Rio

Si notícia suas próximas conferen-  
 cias deinho pedis obsequio mandar  
 resumo mesmo, dificuldade jornais  
 aqui só aparece 'O jornal'. Questão  
 social operária política me intere-  
 ssa bastante evidentemente  
 não posso examinar rigor técnico  
 de este processo tão alto assunto  
 abstrato tempo perspectiva  
 método essencialista julgando de  
 lastres desgraças humanas im-  
 prescindíveis construção ser ven  
 equilíbrio humano do contrário se-  
 ria unilateralidade que presupo-  
 sia homem contra natureza mas  
 também não se pode desprezar me-  
 alívio esquecendo teorias falsas  
 idealistas prometem épocas sociais  
 fantasmas resas. Atchei boa ideia  
 grupalismo tendência orientação  
 minha algumas amigos Rio  
 Men



(2)

evitando individualismo e sa-  
 grado ao mesmo tempo comunismo  
 reprimindo certas dilatações justifi-  
 ficáveis personalidade e amplia-  
 ção alita psicológica homem.  
 Me pareceu ótimo conjunção  
 fatores economicos políticos reli-  
 giosos constituição sociedade mais  
 equilibrada! Experiencia russa  
 mundo sem Deus experiencia in-  
 teressante prova poder dissociação  
 humana se construir destruir mesmo  
 tempo mas não se ve besteira  
 homem completo nem ha duvida  
 quanto miss crises mais deli-  
 rantes atitudes modernas que não  
 renego declaro não posso prever  
 Dir visto tenho muito ans, aha  
 vessado garganta figura imen-  
 sa onde cabem caberão todo  
 poetas artistas filósofos até  
 fim mundo Sua orientação  
 seria consegue convencer

(3)

homem, boa vontade e um bom  
 eu pessoalmente não couro  
 de certos escrúpulos, e saguado  
 talvez necessário, canifa  
 nha. Não dou na última pa  
 laura porque sou completa  
 mente elástico. Estou passando  
 do meu tempo aqui de se arca  
 ambiente. Não ataca senão ali  
 de não me deixa pensar. Es  
 tou casa imã e calente otimo  
 utula boa cozinheira e na  
 morados. Depois mesmo re  
 volução parece se aumentou  
 necessidade de poesia e o se gem  
 equilibrio situando inquietu  
 cas já está se tornando litera  
 ria mas existe realmente  
 homem deitar sua forma  
 sua essência precisa um  
 varios espaços de nenhum  
 tempo, não cérebro, só do  
 braço a técnica e deficiên

(4)

tissima.

Este estilo telegrafico não  
 é falta de consideração porque  
 momento milha teinho espi-  
 mir alguma coisa.

Feliz 1931.

Cordial apete mão  
 antº admº sempre

Murilo Mendes.

Pitangui - S. F. Oeste Minas

a/c Dr. Profº Mendes, grº

27. XII. 1930.

## ANEXO B

## CENTRO ALCEU AMOROSO LIMA PARA A LIBERDADE/CAALL

Rua Mosela, 289 - Mosela - Petrópolis - RJ – Brasil CEP 25675-481 Tel./Fax: 55 (0xx24) 2242-6433

E-mail: [bolrede@terra.com.br](mailto:bolrede@terra.com.br)

[centroamorosolima@yahoo.com.br](mailto:centroamorosolima@yahoo.com.br)

CT 474 / CAALL / 2015. Petrópolis, 7 de julho de 2015.

Prezada Prof. Fátima Campos,

A correspondência abrange o período de seu interesse: 2 documentos de 1930 (carta e um poema); 2 cartas de 27/02/1931 e 23/03/1931; 1 documento de 16/01/1935; 4 cartas de 18/02/1936, 08/03/1936, 23/03/1936, 14/04/1936; 1 Bilhete 05/01/1937; 1 Telegrama de 20/10/1937; 1 Cartão de visita 13/11/1937; 1 Telegrama 29/12/1937; 1 Carta 11/09/1938; 1 cartão 20/09/1938; 1 Carta 10/05/1939 e 1 Cartão de 10/09/1941. Há, ainda, outros documentos sem data que necessitam de pesquisa para datação.

A documentação está disponível no site [www.alceuamorosolima.com.br](http://www.alceuamorosolima.com.br).

Os dias para consultas presenciais no mês de julho são os seguintes: 9, 21, 23, 28, e 30.

Aguardo o seu contato,

Atenciosamente,

Fátima Argon

Arquivista

## ANEXO C

Prezada Profa. Fátima

O Dr. Alceu no ano de 1937 fez uma série de conferências em Montevideú, Buenos Aires e Santiago do Chile, talvez isso possa explicar as boas vindas.

Quanto ao bilhete, informo que a transcrição correta é: S/quota - R. 50\$000.

Portanto, é: Sem quota - 50 mil réis.

Cordialmente,

Fátima Argon

Arquivo ATA/CAALL

Em 23 de maio de 2017 16:06, Alceu Amoroso

Lima <[centroamorosolima@yahoo.com.br](mailto:centroamorosolima@yahoo.com.br)> escreveu:

**CENTRO ALCEU AMOROSO LIMA PARA A LIBERDADE/CAALL**

Rua Mosela, 289 - Mosela - Petrópolis - RJ – Brasil CEP 25675-481 Tel./Fax: 55 (24)

2242-6433

E-mail: [bolrede@terra.com.br](mailto:bolrede@terra.com.br)

[centroamorosolima@yahoo.com.br](mailto:centroamorosolima@yahoo.com.br)

C / CAALL / 2017. Petrópolis, de Maio de 2017.